Almanaque d'O TICO TICO
1950
T.T.
PREÇO
Cr.$15.00

## Riscos para bordar

ALBUM N.º 4

Interessantissima variedade de riscos e modelos de trabalhos na medida da execução! Sugestões admiráveis, próprias para cama e mesa, enfeites, e de uso pessoal. Adôrnos graciosos para o Lar.

Album, em grande formato, com 40 páginas que todas as donas de casa apreciam imensamente! Sugestões maravilhosas!

**PREÇO: Cr$ 20,00**

## O ponto de cruz

ALBUM N.º 1

Afinal apareceu o album de trabalhos de ponto de cruz, tão desejado! Os mais belos desenhos, no tamanho de execução, em côres próprias!

Os trabalhos dêste album, todo colorido, nas sugestões mais originais e encantadoras, satisfazem inteiramente!

Guarnições, "panneaux", aplicações... Grande variedade de trabalhos graciosos!

**PREÇO: Cr$ 20,00**

## Blusas Bordadas

ALBUM N.º 2

Blusa!... Uma peça que realça sempre a graça da beleza feminina! Êste album apresenta uma série de riscos e desenhos de encantadoras blusas, para todos os gôstos!

Modelos modernissimos, desenhos em ponto de sombra, fantasias e aplicações de cambraias e fustão.

**PREÇO: Cr$ 25,00**

## O lar A mulher e A criança

ALBUM N.º 6

Eis um album de real utilidade no Lar!

Verdadeira coleção de trabalhos originais. Motivos para toalhas, fronhas, lençóis, panos de mesa. As senhoras encontram nas 44 páginas dêste album desenhos maravilhosos, com as mais amplas explicações, para fácil execução dos trabalhos!

Assuntos de "lingerie", assim como modelos de roupinhas para crianças. Êste album é um manual de lindas sugestões às donas de casa. Utilíssima obra.

**PREÇO: Cr$ 25,00**

## Roupinhas do Nenê

ALBUM N.º 5

As mães dedicam, com razão, uma especial atenção à confecção do enxoval do recem-nascido! O album "Roupinhas do Nenê" resolve perfeitamente o problema!

Quantas sugestões se encontram nêste delicado album! Belos desenhos, tendo em vista o confôrto, senso prático e graciosidade na confecção das peças do enxoval do bebê.

Os desenhos são acompanhados de amplas explicações para fácil execução dos trabalhos!

Album de indiscutivel utilidade!

**PREÇO: Cr$ 20,00**

## O Filet

ALBUM N.º 2

Contém uma rica e variada coleção de motivos para barras de toalhas de jantar, panos para móveis, centros de mesa, paninhos, barras para toalhas de altar etc., podendo os modelos ser executados também em crochê.

**PREÇO: Cr$ 15,00**

## Monogramas artísticos

ALBUM N.º 3

Quem não precisa, de quando em quando de um monograma? Este album reune em suas inúmeras páginas os mais interessantes tipos de monogramas.

Um desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas combinações! O mais completo album que existe no gênero!

44 páginas úteis e bem feitas.

**PREÇO: Cr$ 15,00**

## EDIÇÕES DA BIBLIOTÉCA "ARTE DE BORDAR"

ESTES albuns estão à venda em toda a parte. Não os encontrando na sua livraria ou agencia de revistas, peça-os — fazendo a encomenda com a respectiva importancia, ou pelo Reembolso — à S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — RIO DE JANEIRO.

FÁBULAS Sertanejas
Gustavo Barroso
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
HISTÓRIAS MARAVILHOSAS
Humberto de Campos
O TICO-TICO
CONTOS da Mãe PRETA
OSWALDO ORICO
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
A CABEÇA DE OURO
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
LIVROS
que valem ouro!
Quatro novas edições da Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico, que vêm acrescer as séries anteriores, que tanto sucesso alcançaram. São seus autores quatro grandes nomes das letras nacionais: os acadêmicos Gustavo Barroso — que escreveu "Fábulas Sertanejas"; Humberto de Campos — cujo único livro para crianças é êste "Histórias Maravilhosas"; Oswaldo Orico, autor de "Contos da Mãe Preta" cujas duas anteriores edições se esgotaram completamente — e Josué Montello — escritor, laureado, que assina "A cabeça de ouro"
Preço de cada exemplar, em grande formato, ótima encadernação, fartamente ilustrado, capa em lindo colorido: Cr$ 15,00.
Nas livrarias e na S. A. "O MALHO" - Senador Dantas, 15-5.º — Rio
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Centenas de páginas dedicadas à mulher e aos seus problemas, divididas em secções que tratam de todos os assuntos femininos. Sendo um belo álbum a que não faltam lindas fotografias de artistas, poesias escolhidas, boa literatura sentimental e lírica bem ao gosto do sentimentalismo feminino, contém sugestões e soluções sôbre arranjo caseiro, arte culinária, problemas de beleza, bordados finos, lingerie, vestidos para noiva etc.

É um conselheiro perfeito para a jovem e utilissimo auxiliar para a dona de casa. Páginas da maior beleza, escolhidas cuidadosamente para agradar à sensibilidade feminina.

O "Anuário das Senhoras" custa apenas Cr$ 15,00, em tôdas as livrarias, ou na S.A. "O MALHO", à rua Senador Dantas, 15, - 5.º andar — Rio — que também atende-a pedidos para qualquer cidade do país, pelo Serviço de Reembolso Postal.

À VENDA

# Adivinhe, adivinhador...

| TEMPESTADE | BONANÇA |
|---|---|

Neste simples hieroglifo está expresso um proverbio muito conhecido de vocês. Quem será capaz de descobri-lo? Faça você um esforço, leitor. Se não acertar, veja a solução à pagina 140.

| I G U A L | I G U A L |
|---|---|
| Q U A L | Q U A L |

Aqui está outro proverbio conhecido e fácil de ser lido. E' só prestar um pouco de atenção. Veja se descobre. Se não o conseguir dentro de um tempo razoável, veja a solução à página 140.

## Não devemos perder nosso tempo

A perda do tempo é uma perda irreparavel, porque se não póde resgatar um só minuto nem com todas as riquezas do mundo. E' pois de maior importancia empregar bem o tempo, que só consta do momento de que devemos tirar o melhor partido. Só nos resta o presente; o passado já nada é, e o futuro é incerto.

# Três por três

SERÃO, talvez, do tempo dos fenicios, as máximas: "Três por três", que, a título de curiosidade esquecida, vamos oferecer ao amigo leitor, Ei-las:

Há três poucos e três muitos funestos ao homem: pouco saber, pouco ter e pouco valer; muito falar, muito gastar, e muito presumir.

Três muitos são recompensados por três muitos; muito estudo dá muito saber; muita retidão dá muita paz; muita reflexão muita sabedoria.

Três bons médicos existem no Mundo, falando tôdas as lingunas, idiomas ou dialetos; o dr. "Dieta", o dr. "Alegria" e o dr. "Trabalho".

De três qualidades distintas carece o homem para ser relativamente feliz: crenç apara evitar o cair nos vicios que a vida oferece; sossego de coração para conciliar os homens; paciência para suportar as chicotadas vibradas pelos traidores.

Finalmente, para que a paz de alma seja conosco, todos os dias e todas as horas, deveremos ter presentes, ou praticar, se possível, três verbos: "ouvir, ver e calar"...



# Chupando cana

Chupando cana, "sêo" Justo,
avarento impenitente,
sentiu quebrar-se-lhe um dente
e levou um grande susto.
Mas logo riu, prazenteiro,
e disse assim: — "Antes isso!
Êste não custou dinheiro!
Pensei que fosse o postiço!

ANTONIO RIBOT

Salve 1950!
DORLY deseja a todos os seus amiguinhos muita saúde, muita alegria e bom aproveitamento nos estudos no próximo ANO NOVO!
SABONETE Dorly PARA O TOUCADOR SUAVEMENTE PERFUMADO
Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

*MAIKO é o nome que no Japão se dá a uma cantora ou dançarina, de idade inferior a quinze anos.*

*EM Ceilão, a produção do sal chega a render anualmente a importância de 1.760.551 rublos, ou sejam exatamente .. .. 117.370 libras esterlinas (valor antigo).*

*NO ano de mil novecentos e seis, em Inglaterra, numa festa de caridade, vendeu-se uma orquidea rara por mil libras!*

# O CORREIO

**NA antiguidade só os reis e os generais em campanha tinham mensageiros, escolhidos entre os campeões de corrida, para levarem ordens e comunicações.**

**Mais progressistas, os romanos, que haviam observado o serviço de mensageiros entre os persas, generalizaram-no, instalando nas cidades e em determinados pontos das grandes estradas, postos, onde, sob determinadas garantias qualquer cidadão depositava sua correspondência. Criaram para o transporte um corpo de eximios cavaleiros que percorriam, às vezes, cem milhas por dia. Desses "postos" é que se formou a palavra "postal" para significar serviço de correio.**

**Na Inglaterra o serviço de correio começou a ser feito regularmente em 1482, com cavaleiros que faziam galopes de vinte milhas. Esse serviço era reservado a mensagens do govêrno. Sòmente no século XVII o público foi autorizado a utilizá-lo.**

**No século XVIII a França instituiu correios regulares em carruagens para remessa não só de cartas como de objetos. Em 1830 começou na Inglaterra o serviço de correio por estrada de ferro. Os selos de correio foram inventados e postos em uso em meados do século XIX. O primeiro selo foi vendido em 1840. Era inglês e tinha a efigie da rainha Vitória. Seu êxito veio principalmente da curiosidade, e, por isso, venderam-se no primeiro dia 2.500 libras de selos. O segundo país a adotá-lo foi o Brasil, em 1845. Os Estados Unidos só o fizeram em 1847. Os Estados Unidos, entretanto, foram os primeiros a adotar vagões postais, nos quais, para apressar o serviço e atender a seu volume, a distribuição é feita durante a viagem. Foi também nos Estados Unidos que, a 15 de Maio de 1918, se instituiu o correio aéreo.**

## Os monumentos que resistem ao tempo

ARIOSTO, o célebre poeta italiano do século XV, embora conhecesse a fundo o latim, preferia escrever no idioma da sua pátria. Quando, um dia, lhe perguntaram por que êle não usava nos seus versos a lingua latina, logo o grande vate respondeu:

—. E' que eu quero antes ser o primeiro escritor italiano do que o segundo entre os latinos!

Já famoso e coberto de glória, o poeta continuava a habitar uma vivenda modestissima. E os amigos quando iam vê-lo sempre o interrogavam nestes termos:

— Como vives tão ao singelo, tu que tens poetizado magnificos palácios?

— E' porque — respondia-lhes Ariosto, com a sua calma e penetrante filosofia — é mais fácil arquitetar palavras do que pedras!...

Realmente, êle construiu o seu monumento para a eternidade, que vem resistindo aos séculos — por ser feito não de pedra, mas erguido pelo gênio de um poeta.

Faça uma visita à nossa secção festival

**E escolha seus enfeites de Mesa para suas Festas: Aniversário - Batisado - Comunhão - Casamento etc. Variado sortimento de artigos para Natal: presépios, cabanas egipcianas etc**

**IDEALISE SEU PRESENTE E PROCURE-O NA**

A AMIGA N.º 1 DOS ESTUDANTES DO BRASIL

**Papelaria e Livraria**

**RUA RAMALHO ORTIGÃO N. 24 — TEL. 43-4929**

FILIAIS

MARIZ E BARROS, 210 — TEL. 28-0722 E 48-9228 ✣ VISC. PIRAJÁ, 84-A (IPANEMA) — TEL. 27-8292

RIO DE JANEIRO

PARA VOCÊ RECITAR

# Os óculos da Vovó

RENATO SENECA FLEURY

*A vovó também é velha,*
*Franzidinha como quê!*
*Passa o dia lá na rêde*
*Entretida no crochê.*

*Às vezes fica zangada*
*Com o barulho que faço*
*Pega a chinela... eu me rio*
*Ela ri... e lá vem o abraço*

*Um dia virou a casa,*
*Para os óculos achar*
*Remexeu canto por canto*
*E queria me culpar.*

*Bem que eu sabia de tudo*
*Mas aquilo era uma festa*
*Pois a vovó tinha os óculos*
*Prêsos no alto da testa*





# A ÁGUA

*Agua* é um líquido incolor e inodoro composto de hidrogênio e oxigênio.

A agua, para ser potável (que se pode beber) deve ser fresca, transparente, sem cheiro, isenta de materias orgânicas e deve conter ar em dissolução e pequeníssima quantidade de sáis calcáreos.

Como a agua de aparencia mais linsongeira póde conter elementos nocivos — ovos de parasitas, germes de doenças graves, como o *tifo*, a *difteria*, *cólera*, e outras — um bom filtro é objeto indispensavel.

A agua pode provir da chuva, de uma nascente, de um rio, de um poço, etc.

A agua da chuva é quasi sempre impura, porque arrasta comsigo as impurezas do ar.

A agua da nascente para ser boa é preciso ser captada com cuidado e ser distribuida em encanamentos bem profundos.

A agua do rio é sempre impura.

A agua do poço póde ser boa se o poço é profundo, mas é muitas vezes contaminada pelas aguas superficiais.

# Bolhas de sabão resistentes

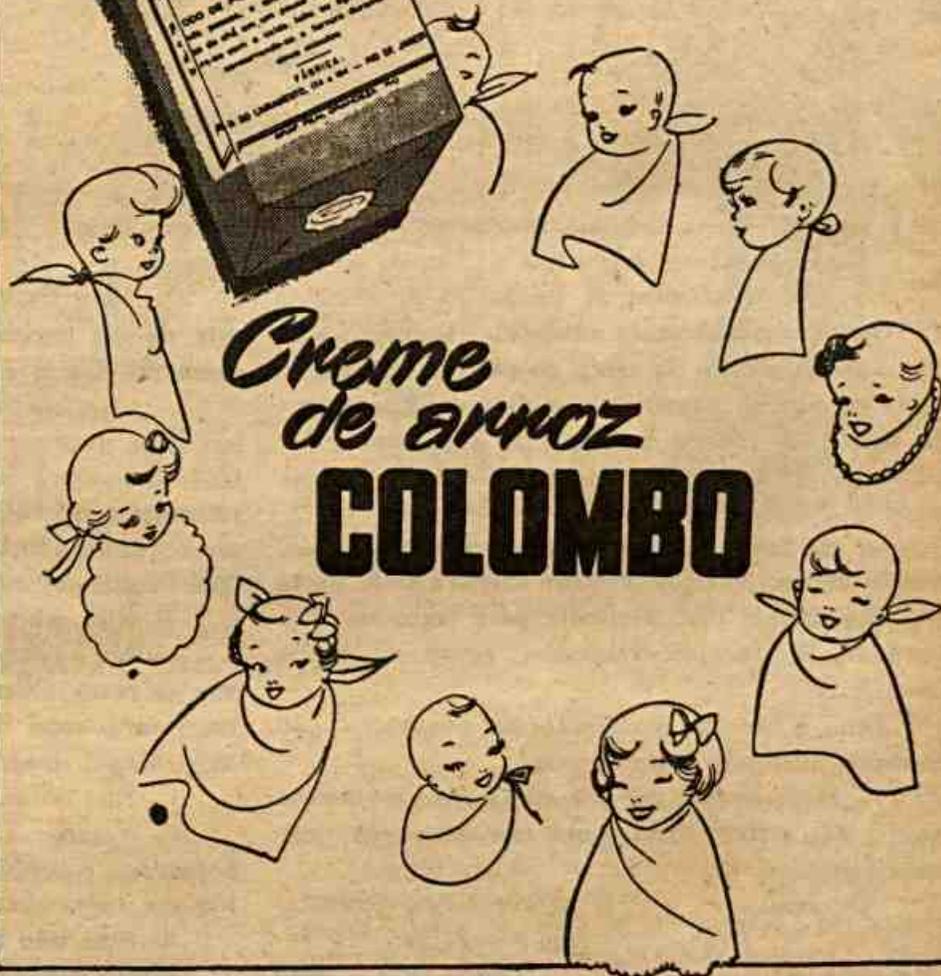
Vamos aqui ensinar hoje como se fazem lindas bolhas de sabão, mas com a vantagem de não rebentarem assim sem-que-nem-mais, como as outras.

Avisamos desde logo que vamos convidar para o nosso brinquedo quatro personalidades importantes. A dona Física, a dona Química e adona Mecânica . . . e mais a dona Prestidigitação pois sem um pouco de habilidade . . . nada feito !

Vamos ver a parte que cabe desempenhar à dona Química. Para que as nossas bolhas fiquem mesmo bonitas, devemos ter muito cuidado na sua preparação e composição. Claro está que nao inventámos essa composição. Nada entendemos de inventos químicos. O autor da fórmula foi o físico Plateau, um francês.

Primeiro você tomará meio litro de água de chuva; a água comum que temos a nossa disposição nos encanamentos, não serve. E' preciso esperar que chova e recolher a água dos aguaceiros. Ou, se você é do Ceará, póde arranjar água destilada, que se compra nas fármacias.

Bem: naquele meio litro de água de chuva, dissolvemos umas quinze gramas de sabão chamado de Marselha, que teremos antecipadamente "raspado" e posto para secar ao sol. Pega-se a mistura, para que fique o sabão bem dissolvido, e põe-se em Banho-Maria, pois a quente a dissolução de opera mais rápida. Depois dele bem dissolvido, deixa-se esfriar.

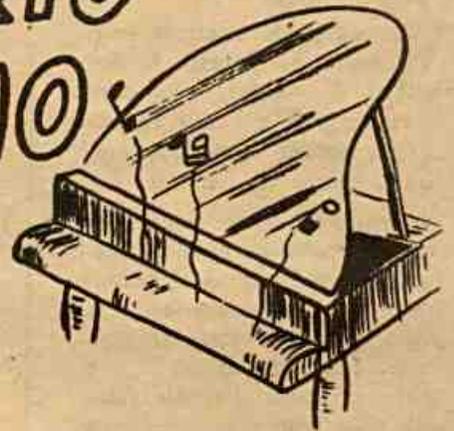
Aí, então, junta-se 75 gramas de glicerina pura, ou seja aproximadamente quatro a cinco colheres das de sopa. Agita-se bem para que a mistura fique perfeita, deixa-se repousar até o dia seguinte. Junta-se, então, nova dose de glicerina igual à primeira. Nova mechida, para misturar bem. Outro descanso de outras 24 horas.

Enquanto a mistura descança você vai arranjar um vidro dêsses de bôca larga, lava-o bem lavado e nele colocará a mistura, depois de terem decorrido as 24 horas.

Vale a pena ter tanto trabalho e esperar tanto, sim. Porque o liquido assim preparado dura indefinidamente, podendo servir para brincar o ano todo. A questão é conservar o vidro bem tampado.

Vamos, agora, ver como se soltam as bolas. Aqui é que entram em cena dona Física e as outras. Sim, amiguinhos! Até nos nossos brinquedos estão presentes a Física, a Química, a Mecânica ! As leis físicas, mecânicas e químicas são tão importantes, que nem para realizar um simples brinquedo vocês poderão deixar de lhes obedecer.

Usando canudos comuns, ou tubos de matéria plástica, uma piteira ou um cachimbo velho do Papai, até mesmo um funilzinho, fazem-se as bolhas, que serão de uma resistência verdadeiramente admirável.

Não se metem os canudinhos no vidro, não ! Derrama-se um pouco de liquido num prato, ou pires, e opera-se tal qual como para fazer bolhas de sabão comums. Vamos experimentar?

# O MISTÉRIO DO PIANO

Tradução de

MARIA MATIDE

E' estranho! — disse tia Marta, fitando deliberadamente os sobrinhos. — Um fio de minha linha azul de bordar desapareceu!

Os sobrinhos ficaram admirados também, pois não tinham tocado na cesta de costuras da tia.

Estavam ali passando uns dias, e tinham vindo cheios de melhor intenção de se portar bem, para que ela não se recusasse a recebê-los outras vezes.

— Eu tinha seis fios de linha azul, na cesta. Tenho certeza, porque os contei ontem à noie. Esses seis fios davam perfeitamente para terminar êste bordado. E, inexplicavelmente, agora só tenho cinco...

Julio e Marina mostraram-se, novamente, ad mirados. Eles não tinham sido!

— Estão certos de que não tocaram mesmo aqui? Não teriam tirado para um brinquedo qual quer?

Os meninos protestaram inocência:

— Não, titia! Não tirámos nada!

— Bem... Então, não sei como explicar. Eu memo varri a sala e nada vi pelo chão. Oh! meu meu Deus, que coisa exquisita! Mas... não falemos mais no assunto.

Contudo, tiveram que falar nele outra vez, pois que no dia seguinte, quando estavam os dois à mesa, tia Marta entrou na sala e disse:

— Escutem, crianças. Isso é demais! Hoje me falta novamente um fio de linha! Ontem eu trabalhei pouco no bordado e, ao guardá-lo contei cuidadosamente os fios de linha que sobravam: eram quatro! Entretanto, agora só encontro três! Que explicação me dão?

— Não sabemos, titia!

— Não é possível! Só vocês é que poderiam mexer na cesta! Ninguém mais, aqui, seria capaz de fazer uma coisa destas! E quando vocês estavam longe daqui, nunca desapareceu linha nenhuma!

— Não fomos nós, titia! — teimavam êles.

— Vamos... Eu não os castigarei!... Sejam bonzinhos e confessem... Eu não os castigarei... Foi por brincadeira, não foi? Digam

— Mas não fomos nós, titia!

Quase raivosa, dona Marta saiu da sala, para não perder a calma diante das crianças. Mas estava convencida de que êles mentiam.

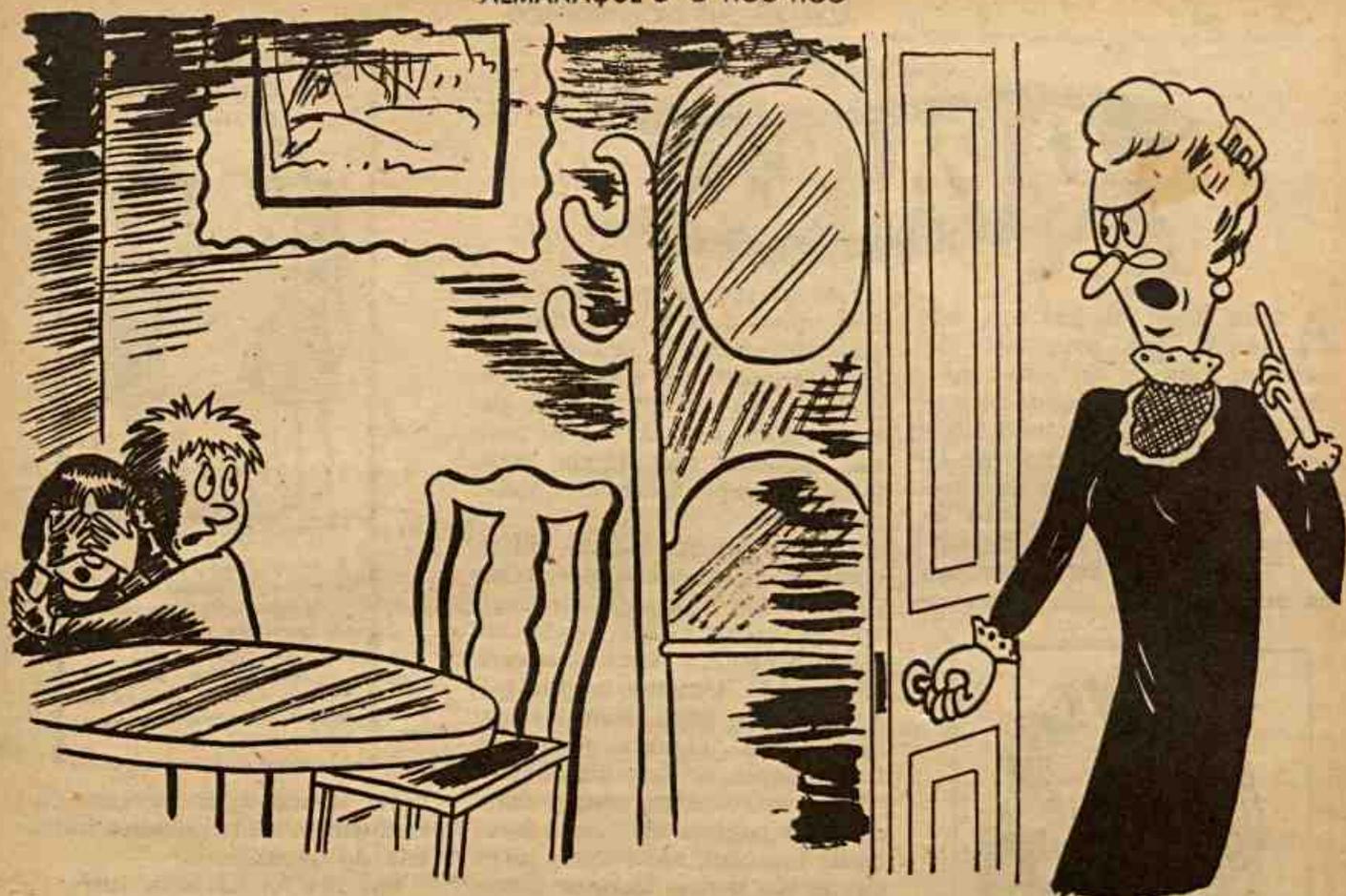
— Titia não acredita em nós... — queixou-se a menina. — Você viu?

— Que vamos fazer? Não fomos nós, mesmo!

E os meninos ficaram cada vez mais intrigados.

No dia seguinte, entretanto, a tia não se conteve mais. E' que, pela manhã, indo propositalmente contar os fios de linha, e tendo deixado dois na véspera, na cesta, só encontrou um.

Zangadíssima, sem discutir mais, agarrou os dois sobrinhos que imaginava culpados e prendeu os por castigo, numa sala, até que resolvessem confessar.

Na sala havia móveis, apenas. E entre êsses, um piano, há muito fechado.

Estavam os dois, muito tristes, com vontade de chorar por causa do castigo injusto, e acreditando que havia um poder misterioso, um fantasma, um duende, qualquer coisa assim, que roubava os fios de linha da tia Marta, quando, para espanto de ambos, o piano tocou.

Três notinhas soltas...

— Ouviste? — perguntou Marina, com os olhinhos arregalados. — Tocaram .

— Ouvi, sim — disse Julio.

— Alma de outro mundo... — gemeu a menina, querendo chorar, agarrada ao irmãozinho.

— Espera aí... Deve ter sido ilusão nossa... Isso não pode ser...

Nesse momento o piano tocou outra vez. Desta vez, não havia dúvida, não podia haver.

Marina tapava os olhinhos com as mãos e metia a cabecinha no peito do irmão, tremendo.

— Não sejas bobinha, irmã — disse o menino. Uma coisa assim não pode ser sobrenatural. Vamos averiguar... Veja: eu não estou com medo...

— E'... mas o mistério das linhas que desaparecem... E agora isto... Ui, ui, meu Deus! Minha mãezinha...

Marina já ia começar a chorar, quando o piano tocou pela terceira vez, agora uma porção de notas, bem audíveis...

Nesse momento a porta se abriu e a tia Marta apareceu nela.

— Meninos, eu não os botei de castigo aí para brincarem no piano... — começou a dizer.

Conteve-se, porém, vendo os meninos encolhidos a um canto.

— Que é isso? Não são vocês, então, que estão tocando?

— Não, titia... Não somos nós... Deve ser um fantasma... — gemeu Marina, levantando-se e correndo, com os olhinhos tapados, na direção da pórta.

Dona Marta, então foi direta ao piano e levantou a tampa. Nesse momento justo, um camondongo deu um salto e se meteu pelo meio dos móveis.

Dona Maria tómóu sustó, mas lógó viu dó que se tratava.

E qual não foi a sua surpresa quando, olhando para um cantinho do piano, viu o ninho que o ratinho estava fazendo ali... e descobriu, logo no primeiro olhar, alguns fios azues de linha para bordar...

Estavam, assim, esclarecidos, os dois mistérios. E dona Marta passou, daí por diante, a acreditar mais nos dois sobrinhos, quando êles diziam que não tinham feito travessuras...

# O PAPEL

A ideia de se fabricar uma substância boa para nela se escrever, vem de distantes épocas. Os primeiros ensaios de que se tem notícia foram realizadas pelos egípcios, utilizando as fibras do papiro, espécie de cana que costuma crescer junto às margens dos rios e lagos do Egito. Trabalhando sem descanço na sua invenção, isto é, preparando convenientemente os talos dessa planta, os súditos dos Faraós obtiveram as primeiras folhas de papel, sôbre as quais podiam traçar os hieroglifos que constituiam sua escrita. E, para não esquecer sua origem, essas folhas de papel foram chamadas de papiros.

Como eram usadas, no início, somente pelos sacerdotes, essas folhas eram chamadas de papiros hieraticos e sua venda aos estrangeiros era terminantemente proibida, temendo-se que fossem escritos nêles assuntos que não fossem religiosos. Entretanto, e valendo-se de muita habilidade, os romanos conseguiram comprar papiros manuscritos, os quais lavaram, escrevendo sôbre êles novos textos. Para se escrever no papiro era preciso usar uma pena bem fina e uma tinta cujo principal ingrediente era o negro do fumo.

Quando foi autorizada a importação do papiro do Egito para Roma, foi este muito procurado e os romanos tratavam de imitá-lo, usando para tal fim a entrecasca de diversas árvores como o plátano, a tilia e outras.

A idéia de se fazer papel, tal como agora o conhecemos é devida aos chineses

No ano 123 a J. C., Tsai Sun, ministro da agricultura do império, aconselhava o bambú e a amoreira no fabrico do papel.

No ano 751, prisioneiros chineses levados a Samarkana, introduziram nesta cidade a indústria do papel.

Em 794 foi fundada outra fábrica em Bagdad e pouco mais tarde outra em Damasco. Os árabes estenderam o novo invento ao norte da Africa e logo depois à Espanha, onde em 1154 já havia instalada uma fábrica de papel em Jativa.

O papel árabe era feito com trapos, especialmente de fio.

Os chineses e japoneses foram os primeiros a empregar a seda e o algodão. A fabricação do papel na Europa tomou grande desenvolvimento depois da invenção da imprensa, acreditando então, a França e a Holanda nessa indústria que alcançou grande perfeição nêsses países assim como na Alemanha.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

Edição e propriedade da
SOCIEDADE ANÔNIMA "O MALHO"

43.° ano de publicação

DIRETOR
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Redação: R. Senador Dantas, 15 - 5.° andar

Telefone 22-9675 — Rio de Janeiro

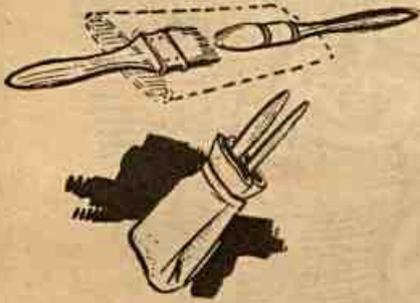
PREÇO Cr$ 15,00

# DESENHO PARA COLORIR

NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE VOCÊ JÁ ESTÁ BEM FAMILIARIZADO COM ESTA GRAVURA. TALVEZ NÃO SAIBA O SEU SIGNIFICADO EXATO: ELA REPRESENTA UM ACAMPAMENTO DE PELES-VERMELHAS AMERICANOS, QUE, DESDE TEMPOS REMOTOS, FIZERAM DO MILHO O SEU PRINCIPAL ALIMENTO, DEDICANDO-SE AO PREPARO DE FARINHA DE MILHO. ALEM DISSO, ESTA GRAVURA ESTÁ IMPRESSA NOS PACOTES DA AFAMADA MAIZENA DURYEA, O QUE VOCÊ DEVE EXIGIR CADA VEZ QUE FOR COMPRAR ESTE PRODUTO.

# Idéias Práticas para Vocês

## CONSERVANDO PINCÉIS USADOS

QUANDO não se usam os pincéis por algum tempo, pode-se fazer com que êles não se estraguem, sem necessidade de tirar a tinta e lava-los, sempre que se os isole do contato com o ar.

Para isso, introduz-se em um pedaço de câmara de pneumático, motocicleta ou bicicleta (conforme o tamanho do pincel), dobrando-o como indica a figura e fechando com uma tira da própria câmara.

## ALAVANCA PARA TIRAR PNEUS

Não havendo à mão uma alavanca para ajudar a mudança das camaras de ar e dos pneus da sua bicicleta, é fácil improvisar uma.

Em casa, quando aparecer um garfo quebrado, não deixe que o ponham fora. Cortando os dentes à altura indicada na gravura, obterá você uma ótima alavanca, fácil de ser carregada na bolsa de ferramentas da sua "máquina".

## PARA MARCAR CAIXOTES

Quando se vai viajar, há precisão, às vezes, de escrever o nome e endereço nos caixotes que conduzem a bagagem.

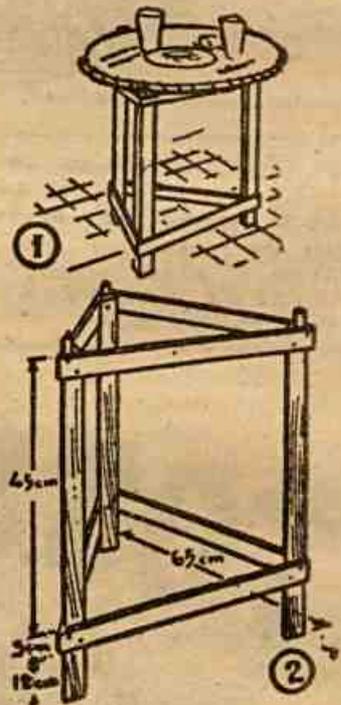
Um bom sistema é usar modelos de letras recortadas (coladas) em papelão, sobre os quais se passa um pincel umedecido em tinta.

Esse pincel pode ser feito como a figura mostra: com dois ou três pedaços de corda amarrados unidos. Para usá-lo, dão-se pancadinhas de cima para baixo. O resultado é o melhor.

## MESINHA PARA JARDIM

A figura 1 mostra a mesa pronta e a figura 2, os três pés com as devidas dimensões.

Para construir a tampa, usa-se madeira compensada. Corta-se um disco de 68 centimetros de diâmetro e a uma distancia de 1,5 centimetros para dentro do bordo externo se traçará uma linha ao longo da qual se fazem furos de 2 cents. cada um, a fim de poder passar um fio grosso que enlaçará um aro de vime colocado ao longo do bordo.

O tripé, triangular, é de facil execução. Com sarrafos aplainados, cujas medidas a figura indica. A mesa, pintada depois de bem

lixada, fica com ótimo aspecto e tem grande utilidade no jardim Trata-se de uma construção fácil, e às vezes o que nos falta, para executar um trabalho assim, é apenas... a disposição.

## COMO CARREGAR LIVROS

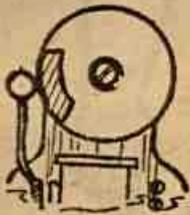
Para carregar vários livros, sem necessidade de amarrá-los, basta que seja precavido e não esqueça o que lhe vamos ensinar.

Abra a capa de um deles, como na figura, e introduza sob ela a capa de outro.

Esse outro receberá, por sua vez, na outra capa, a capa de um tereciro. Os livros, assim colo-

cados, não deslisarão, e você poderá carregá-los sem perigo se que eles cáiam.

Experimente, na próxima ida ao Colégio...

## PARA SUAVISAR A CAMPAÏNHA

Com frequência, a campaínha dos apartamentos sôa em forma estridente, completamente em desacordo com os moradores.

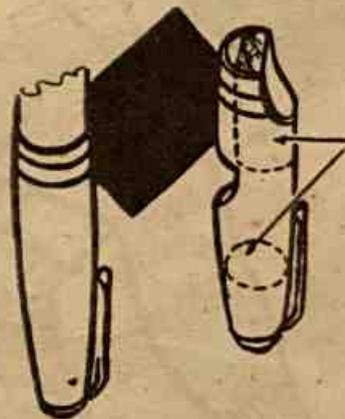
Basta, então, para suavisá-la, colar um pedaço de esparadrapo ou fita isolante no timbre, no local em que deve bater o martelinho. Fácil, hein?

## PARA MARCAR LIVROS

Em vez de usar, para marcar os livros, tiras de papel, como usualnente se faz, é mais prático cor-

tar retângulos de tira emplástica, ou de papel gomado, dobrar em dois e, molhando a cola, se é papel, ou simplesmente apertando uma parte contra a outra, se cola à folha do livro, deixando sobressair um centímetro, ou de se anota o assunto.

## UM APITO SEMPRE À MÃO

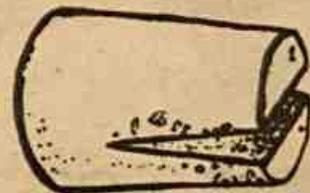
Um apito que estará sempre à mão, porque pode ser levado no bolso, como se fosse a caneta automática, é feito com a tampa de

uma destas penas. Enche-se o fundo com um tarugo de madeira.

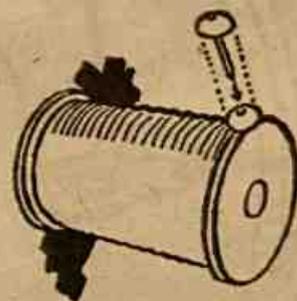
Faz-se na tampa um entalhe, para sair o ar o outro para formar a boquilha. A figura dá bem uma idéia de como se deve operar.

Outro tarugo, recortado, deixando uma fenda para o ar penetrar, completa o apito.

Antes de fazer, olhe como são feitas os apitos comuns e siga o modelo desenhado acima.

Corte a tampa da caneta com uma serrinha.

## PARA AS ROLHAS TEIMOSAS

Quando as rolhas são "teimosas" e não querem entrar no garfalo da garrafa, o remédio, em vez de reduzir-lhe o diametro desbastando por fóra, é fazer um corte conforme indica a gravura. Depois, dá-se uma pequena compressão na parte entalhada e ela penetra direitinho no lugar onde não queria entrar.

## NÃO ROLARÁ...

Se você pregar um prego pequeno no bordo do carretel de linha da mamãe, conforme a figura, ele não mais rolará de cima da máquina, para o chão.

BOTE AQUI O SEU PÈZINHO,
BOTE AQUI AO PÉ DO MEU,
PARA VER SE VOCÊ USA
BOM CALÇADO, COMO EU...
Casa DO BASTOS
43-5537
43-5547
URUGUAIANA, 19
FILIAL: AV. COPACABANA. 804

AQUI está, para as crianças do Brasil, mais uma edição do "ALMANAQUE D'O TICO-TICO".

Publicação que já se tornou tradicional, que faz parte obrigatoriamente de todas as listas de presentes de Natal e de Ano Bom, e que contribui para a alegria das festas e das férias, este ano, como sempre foi confeccionado com mil cuidados, com carinho todo especial, buscando oferecer aos milhares de leitores páginas atraentes, bonitas, alegres, instrutivas e sadias, para não desmentir o renome de que se orgulha e o conceito que há tantos anos desfruta.

Ao entregar esta edição as crianças do Brasil, formulamos os melhores votos de alegres e felizes festas e de ainda mais feliz ano novo, a todos os seus leitores, desejando que o ALMANAQUE de 1950 agrade plenamente, e que todos encontrem nas suas páginas momentos de deleite.

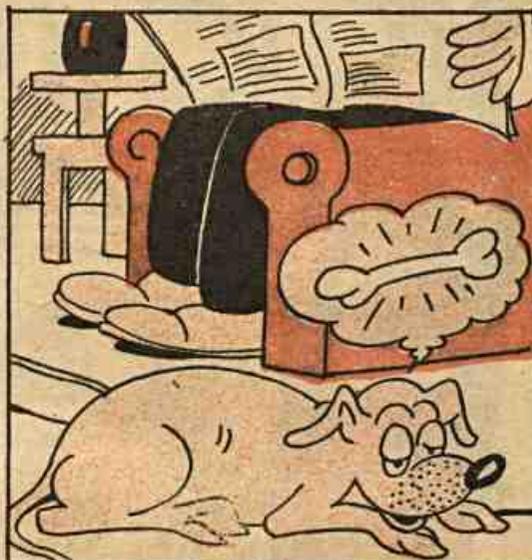
# Aventuras de JUCA FARO

## "O DETETIVE DAS ARÁBIAS"

1º

JUCA FARO, O FAMOSO DETETIVE ESPORTIVO AMADOR, NO SEU ESCRITORIO LIA AS "ÚLTIMAS" POLICIAIS A CATA DE UMA AVENTURA SENSACIONAL...

000

A SEUS PÉS, CHARUTO, SEU INSEPARÁVEL CÃO POLICIAL DISFARÇADO, DORMIA A BOM DORMIR, SONHANDO COM UM APETITOSO JANTAR.

DE REPENTE O TELEFONE TILINTOU E UMA VOZ NERVOSA FALOU...

SEM PERDA DE TEMPO LÁ SE FOI O NOSSO HERÓI, SEGUIDO PELO CÃO QUE, À SUA FRENTE, FAREJAVA TUDO.

ÊSTE CASO PARECE SER DE URGÊNCIA! TENHO QUE ANDAR DEPRESSA, ANTES QUE SEJA TARDE...

PARA CHEGAREM MAIS DEPRESSA, PUZERAM-SE A CORRER, QUANDO...

...ACONTECEU ESTA COISA INESPERADA...

MAS, JUCA FARO CONSEGUIU SAIR DO BOEIRO, E VIU COM SURPRÊSA, QUE ESTAVA JUSTAMENTE EM FRENTE AO NÚMERO TREZE MIL E TREZE!...

IMEDIATAMENTE BATEU À PORTA COM TÔDAS AS AS FÔRÇAS...

ESTA ABRIU-SE E UM CRIADO DE MÁ CATADURA ATENDEU-O, CHEIO DE DEDOS...

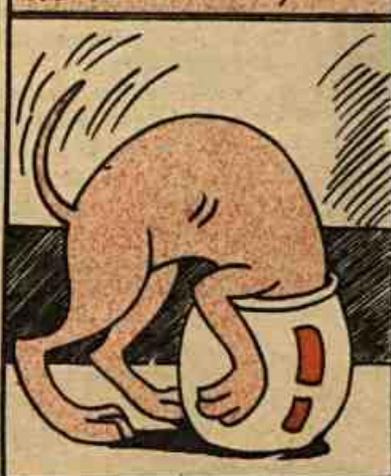
DISPOSTO A DESVENDAR LOGO, O MISTÉRIO JUCA FARO RESOLVEU DAR UMA BATIDA POR TÔDA A CASA...

CHARUTO SEGUIA-O, FAREJANDO TODOS OS CANTOS...

NISTO, DE UMA DAS SALAS, PARTIRAM GRITOS DE MULHER! ERA A DONA DA CASA...

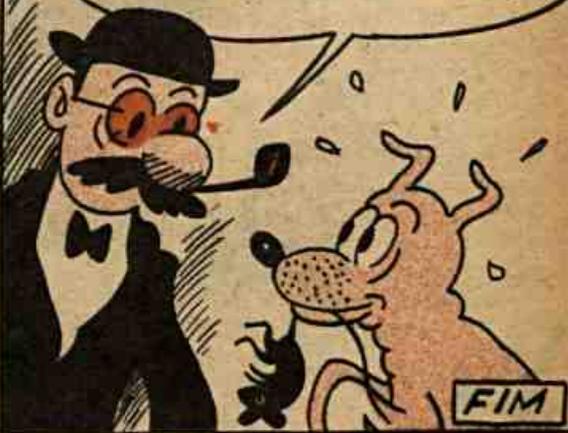
JUCA FARO CORREU LOGO EM SEU AUXÍLIO...

ÊLE ESTÁ ALI!... ALI DENTRO DO VASO!... DENTRO DO VASO!...

NUM SALTO, CHARUTO MERGULHOU DE CABEÇA DENTRO DO VASO QUE MADAME MOSTRAVA AO SEU AMO, E...

...DO SEU BOJO TROUXE NOS DENTES UM CAMONDONGO!...

ORA VEJA! TANTO BARULHO POR CAUSA DE UM PEQUENO RATO! QUE GRANDE RATA!...

FIM

# O SINO DE JOKJAKARTA

Conto de
ERIKA MAYER

HÁ neste mundo, meus pequenos amigos, muitas coisas que vocês ainda ignoram, muitas coisas que devem parecer-lhes bem estranhas ao ouvi-las. Assim, sabiam vocês que os chineses têm um prato predileto feito de ninhos de passarinhos? Os passarinhos que, bem involuntàriamente, fornecem a famosa sopa de andorinha não são, porém, andorinhas e não vivem na China. Chamam-se salanganas e constróem seus ninhos nas grandes rochas da Malaia. É lá, sobretudo, onde se encontram esses ninhos, e muitos indigenas ocupam-se de retirá-los para depois mandá-los para a China.

Há muito, muito tempo, vivia em Java, não longe da gigantesca rocha de Karang-Kallong, um homem cujo pai lhe tinha transmitido o seu oficio e que, como era o costume naquêle país, queria retransmitir o mesmo oficio ao seu filho mais velho, de nome Medang. Mas acontece que Medang não tinha gôsto algum por esse trabalho de que vivia seu pai e de que antes disso tinha vivido seu avô e, ainda antes, seu bisavô: êle não gostava de retirar os ninhos das salanganas das paredes rochosas do Karang-Kallong. Medang, um filho respeitoso e obediente, neste ponto, não transigia: nunca acompanhava o pai às suas expedições e nunca, apesar das zombarias dos irmãos e amigos, tinha levado para casa um único ninho. Vivia calmamente, cultivando o arroz e o milho e, nas horas vagas, trançava esteiras de palha.

Uma noite, quando a lua iluminava o humilde quarto que êle ocupava com seus três irmãos, menores pareceu-lhe sentir picadas no nariz. Meio sonolento ainda, passou a mão pelo nariz e deu com o bico ponteagudo dum passaro cinzento escuro. Era uma salangana que lhe falou assim:

"Medang, todos nós, que moramos em Karang-Kallong, sabemos que nunca te juntas ao teu pai nas expedições perigosas para derrubar os nossos ninhos. Não és medroso como todos pensam, mas sim muito bondoso. Não é assim?"

Medang, um rapaz simples, ficou um tanto dengoso, mas afirmou ter muita pena dos pássaros que, repentinamente, se vêem, pela mão do homem, privados dos seus ninhos.

E a salangana, como se fôsse a coisa mais natural do mundo, continuou a falar:

"Tenho um pedido a te fazer, Medang. Ontem, ao anoitecer, quando voltei para o lugar onde tinha deixado meu ninho e meus cinco ovos, só encontrei a rocha nua. Foi Rajan, teu irmão, que tinha escalado o pico para roubar-me, Medang. Se conseguires colocar novamente meu ninho com meus ovos no lugar certo, nunca te arrependerás!"

Medang levantou-se e, sem fazer o minimo barulho, pediu à salangana tão extraordinária que o seguisse para o lugar onde seu pai juntava todos os ninhos que contava embarcar para a China. E a salangana, num só olhar, reconheceu seu ninho e seus ovinhos.

"Agora", disse ela ao rapaz, "é a tua vez de me seguir. Segura o ninho e vem atraz de mim. O caminho é arduo.".

"Não tenho receios", respondeu Medang simplesmente e, levando o ninho com cuidado, seguia por terra o caminho que o pássaro, voando ao alto, lhe mostrava. As rochas eram traiçoeiras, e Medang, pouco acostumado a tais escaladas, mais de uma vez se viu ameaçado de cair no abismo sempre mais fundo à medida que êle subia — segurando na palma da mão o precioso ninho.

Finalmente o pássaro pousou sôbre uma das falejas.

Miguel

"É aqui, Medang". "Sempre te serei grata pelo que fizeste, e se um dia puder te ser util, onde quer que te encontres, eu virei em tua ajuda."

Já era madrugada quando Medang chegou à casa do pai. Esse se tinha levantado cêdo e, como era o dia do embarque, estava contando os ninhos que ia levar para o navio chinês. Assim que deu pela falta do ninho e dos cinco ovos, começou a lamentar-se em voz alta:

"Pobre de mim — pobre de mim! Roubaram o ninho para a sopa do Imperador da China. O Imperador vai ficar sem sopa e eu sem meu dinheiro."

E assim teria continuado se Medang, chegando nesse momento, não o tivesse interrompido:

"Não, pai, não o roubaram. Fui eu que o coloquei novamente na rocha".

Estas palavras proferidas para acalmar o pai, só o enfureceram ainda mais.

"Fóra daqui, filho desalmado!" gritou êle. Volta sòmente no dia em que fores capaz de me compensares de todos os desgostos que me tens dado."

Assim aconteceu e Medang deixou a casa paterna, à procura dum oficio que lhe agradasse e ao mesmo tempo o tornasse rico.

Caminhou até ver ao longe as torres dos templos da cidade de Jokjakarta. Essa linda vista despertou nêle sòmente tristeza e saudades da sua aldeia natal, da casa paterna e de todos os seus.

"Que farei aqui, tão longe dos meus campos de arroz?" pensou. Cansado, desanimado, êle sentou-se à beirinha da estrada e enterrou o rosto nas mãos.

"Por que êste desespêro, meu filho?" — indagou uma voz. E quando Medang, espantado, levantou a cabeça, viu diante de si um velho lavrador. "É que, venerado pai, estou sozinho a enfrentar a vida nesta cidade. Parece-me que riqueza aqui não falta, mas . . ."

"Mas você não sabe como alcançá-la, não é, meu filho? Pois escute: Poderá tornar-se não sòmente o cidadão mais rico e mais poderoso, como também ser o espôso da Princeza ulah, filha do ilustrissimo Sultão Johal. É preciso só uma coisa, jovem amigo, uma coisa só . . ."

"Fale", disse — "fale depressa, que coisa é?"

O velho sorriu e respondeu:

"É preciso trazer à Princeza o menor dos sinos da mais alta torre do mais belo templo de Jokjakarta. O sino é guardado por um dragão preto, tão horrivel e tão feroz que a maioria dos pretendentes desiste da tentativa ao conhecerem a condição. Assim, principes hindús, nobres malaios, senhores de longinquas paragens fracassaram. Agora qualquer rapaz pode tentar retirar o sino e libertar assim a cidade da féra, pois assim que o sino fôr afastado do seu lugar, os olhos de fôgo do dragão se apagarão para sempre e ele morrerá. Queres tentar a aventura, jovem amigo?

E com estas palavras o velho lavrador, tão repentinamente como tinha chegado, foi-se embora pela estrada que levava à sublime Jokjakarta, deixando Medang entregue aos seus pensamentos.

"Como fazer? — como fazer? . . ." disse esse último para si mesmo. "Como trazer à Princeza o sino que ela tanto deseja?"

"Medang, eu te ajudarei", disse de repente uma voz fininha, uma voz que o rapaz já tinha quasi esquecido, mas que agora lhe voltou à memoria quando viu pousada no galho de uma árvore a salangana de Karang Kallong. Vendo o olhar incrédulo com que Medang a fitava, ela explicou:

"Nós, os pássaros, temos sôbre vós homens a vantagem de poder voar para onde bem entendemos. Não me é dificil chegar até a torre do templo! Não é dificil escapar à vigilância do dragão! Amanhã, de madrugada, espera-me debaixo desta palmeira, e o minúsculo sino de ouro será teu". E com isto a salangana afastou-se na direção do maravilhoso e antigo templo.

A Medang, que esperava anciosamente pela volta da sua pequena amiga, parecia que as horas não passavam e que a noite nunca cederia lugar à madrugada. Êle permaneceu deitado ao relento, de olhos abertos, a aguardar a chegada do pássaro . . . até que enfim foi dominado por profunda sonolência. Quando acordou, o sol já estava fulgindo no céu — eram altas horas da manhã. Num movimento rápido, êle quiz se levantar, quando um objeto d'um brilho extraordinário caiu aos seus pés. Era o sino de ouro que a salangana, fiel à sua promessa, tinha depositado no colo do rapaz adormecido. Cheio de gratidão à salangana e de admiração pelo sino artisticamente fundido, Medang começou a jornada que deveria terminar no palácio do Sultão de Jokjakarta. O caminho era longo e penoso, mas o rapaz ficou a tal ponto entregue aos seus pensamentos, construindo castelos no ar, que não sentiu nem o calor do sol abrasador, nem fôme ou sêde.

Os guardas da porta da cidade, ao vêrem um estrangeiro simplesmente trajado e coberto de poeira, de aparência pobre, não o queriam deixar passar, mas quando deram com o brilhante sino de ouro que êle carregava na mão, curvaram-se até o chão e fizeram-lhe mil cortezias.

Com a rapidez do raio, a notícia da morte do dragão espalhou-se pela cidade, e uma grande multidão seguiu Medang até o palacio do Sultão, aclamando-o como futuro marido da bela Alilah.

(*Conclue no fim do Almanaque*)

# PORQUE O MACACO TEM AINDA RABO...

ELOS SAND

ILUSTRAÇÕES DE EDSON DOS SANTOS

ERA uma vez uma floresta, habitada por bichos de todas as especies, vivendo quasi que na mais completa harmonia.

Só o macaco era o desordeiro da turma. Levado da breca, muito brincalhão, passava o dia inteiro divertindo-se em provocar e pregar peças aos seus companheiros. Subia a uma arvore, pendurava-se pela cauda a um de seus galhos, e, balançando-se de um lado para outro, agarrava o rabo do gato, puxava as orelhas do coelho, ou de qualquer outro bicho que passasse ao seu alcance.

A bicharada ficava furiosa da vida. Brigava com êle, mas o travesso macaco não se corrigia e nem mesmo tomava conhecimento dos protestos dos s e u s companheiros. Todos os dias repetia as suas pilherias.

Certa manhã primaveril, estava ele em cima de uma arvore, quando avistou um relvado muito verde. Como fazia calor, pensou logo:

— Lá, deve estar bem fresquinho . . .

Mais que depressa desceu, e foi deitar-se gostosamente naquele capimzinho macio. Sentiu-se tão à vontade, que, não demorou muito a pegar no sono.

Momentos depois o coelho passou por ali, e, vendo-o roncando, imaginou logo uma vingança.

— Chegou a minha vez — pensou ele, dando uma risadinha, todo satisfeito.

Correu à procura do seu amigo o cavalo, cochichou-lhe qualquer cousa ao ouvido, e voltaram ambos, muito contentes, ao lugar onde o macaco dormia.

Carregaram uma grande pedra, e, maldosamente, colocaram-na em cima do rabo do coitado, que talvez estivesse sonhando com algum cacho de bananas bem maduras . . . Depois, chamaram todos os bichos, para se divertirem com o seu despertar.

— Eu só quero vêr a cara dele quando acordar — disse o Coelho, todo satisfeito.

— Eu também — concordou a Cotia.

— Não gosto nada disso — aparteou o Esquilo, ponderado.

— Vai lhe servir de lição — acrescentou o Gato, muito serio.

— Nunca mais êle repetirá suas brincadeiras — retrucou o Cavalo.

Mal o Cavalo acabou de dar o seu palpite, o macaco acordou.

Abriu os olhos muito assustado, vendo-se rodeado pelos companheiros. Experimentou levantar-se, mas não conseguiu: viu então aquela enorme pedra em cima de sua cauda, e, desesperado, procurou tira-la de qualquer maneira. Muito aflito, pulava de um lado para o outro, rolava na relva, e tanto virou, tanto mexeu, que a cauda se partiu.

Imediatamente o Gato deu um pulo, agarrou-a e, correndo, levou-a para casa.

O pobre coitado não sabia o que fazer. Chorava convulsivamente, lamentando a perda do seu rabo, e suplicava a todos que o devolvessem.

De repente ele ouviu uma risada atraz de uma arvore.

Era o Coelho que caçoava a sua desgraça.

— E agora, compadre Macaco? — disse êle. Como vais viver sem cauda? Como irás subir às arvores e te balançar de

um lado para o outro ? O Gato levou-a e eu acho que êle não a devolverá mais . . .

Ao ouvir isso, o macaco encheu-se de coragem, e foi à casa do Gato.

Lá chegando, suplicou-lhe debulhado em lágrimas:

— Oh ! bondoso Gato, por favor, dá-me o meu rabo de volta.

— Eu o darei — respondeu o Gato, se você me trouxer um pouco de leite.

— Onde eu o encontrarei ? — perguntou êle aflito.

— Peça à Vaca — disse o Gato.

O Macaco mais que depressa, correu aonde estava a Vaca, e falou:

— Minha querida amiga, dá-me um pouco de leite, para que eu possa leva-lo ao Gato, para que êle me devolva o meu rabo.

— Pois não, com todo o prazer eu o farei, se você me trouxer um pouco de feno.

— Mas onde irei buscá-lo ? — respondeu ele.

— Com o fazendeiro — respondeu a Vaca.

O Macaco pôs-se imediatamente a caminho da fazenda, e lá chegando foi direto ao fazendeiro:

— Meu bom fazendeiro, dá-me um pouco de fêno, para eu levá-lo à Vaca, para que ela me dê um pouco de leite para que eu possa entregá-lo ao Gato, para que êle me devolva o meu rabo.

— Claro que eu o darei — disse o fazendeiro, sorrindo. Mas . . . com uma condição.

— Qual é ? — perguntou o Macaco curioso.

— Se me trouxeres um pouco de chuva.

— Como irei arranjá-la ?

— Com as nuvens — respondeu o fazendeiro.

O pobre Macaco partiu correndo em busca da chuva.

Chegando às nuvens, suplicou-lhes de joelhos:

— Belas nuvens, dái-me um pouco de chuva, para que eu possa levá-la ao fazendeiro. para que êle em troca me dê o fêno, para eu levá-lo à Vaca, que me dê um pouco de leite, para que o leve ao Gato, para que êle me devolva o meu rabo.

— Pois não — responderam elas, você terá a chuva se nos trouxer neblina.

— Onde encontrarei neblina ? — perguntou êle, já bastante cansado e aflito.

— Peça ao Rio — responderam as nuvens.

Sem perda de tempo o infeliz Macaco correu à margem do rio, e aí chegando, pediu com lágrimas nos olhos:

— Bondoso Rio, todos dizem que você tem um coração de ouro !

— Que queres ? — perguntou o Rio, desconfiado.

— Um pouco de neblina — respondeu o mono.

— Para que ? — tornou o Rio.

— Para eu levá-la às nuvens, para que elas me dêm a chuva, para que eu possa levá-la ao fazendeiro, para que êle em troca me dê um pouco de fêno, para que eu o leve à Vaca, para que ela me dê um pouco de leite, para que eu possa levá-lo ao Gato, para que êle, como prometeu, me devolva o meu rabo.

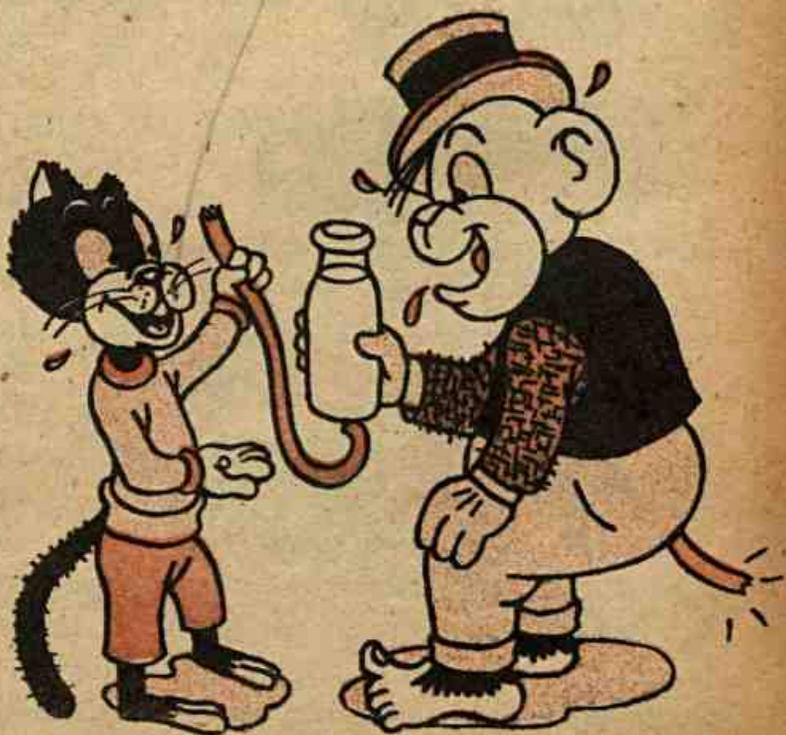
— A tua história é muito triste, mas . . . como aconteceu isso ?

— Eu conto.

E o pobre Macaco contou ao Rio tudo o que havia acontecido.

— Pois bem, meu pobre bicho, sinto muita pena de ti, e por isso, te darei um pouco de neblina, para que possas ter novamente o teu rabo.

O Macaco ficou tão contente, que nem sabia o que fazer. Batendo palmas, ria, pulava e gritava ao mesmo tempo.

Agradeceu ao Rio a sua bondade, e saiu carregando uma porção de neblina; levou-a às Nuvens, e elas lhe deram a chuva; ele mais que depressa entregou ao fazendeiro, que em troca lhe deu o fêno. Levou-o à Vaca, que lhe deu leite, que êle levou ao Gato, que, cumprindo a sua palavra, devolveu-lhe o rabo.

O Gênio da vida queria criar uma deusa para dar vida ás flores; conbinar as colorações, idealizar as formas e variar as espécies.

E numa dôce manhã de setembro êle combinou com dona Primavera para irem ao lugar muito distante, além da lua, onde deveriam encontrar uma flôr de ouro que o Gênio das Nuvens tinha roubado da terra e escondido no trono da nuvem mais alta do céu. Para chegar até lá, como é que deveriam tazer?

— Nada mais simples, falou um urubú desasado que andava por alí sonhando com as grandes alturas. Falarei

## CONTO DE *Lausimar*

com alguns de meus irmãos e levarei vocês dois.

O Gênio não achou muito bôa a idéia, pois urubú era bicho tão feio que podia ser um atentado contra a beleza da flôr do ouro, chegar com um bando dêles lá no trono da nuvem. Agradeceu muito a bôa vontade e desistiu do oferecimento De repente apareceu o carro do vento.

— Bom dia, Gênio. — disse o vento. Enquanto dormia numa clareira do bosque, sonhei que esperavas alguém que te levasse muito além do céu, no trono da nuvem que fica bem para lá do azul. Acordei e aqui estou para te levar.

Assim partiram dona Primavera e o Gênio da Vida na célere carruagem do vento. Viajaram alguns dias, sempre encontrando nuvens de todos os tamanhos e esbarrando em montinhos de estrêlas. Chegaram, enfim. Que cansaço! Alí estava o trono da nuvem alta, todo em feitio de espuma. Nele estava a flôr de ouro. O Gênio das Nuvens andava passeando em montanhas de nuvens que ficavam muito distantes e por isso foi facil trazer a flôr de ouro para a terra. Assim que chegaram, o Gênio da vida mandou que dona Primavera colhesse todas as gotas do orvalho das primeiras manhãs de setembro e com elas desse um banho na flôr de ouro. Isso a transformava numa linda deusa para que o Gênio das Nuvens nunca mais pudesse roubá-la. Assim foi. A flôr de ouro virou a mais linda figura da terra. Dona Primavera abraçou-a e o Gênio da Vida incumbiu-a de criar todas as flores da terra e por isso lhe deu um nome: Flora. A deusa Flora, cada dia criava milhares de florinhas por tôdas as ramadas das plantas, inventando sempre novos perfumes e criando maravilhosos coloridos. O Gênio da vida ficou encantado com a suavidade e doçura delas e mandou que Flora escolhesse um palácio. Um palácio muito lindo, cheio de coisas deliciosas, o mais rico que ela pudesse imaginar.

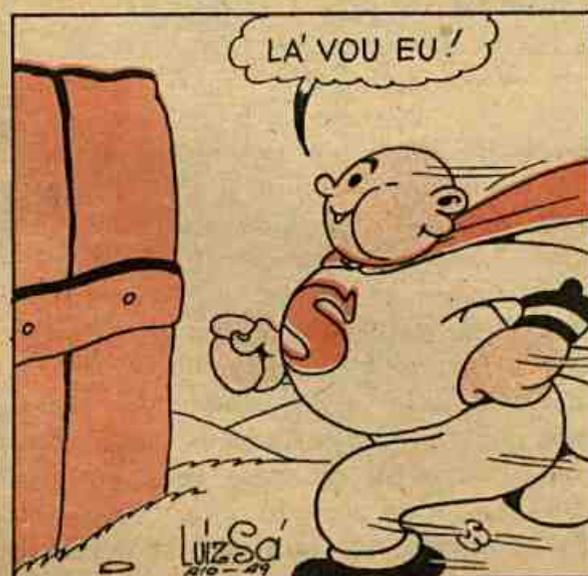
Flora pensou, pensou muito e escolheu o palácio. Antes, porém, pediu ao Genio da Vida para lhe conceder o favor de se tornar invisível e ter o poder da ubiquidade, quer dizer, poder estar em toda a parte ao mesmo tempo. Assim, em cada jardim teria o seu palácio. E êsse palácio maravilhoso podia muito bem ser o cálice de um lirio ou a corola de uma rosa. O Gênio deu a Flora êsse poder. E por isso ela está em tôda a parte onde houver flores. Ela é a deusa da floração, enchendo o mundo de colorido e de perfumes.

ÊLE E' UM COLÔSSO. VOU IMITÁ-LO!
O BOLÃO NÃO QUER MAIS BRINCAR COMIGO, SÓ VIVE A LER HISTÓRIAS DE QUADRINHOS.
VAMOS BRINCAR NÓS DOIS.
RÉCO-RÉCO, BOLÃO E AZEITONA por LuizSá

EU SOU O "HOMEM DE AÇO"!
PAPAGAIO!...

SE VOCÊ É COMO O "HOMEM DE AÇO", QUERO VER SE É CAPAZ DE DERRUBAR, COM UM "TRANCO", AQUELAS TÁBOAS QUE EU ENTERREI ALÍ.
É "SÔPA!

LÁ VOU EU!
LuizSá
RIO - 49

O BOLÃO É FORTE MESMO!

# A VOZ do LIVRO

**NÃO me manuseie com as mãos sujas.**

**Não rabisque em minhas páginas**

**Não me rasgue nem arranque as fôlhas.**

**Não apoie o cotovelo no texto, durante a leitura.**

**Não me abandone sobre cadeiras ou outros lugares impróprios.**

**Não me deixe com a lombada para cima**

**Não coloque entre as minhas páginas objeto algum que seja mais espesso que o papel.**

**Não dobre o canto das fôlhas para marcar o ponto em que parou a leitura**

**Terminada a leitura, devolva-me ao lugar certo, na estante, ou entregue-me ao bibliotecário.**

**Concorra, assim, para que me conserve sempre limpo e perfeito, porque eu o ajudarei leitor, a ser feliz.**

# O SINO ROLADO AO MAR

(CONTO DE NATAL)

por
MURILLO
ARAUJO

**Em seu convento remoto,
Frei Honório do Rosário
fêz o vóto
especial
de fundir um sino lindo,
que, vindo o Natal,
doaria ao campanário
de uma nova catedral.**

**Logo, o bronze e o oiro e a prata
ligando, o sino moldou;**

ardendo em fervor divino
o cinzelou;
e, enviando-o a seu destino,
numa fragata
o embarcou.

Ia ela no fim da viagem —
e, das grotas infernais,
veio um pampeiro selvagem
desatando temporais.

O barco adernou com o vento.
E o sino, que ao mar rolou,
clamando um longo lamento
se afundou!

Sofreu tanto Frei Honório
com o que veio a acontecer,
que emagreceu de desgosto,
perdeu o sorriso finório,
foi emaciando o rosto...
e adoeceu de morrer.

Foi tratado a todo custo;
mas tudo em vão... Faleceu.

E como era um justo
Deus o recebeu.

O frade, entretanto,
entrou no Paraíso em pranto...
tanto que o Mestre, em voz doce,
veio logo o cons lar;
e disse a um anjo que fôsse
tirar o sinc do mar.

E o anjo afastou-se
na hora da lua chegar.

Ora, em sua cava,
de profundas sondas,
o sino às vezes cantava
quando tangiam as ondas.

Pelos sons, no mar deserto,
foi que o anjo o pôde achar.

Com seu poder de anjo, perto
fez um navio ancorar;
e o gancho da âncora, certo,
fêz na alça do sino entrar —

pois quando, para a partida,
deu sinal o Capitão,
com a âncora de subida
lá veio o sino cristão!

A marujada, surpresa,
bradou: — Milagre! É o Natal!
Levemos esta beleza
para a nova catedral!

E à missa do galo, o povo
já pôde, assim, ouvir bem,
lindo, lindo,
o sino novo
louvando o Deus de Belém.

E quando, as nuvens abrindo,
o bom frade o olhou,
do além,
viu Nosso Senhor sorrindo
que lhe murmurou:
amém.

VOCÊ SABIA?
por Paolo Affonso
OS CANGURÚS SERVEM-SE DA CAUDA COMO CONTRA-PÊSO PARA O EQUILIBRIO E COMO APOIO.
O PEIXE-FITA VIVE NAS GRANDES PROFUNDIDADES DO OCEANO: À SUPERFICIE SÓ SE VÊ ÊSTE PEIXE MORTO OU MORIBUNDO.
AS CASCAS DE OVO DEPOIS DE QUEIMADAS E REDUZIDAS A PÓ SERVEM COMO DENTIFRICIO.
A MELHOR PARTE DA CARNE É A QUE FICA PERTO DOS OSSOS. É TAMBEM A MAIS NUTRITIVA.
O CORMORÃO É UMA AVE QUE OS CHINESES INDUSTRIARAM NA PESCA.
MARABU É COMO SE CHAMAM AS CAFETEIRAS DE FORMATO BOJUDO.
AÇAFATE É UM CÊSTO DE VIMES, DE BÔRDO BAIXO, SEM TAMPA SEM ASAS E SEM ARCO.
ABACÁ É UMA ESPÉCIE DE BANANEIRA DAS FILIPINAS, QUE FORNECE A MATÉRIA TÉXTIL DENOMINADA CÂNHAMO DE MANILHA, EMPREGADA NA MANUFATURA DE CABOS, CAPACHOS, ETC...

# A árvore de NATAL

AS festas cristãs do Natal, as mais belas e maiores da nossa religião, têm as suas tradicionais características e uma delas é a Árvore de Natal, onde se dependuram os presentes que são distribuidos entre as crianças.

Na certa, o inventor da árvore de Natal era um grande amigo das crianças. Quem seria êle ? Será possivel descobrir ?

Alguns atribuem a idéia a um modesto sacerdote de uma povoação da Alsacia. Segundo afirmam, o digno e caritativo pároco costumava dividir, entre os pobres da sua freguezia, roupas, alimentos e dinheiro que pacientemente ia juntando durante o ano. Um dia teve a idéia de dependurar nos galhos de um ábeto, que crescia perto da igreja, os pacotes contendo os presentes. E, depois de reunir suas ovelhas na pracinha, e de fazer com que entoassem cânticos de Natal, distribuiu os pacotes. Nos anos seguintes fez a mesma coisa, e nos que se seguiram, vindo daí a se tornar aquilo tradição.

Em 1765 o costume foi adotado na Grã-Bretanha, pela princesa Carlota de Mecklemburgo, já então rainha por se ter casado com o rei Jorge III da Inglaterra.

A soberana, extremamente bondosa, preparou num dos grandes salões da palácio de Buckingham uma "Chistmas tree" — que é como se diz, em inglês, "Arvore de Natal".

Enfeitou a árvore com guirlandas, lanterninhas, brinquedos, doces, e presentes úteis, como roupas de lã, sapatos, meias, luvas — agasalhos, enfim, pois é sabido que o Natal corresponde, na Europa, ao rigor do inverno, quando cái neve e o frio é terrivel.

No dia 25 de dezembro ela reuniu muitas crianças de Londres, as quais, como é de imaginar, ficaram encantadas com aquela inovação. Do palácio real passou o costume às mansões dos grandes senhores da fidalguia, que quiseram imitar a rainha, e a "Christmas tree" se foi tornando popular, tanto que, poucos anos depois, não havia lar, na Inglaterra, que não ostentasse, na linda noite em que se comemora o nascimento de Jesús, a sua árvore enfeitada, de acordo com as possibilidades das bolsas dos seus donos.

E já não eram apenas as crianças que se reuniam em torno da árvore bonita: os adultos também, e para êles também havia presentes. . .

Da Inglaterra a árvore de Natal passou à França e à Espanha, e por último a todos os países cristãos. E quando se aproxima a gloriosa data, surgem hoje nos bazares árvores de Natal artificiais, de todos os tamanhos, para aqueles que não podem ter uma árvore de verdade.

Há muitas e curiosas superstições ligadas à árvore de Natal. Em primeiro lugar: que se deve fazer com a árvore, depois de ter servido ?

Na Europa ninguém queima ou corta uma árvore dessas, por medo de que isso traga má sorte. Se a árvore é natural, torna a ser plantada no lugar de onde fôra arrancada, e a lenda diz que nela os pássaros cantarão mais do que em qualquer outra árvore. Se é artificial, uma vez despojada de seus enfeites, deverá ser guardada para o Natal seguinte. Em muitas familias a árvore é tão bem conservada, que passa, com os anos, de pais a filhos, como reliquia.

Outra tradição diz que em toda árvore de Natal deve haver, sempre, no ponto mais alto, uma estrêla, que é a estrêla que guiou os Reis Magos ao presépio para adorar o Menino Jesús recém-nascido.

# A Formiga Carregadeira

Por SEBASTIÃO FERNANDES

Tôda a gente aponta o exemplo da formiga como trabalhadora, mas ninguém sabe porque vive ela eternamente dentro dum buraco no fundo da terra.

A história começou quando todos eram muito ricos e o ouro, como a areia e as pedras, era encontrado á beira da estrada. Portanto todos tinham facilidade de ajuntar. Ora, quanto mais rico é o homem, mais perdulário fica, gastando para ostentar grandeza, e isso é um mal. Deus não quer os vaidosos que só vivem para dissipar e mostrar que têm muitas roupas bonitas, joias caríssimas e luxo.

Como todos apanhavam fàcilmente o ouro, Deus notou que eles não mais trabalhavam, ficavam o dia inteiro dormindo. Sem atividade, os homens inventavam coisas ruins para fazer, porque, não tendo obrigações a cumprir, deixavam os campos sem cultivo, e as árvores, abandonadas, não davam mais frutos gostosos.

A vida estava dessa forma tão paralizada e alterada que Deus todo poderoso só encontrou uma solução. Desejando que os homens não continuassem preguiçosos, que os filhos deles aprendessem um ofício, e portanto, soubessem fazer a própria roupa e calçado, não consentiu que o ouro fosse mais apanhado tão fàcilmente a beira da estrada. Como os homens estivessem mal acostumados, passeando e gastando, em breve, o ouro apanhado acabou.

Mas, como podia Deus fazer aquilo, se o ouro, como as pedras, estava espalhado atôa?

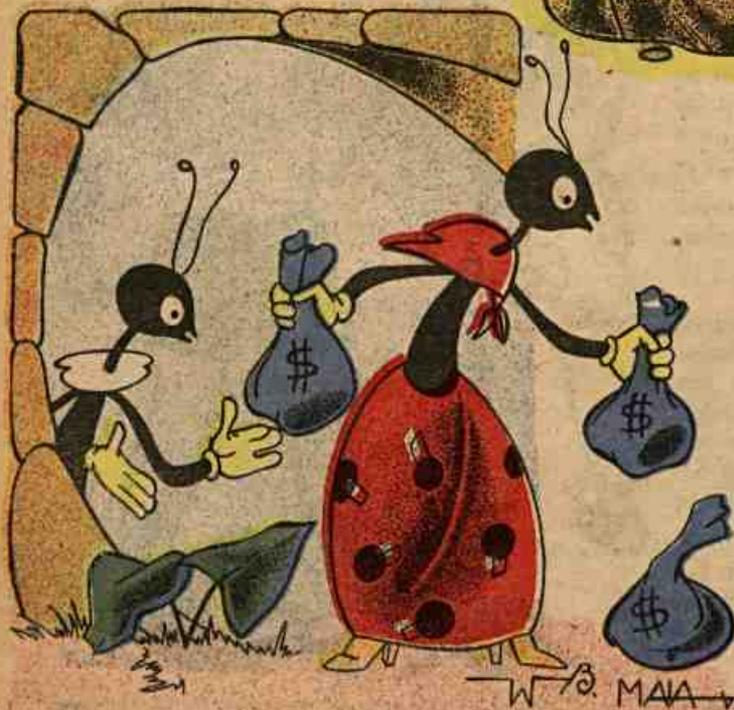
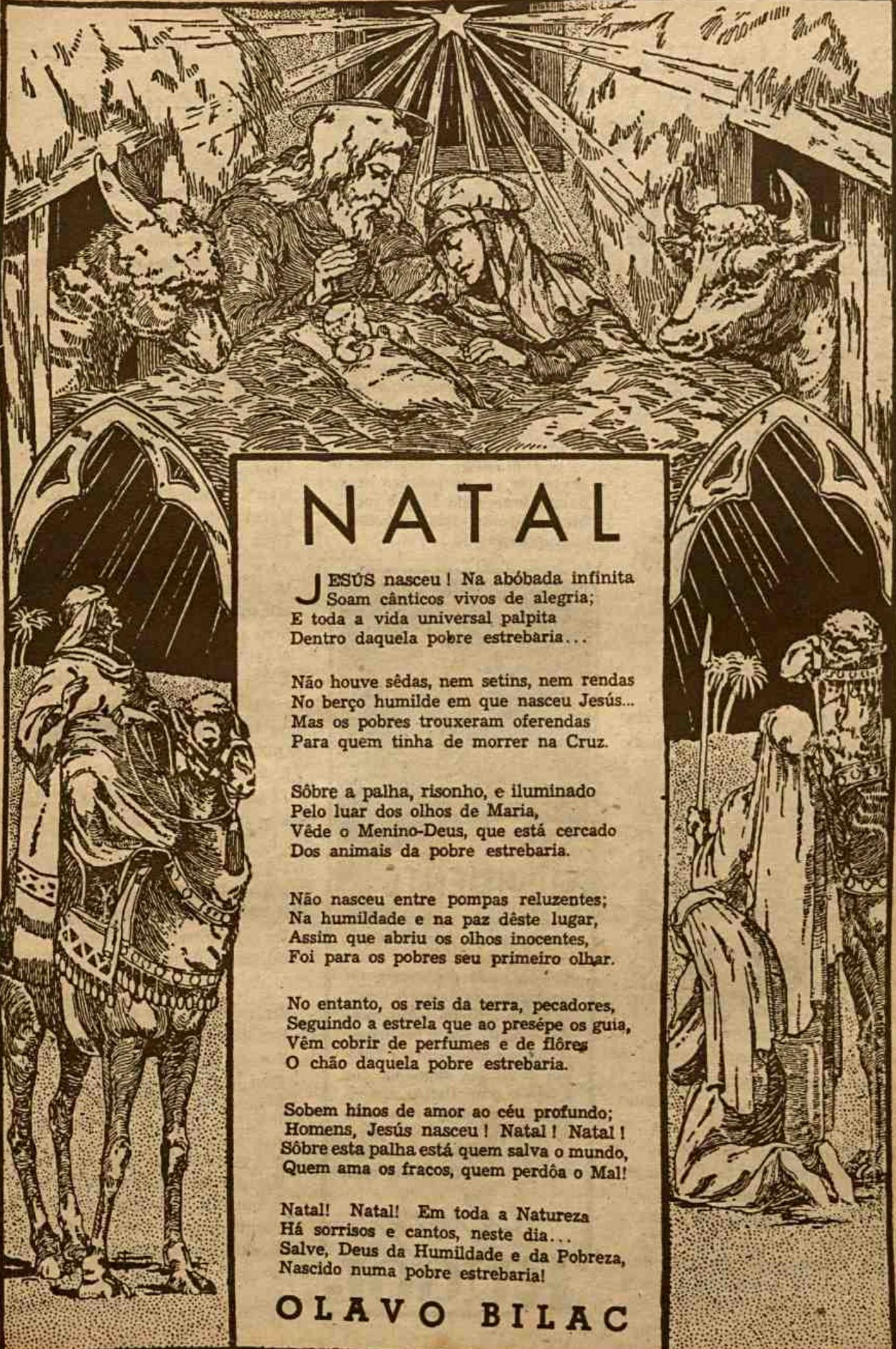
Foi então fazendo com que as chuvas enterrassem todo o ouro que havia.

Os homens, que já estavam desacostumados de trabalhar e tinham tido sempre ouro para comprar suas mercadorias, estranharam; mas, como notassem que eram as águas que levavam para baixo da terra a riqueza começaram a cavar o campo.

Os menos econômicos e os preguiçosos viram, em breve, seus cofres vazios, sem dinheiro, e estavam todos desolados, quando notaram que o chão, revolvido com a enxada, começava a ficar cheio de plantas. E à proporção que cavavam para procurar o ouro, a terra ia florescendo; e, onde tinha havido ouro, começou a brotar feijão e trigo.

Foi quando a formiga, mais ligeira, começou a cavar também; em vão todos esperavam a formiga, ela porém não aparecia.

Certo dia um lavrador encontrou uma formiga

(Conclui no fim do Almanaque)

# NATAL

JESÚS nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sêdas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesús...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sôbre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz dêste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrela que ao presépe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flôres
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesús nasceu! Natal! Natal!
Sôbre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdôa o Mal!

Natal! Natal! Em toda a Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

**OLAVO BILAC**

# ERA UMA VEZ UM GALINHO ESPERTO...

NO galinheiro todos já haviam reparado como aquele galinho era delicado.

A hora do almoço, ou do jantar, sempre fazia questão de oferecer a outro qualquer dos mo-

radores uma parte da sua comida.

O pato, que era guloso, era quem gostava daquela gentileza toda...

E, assim, iam correndo os dias.

Numa sexta-feira, porém, a dona da casa veio ao quintal. Pegou o pato e pegou o galinho atencioso. Sopesou-os, isto é, comparou o peso dos dois...

— O marreco está mais pesado... Está mais gordo .

E levou o pato guloso para a panela.

O, estratagema do galo dera resultado. E a gula foi a perdição do marrequinho!

## ACORDARAM MAIS CÊDO...

**"O mundo pertence aos que acordam cêdo" — dizia ao discipulo o preceptor de um Principe.**

**Querendo pôr à prova essa lição, o futuro rei acordava cêdo todos os dias e ia passear no campo. Um dia, saindo muito cêdo de casa, foi surpreendido por dois ladrões que o assaltaram e lhe tiraram tudo o que êle levava. Voltando ao palácio o Príncipe disse ao mestre:**

**— Viu ? O senhor que disse que a fortuna favorece os que acordam cêdo. Eu acordei cêdo e, por isso, fui assaltado e roubado . . .**

**— Meu filho — respondeu o preceptor — os ladrões acordaram mais cêdo do que você... Meu ponto de vista permanece sem desmentido . . .**



PARA RECITAR... DEPRESSA

# O PIRES

Eu sou Pires da Costa Paio,
Natural de Paio Pires,
Descendente dos Pires Paio,
Batizado em Paio Pires:
— Eu sou Pires da Costa Paio—

Meu pai era o Pires da Costa:
Minha mãe a Costa Pires;
Minha irmã é Pires -- sem Costa --
E nasceu em Paio Pires
Tôda a familia Pires Costa.

Meu irmão é o Pires Paio;
Minha avó sem Paio — Pires —
Meu avô sem Pires — só Paio —
Natural de Paio Pires
Tôda a família Pires Paio.

Meus tios eram os Costas;
Minha tia a Costa Pires;
Meu primo Pires, já sem Costas
A prima, Costas sem Pires
E um primo já Pires com Costas.

Às vezes, em Paio Pires,
Quando o Pires quer comer paio
E pede ao Paio, o pires,
Já fica o Pires sem ter paio
E o pobre Paio sem pires.

Porque p'ro Pires ter o paio
E p'ro Paio ter o pires
E' preciso que o Pires Paio
Dê o paio ao pobre Pires,
Dando o Pires, o pires ao Paio.

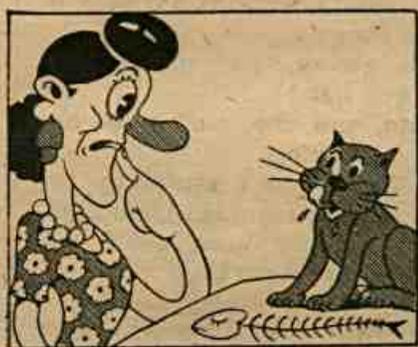
De maneira que o Pires Costas
Em questões com o Paio e Pires
Por causa do Pires e Costas,
Têm já partido pires
E tambem partido costas.

E é por isso que eu sou Paio
E é por isso que eu sou Pires
E também sou Costa e Paio;
Porque sou de Paio Pires.
E sou Pires da Costa Paio.

ARNALDO LEITE

# JANEIRO

*Aquarius*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Domingo . . . . . | FRAT. UNIV. |
| 2 | Segunda-feira . . | Sto. Isidoro |
| 3 | Terça-feira . . . . | Sta. Genoveva |
| 4 | Quarta-feira . . . | S. Caio |
| 5 | Quinta-feira . . . | S. Simeão |
| 6 | Sexta-feira . . . . | SANTOS REIS |
| 7 | Sábado . . . . . . | S. Luciano |
| 8 | Domingo . . . . . | S. Severino |
| 9 | Segunda-feira . . | S. Vital |
| 10 | Terça-feira . . . . | S. Nicanor |
| 11 | Quarta-feira . . . | Sta. Hortência |
| 12 | Quinta-feira . . . | Sto. Ernesto |
| 13 | Sexta-feira . . . . | Sta. Verônica |
| 14 | Sábado . . . . . . | S. Malaquias |
| 15 | Domingo . . . . . | S. Mauro |
| 16 | Segunda-feira . . | S. Marcelo |
| 17 | Terça-feira . . . . | Sto. Antão |
| 18 | Quarta-feira . . . | Sta. Beatriz |
| 19 | Quinta-feira . . . | S. Mário |
| 20 | Sexta-feira . . . . | S. SEBASTIAO |
| 21 | Sábado . . . . . . | Sta Inês |
| 22 | Domingo . . . . . | S. Vicente |
| 23 | Segunda-feira . . | S. Bernardo |
| 24 | Terça-feira . . . . | N. S.ª DA PAZ |
| 25 | Quarta-feira . . . | CONVER. DE S. PAULO |
| 26 | Quinta-feira . . . | S. Policarpo |
| 27 | Sexta-feira . . . . | S. João Crisóstomo |
| 28 | Sábado . . . . . . | S. Leônidas |
| 29 | Domingo . . . . . | S. Francisco de Sales |
| 30 | Segunda-feira . . | Sta. Martinha |
| 31 | Terça-feira . . . . | S. João Bosco |

# FEVEREIRO

*Pisces*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Quarta-feira . . . | Sto. Inácio |
| 2 | Quinta-feira . . . | PUR. DE N. SENHORA |
| 3 | Sexta-feira . . . . | S. Braz |
| 4 | Sábado . . . . . . | Sto. André Corsino |
| 5 | Domingo . . . . . | Sta. Agueda |
| 6 | Segunda-feira . . | Sto. Amando |
| 7 | Terça-feira . . . . | S. Romualdo |
| 8 | Quarta-feira . . . | S. João da Mata |
| 9 | Quinta-feira . . . | Sta. Apolônia |
| 10 | Sexta-feira . . . . | S. Guilherme |
| 11 | Sábado . . . . . . | N. S.ª DE LOURDES |
| 12 | Domingo . . . . . | Sta. Eulália |
| 13 | Segunda-feira . . | Sta. Catarina |
| 14 | Terça-feira . . . . | S. Valentim |
| 15 | Quarta-feira . . . | S. Faustino |
| 16 | Quinta-feira . . . | Sta. Juliana |
| 17 | Sexta-feira . . . . | S. Donato |
| 18 | Sábado . . . . . . | S. Cláudio |
| 19 | Domingo . . . . . | CARNAVAL |
| 20 | Segunda-feira . . | CARNAVAL |
| 21 | Terça-feira . . . . | CARNAVAL |
| 22 | Quarta-feira . . . | CINZAS |
| 23 | Quinta-feira . . . | S. Bibiano |
| 24 | Sexta-feira . . . . | S. Matias |
| 25 | Sábado . . . . . . | Sta. Célia |
| 26 | Domingo . . . . . | S. Vitor |
| 27 | Segunda-feira . . | S. Procópio |
| 28 | Terça-feira . . . . | Sta. Herminia |

— Chega ! Chega ! A carta do dr. Paulo já diz que o senhor sabe trabalhar ! Não precisa dar demonstração ! !

# NACIONALIDADE DOS PAPAS

Da lista de todos os papas constam: 1 galileu (S. Pedro); 3 africanos, (S. Victor I, S. Melquiades, S. Gelasiol); 5 alemães (Gregorio V, Clemente II, Damasio II, S. Leão IV e Vitor II); 2 damaltas (S. Caio e João IV). 3 espanhois (S. Damasio I, Calixto III e Alexandre VI); 15 franceses (Silvestre II, Nicolau II, Urbano II, Calixto II, Urbano IV, Clemente IV, Inocencio V, Martinho IV, Clemente V, João XXII, Benedito XII, Clemetne VI, Inocencio VI, Urbano V e Gregorio VI) 15 gregos (Santo Anacleto, Sto Evaristo, S. Telesforo, Sto Higino, Sto. Eleuterio, Sto. Antero, Sto. Sixto II S. Dionisio, Sto. Euzébio, S. Zozime, Teodoro I, João VI, João VII, Zacarias e Alexandre V); 1 holandês (Adriano VI); 1 inglês (Adriano IV); 1 loreno (Estevão X); I português (João XXI); 6 sirios (Sto. Aniceto), João V, S. Sergio I, Sisinio, Constantino, Gregorio II) e 1 tracio (Canon). Com exceção desses, todos os papas tem sido italianos.

## Nos tempos da alquimia

Nos primeiros tempos da historia da alquimia e do estudo da transmutação dos metais, a panacéia universal, segundo alguns autores. não era diferente, em princípio, da ·pedra filosofal .

Esta devia ter a propriedade maravilhosa de rejuvenescer o homem, evitar todo o mal fisico oú moral e prolongar-lhe indefinidamente a vida. Mais tarde a arte hermética buscou separadamente essa substância e a que devia ser própria para assegurar a felicidade material, transformando metais ordinarios em preciosos.

Giber, no século VIII, apresentou seu « elixir rubro » e Raimundo Lúlio, no século VIII o « elixir », que fórma dois típos de panacéia universal, um dos quais era diluição de outro e o segundo, um produto com base de azougue (mercurio dos filósofos), que não era outra coisa senão chumbo,

Entre os alquimistas célebres. Paracelso, no século XII, prometeu por seu "grande arcano", senão a juventude eterna, pelo menos a juventude muito prolongada. Van Elmant assegurava que sua panacéa, com bases de extratos do Líbano, tinha o poder de rejuvenescer, e Bulter atribuia à sua pedra virtude tal que só em tocá-la se curavam todos os males. Foi, principalmente, no ouro potável ou essência aurífera, que os alquimistas viram, durante muito tempo, os elementos puros e fermentos naturais capazes de destruir "tudo quanto é defeituoso no corpo e no espírito".Essas coisas não desapareceram da imaginação humana.

**RAZÃO A QUEM TEM . . .**

David, o grande pintor francês, expusera um dos seus melhores quadros — pelo menos êle o considerava assim — e, por acaso, achava-se no meio da multidão que enchia o recinto da exposição. Notou o artista que um homem cuja roupa denunciava ser cocheiro de fiacre, torceu a cara para o quadro...

David não disse nada. Encerrada a exposição, aproximou-se dele e disse:

— Vejo que não gostou dêsse quadro.

— Certamente que não ! . . .

— E', entretanto, um dos que mais têm agradado a todos os visitantes.

— Admiro-me. Repare que o pintor fez um cavalo com a boca cheia de espuma, não obstante estar sem freio. O pintor nada disse, mas apagou a espuma da bôca do cavalo.

— Escut , Severino... ! E' o remédio que tem que ser agitado, e não você ! !

# MARÇO

*Aries*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Quarta-feira . . . | S. Rosendo |
| 2 | Quinta-feira . . . | S. Simplício |
| 3 | Sexta-feira . . . . | Sta. Lucíola |
| 4 | Sábado . . . . . . | Sta. Francisca |
| 5 | Domingo . . . . . | S. Frederico |
| 6 | Segunda-feira . . | Sta. Felicidade |
| 7 | Terça-feira . . . . | S. Tomaz de Aquino |
| 8 | Quarta-feira . . . | S. João de Deus |
| 9 | Quinta-feira . . . | S. Gregório |
| 10 | Sexta-feira . . . . | S. Gustavo |
| 11 | Sábado . . . . . . | Sta. Rosina |
| 12 | Domingo . . . . . | Sta. Josefina |
| 13 | Segunda-feira . . | S. Rodrigo |
| 14 | Terça-feira . . . . | Sta. Matilde |
| 15 | Quarta-feira . . . | Sto. Henrique |
| 16 | Quinta-feira . . . | S. Julião |
| 17 | Sexta-feira. . . . | S. Patrício |
| 18 | Sábado . . . . . . | Sto. Eduardo |
| 19 | Domingo . . . . . | S. JOSE' |
| 20 | Segunda-feira . . | Sta. Balbina |
| 21 | Terça-feira . . . . | S. Bento |
| 22 | Quarta-feira . . . | S. Benvindo |
| 23 | Quinta-feira . . . | S. Vitorino |
| 24 | Sexta-feira . . . . | S. Gabriel Arcanjo |
| 25 | Sábado . . . . . . | AN. DE N. SENHORA |
| 26 | Domingo . . . . . | DOMINGO DA PAIXÃO |
| 27 | Segunda-feira . . | Sto. Alexandre |
| 28 | Terça-feira . . . . | S. Rufo |
| 29 | Quarta-feira . . . | Sto. Eustáquio |
| 30 | Quinta-feira . . . | S. João Climaco |
| 31 | Sexta-feira . | S. Guido |

# ABRIL

*Taurus*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Sábado . . . . . . | Sto. Hugo |
| 2 | Domingo . . . . . | RAMOS |
| 3 | Segunda-feira . . | S. Ricardo |
| 4 | Terça-feira . . . . | S. Platão |
| 5 | Quarta-feira . . . | TREVAS |
| 6 | Quinta-feira . . . | ENDOENÇAS |
| 7 | Sexta-feira . . . . | ✠ PAIXÃO |
| 8 | Sábado . . . . . . | ALELUIA |
| 9 | Domingo . . . . . | PÁSCOA |
| 10 | Segunda-feira . . | Sto. Ezequiel |
| 11 | Terça-feira . . . . | Sto. Isac |
| 12 | Quarta-feira . . . | Sta. Alaide |
| 13 | Quinta-feira . . . | S. Marcelino |
| 14 | Sexta-feira . . . . | S. Justino |
| 15 | Sábado . . . . . . | S. Lúcio |
| 16 | Domingo . . . . . | PASCOELA |
| 17 | Segunda-feira . . | Sto. Elias |
| 18 | Terça-feira . . . . | S. Galdino |
| 19 | Quarta-feira . . . | Sta. Ema |
| 20 | Quinta-feira . . . | S. Cesário |
| 21 | Sexta-feira . . . . | TIRADENTES |
| 22 | Sábado . . . . . . | DESC. BRÁSIL |
| 23 | Domingo . . . . . | S. Jorge |
| 24 | Segunda-feira . . | S. Roberto |
| 25 | Terça-feira . . . . | S. Marcos |
| 26 | Quarta-feira . . . | S. Cleto |
| 27 | Quinta-feira . . . | Sta. Zita |
| 28 | Sexta-feira . . . . | S. Paulo da Cruz |
| 29 | Sábado . . . . . . | Sto. Emiliano |
| 30 | Domingo . . . . . | S. Mariano |

# HINO À BANDEIRA

OLAVO BILAC

Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança,
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
O esplendor do Cruzeiro do Sul...

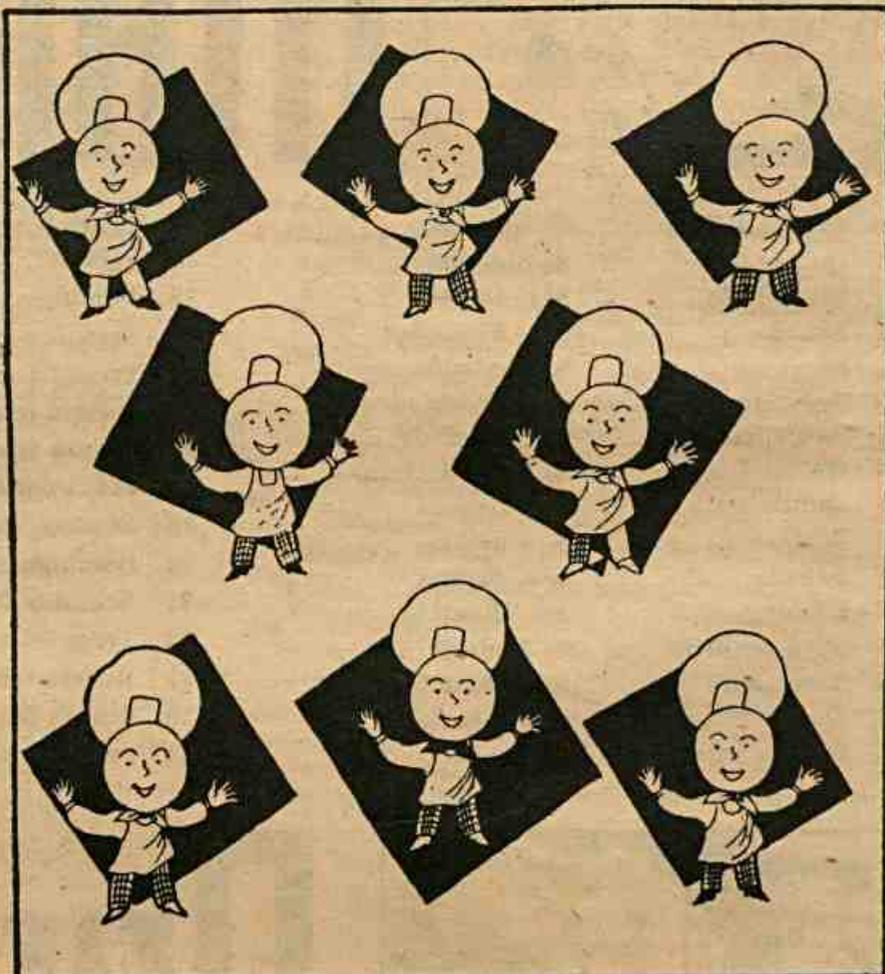
Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever:
E o Brasil, por seus filhos amados,
Poderoso e feliz há de ser!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
etc. etc. etc.

Sôbre a imensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
etc. etc. etc.

# QUAIS SERÃO OS BONECOS IGUAIS?

*DOIS dos oito bonecos que aqui aparecem, são iguais e estão vestidos da mesma maneira. Quais serão êles?*
*Olhe bem para todos e verificará que há pequenos detalhes diferentes em cada um. Só dois dêles são iguais. Agora, descubra quais... (Até rimou...)*

# SERIA DIFERENTE

**À frente de uma casa havia um monte de pedras, que o dono queria transportar para o fundo do quintal. Então o homem chamou dois meninos que passavam e lhes propôs "brincarem" de carregador.**

**— E' fácil — disse êle. — Vocês agarram essas pedras e vão levando, uma por uma, para o meu quintal... E' um brinquedo muito interessante.**

**Os meninos aceitaram.**

**Fizeram três ou quatro viagens. Por fim, um deles, começando a ficar cansado, parou e perguntou ao homem:**

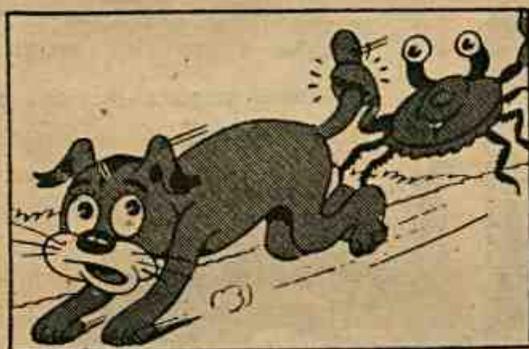
**— Eh! moço! Afinal, nós estamos mesmo brincando, ou trabalhando? Porque se estamos trabalhando, eu vou dar o fora...**

# MAIO

Gemini

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Segunda-feira . . | DIA DO TRABALHO | 17 | Quarta-feira . . . | S. Pascoal |
| 2 | Terça-feira . . . . | Sta. Mafalda | 18 | Quinta-feira . . . | ✠ ASCEN. DO SENHOR |
| 3 | Quarta-feira . . . | S. Juvenal | 19 | Sexta-feira . . . . | Sto. Ivo |
| 4 | Quinta-feira . . . | S. Floriano | 20 | Sábado . . . . . . | S. Bernardino de Sena |
| 5 | Sexta-feira . . . . | Sta. Irene | 21 | Domingo . . . . . | Sta. Virgínia |
| 6 | Sábado . . . . . . | S. João Damasceno | 22 | Segunda-feira . . | Sta. Rita de Cássia |
| 7 | Domingo . . . . . | Sto. Estanislau | 23 | Terça-feira . . . . | Sto. Epitácio |
| 8 | Segunda-feira . . | Aparição de S. Miguel | 24 | Quarta-feira . . . | N. S.ª AUXILIADORA |
| 9 | Terça-feira . . . . | S. Jerônimo | 25 | Quinta-feira . . . | S. Basílio |
| 10 | Quarta-feira . . . | N. S.ª da MISERICÓRDIA | 26 | Sexta-feira . . . . | S. Felipe Neri |
| 11 | Quinta-feira . . . | S. Florêncio | 27 | Sábado . . . . . . | Sto. Ildebrando |
| 12 | Sexta-feira . . . . | S. Nereu | 28 | Domingo . . . . . | ESPÍRITO SANTO |
| 13 | Sábado . . . . . . | S. Flávio | 29 | Segunda-feira . . | S. Máximo |
| 14 | Domingo . . . . . | Sta. Gema Galgani | 30 | Terça-feira . . . . | Sta. Joana d'Arc |
| 15 | Segunda-feira . . | Sto. Isidoro | 31 | Quarta-feira . . . | Sta. Petronila |
| 16 | Terça-feira . . . . | S. João Nepomuceno | | | |

# JUNHO

Cancer

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 | Quinta-feira . . . | S. Juvêncio | 16 | Sexta-feira . . . . | Sto. Aureliano |
| 2 | Sexta-feira . . . . | Sto. Erasmo | 17 | Sábado . . . . . | S. Manuel |
| 3 | Sábado . . . . . . | Sta. Clotilde | 18 | Domingo . . . . | Sta. Marina |
| 4 | Domingo . . . . . | SANTÍSSIMA TRIN. | 19 | Segunda-feira . . | Sta. Juliana |
| 5 | Segunda-feira . . | S. Fernando | 20 | Terça-feira . . . . | S. Silvério |
| 6 | Terça-feira . . . . | Sta. Paulina | 21 | Quarta-feira . . . | S. Luiz Gonzaga |
| 7 | Quarta-feira . . . | S. Gilberto | 22 | Quinta-feira . . . | S. Paulino |
| 8 | Quinta-feira . . . | ✠ CORPO DE DEUS | 23 | Sexta-feira . . . . | S. Jaime |
| 9 | Sexta-feira . . . . | S. Feliciano | 24 | Sábado . . . . . . | S. JOÃO BATISTA |
| 10 | Sábado . . . . . . | Sta. Margarida | 25 | Domingo . . . . . | Sta. Lúcia |
| 11 | Domingo . . . . . | S. Barnabé | 26 | Segunda-feira . . | S. Virgílio |
| 12 | Segunda-feira . . | Sta. Josefa Rosselo | 27 | Terça-feira . . . . | S. Ladisláu |
| 13 | Terça-feira . . . . | STO. ANT. DE PÁDUA | 28 | Quarta-feira . . . | S. Benigno |
| 14 | Quarta-feira . . . | S. Basílio Magno | 29 | Quinta-feira . . . | S. PEDRO e S. PAULO |
| 15 | Quinta-feira . . . | S. Modesto | 30 | Sexta-feira . . . . | Sta. Lucina |

# O AMIGO  Fiel do Homem

"Afirmam os sociólogos que o cão foi o primeiro animal que o homem domesticou. Os cães selvagens vinham rondar-lhe a caverna, a tenda de couro, a aldeia lacustre ou a cabana, aproveitando os detritos alimentares que deitava fóra. Daí as primeiras relações de amisade, geradoras da associação de interesses, que até hoje continúa entre os dois animais. No fundo, há mesmo grande inclinação natural dum para outro. Santo Agostinho, ótimo observador, diz que só a lingua torna impossivel a troca de pensamentos entre os dois amigos; contudo, acrescenta, o homem prefere sempre a companhia de seu cão à dum homem desconhecido".

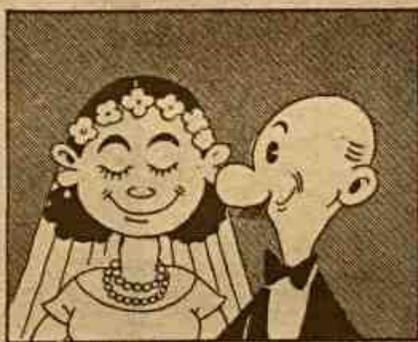
Assim começa o historiador Gustavo Barroso certa crônica sôbre o mais fiel amigo do homem. E prossegue na enumeração das raças caninas que foram conhecidas até os dias atuais. Do cruzamento dos cães primitivos com os lobos, sairam os primeiros animais de caça de que o homem se serviu e que chegaram aos nossos dias na bela e amável degenerescência dos lulús, "loups-loups", tão queridos das damas. Depois, cada raça de homem criou para si uma raça de cães. Por êsse motivo, seus nomes sempre foram gentilicos. O perro dos espanhóis vem da corrutela de"patrius", cão patrício, cão da terra. Os franceses ainda hoje chamam aos fraldeiros "épagneuls", espanhóis. Os alemães apelidam o mastim "ulmer", do nome das antigas tribus do Mecklemburgo. Os gregos designavam como molossos os grandes cães de guarda ou de ataque, porque eram originários da Molossia. Em português, chamamos gôzo o antigo cachorro dos godos; alão, o que nos veio dos álanos; sabujo, o farejador da Sabóia; galgo, o cão gálico, o cão dos gauleses, tão afamado na antiguidade que no "Satíricon" de Petrônio o epitáfio duma cadela de caça começa assim: "Gallia me genuit" Outros nomes de cães, na nossa lingua, trazem suas aptidões: rateiro, veadeiro, fraldiqueiro, rasteiro, perdigueiro, rafeiro, lebreu e podengo. Há tambem denominações de qualidade mais gerais: regougado, o que se parece com a raposa; apodengado, o que se assemelha ao podengo; cão dos caniços; cão de fila. Ou, então, têrmos adotados de linguas estrangeiras como dogue, que vem do saxonio, valtro, nascido nas gestas, braco, que vem do francês e é o "canis sagax" de Aldrovando.

Leonardo da Vinci não acreditava no bom caráter dos cães e disse, nos seus manuscritos, que se cheiram para saber o que comeram, verificando pelo cheiro da comida se o cão cheirado pertence a casa rica ou pobre. Então, o adulam ou mordem.

Rousseau, pelo contrário, punha o seu Duc acima de quantos duques de duas pernas conhecia.

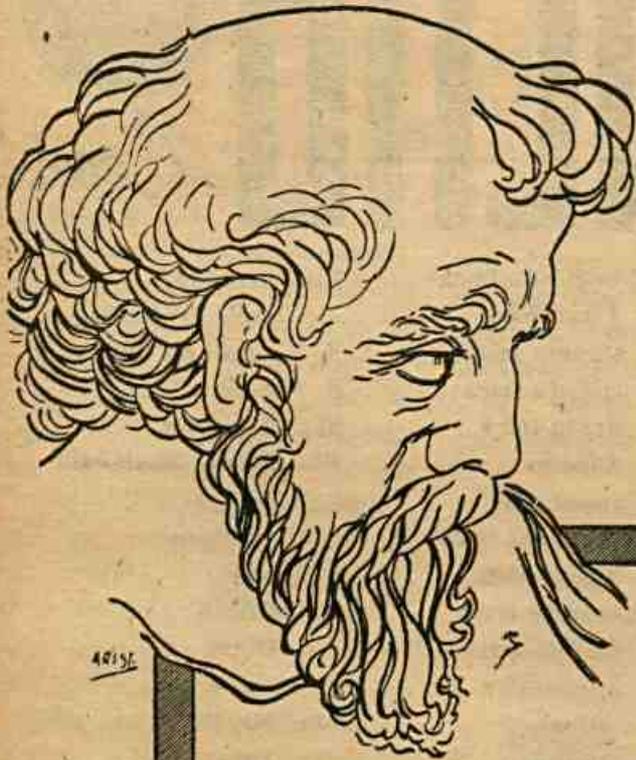
# JULHO

Leo

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Sábado . . . . . . | Sta. Leonor |
| 2 | Domingo . . . . . | VISITAÇÃO DE N. S.ª |
| 3 | Segunda-feira . . | Sto. Heliodoro |
| 4 | Terça-feira . . . . | Sta. Berta |
| 5 | Quarta-feira . . . | Sta. Filomena |
| 6 | Quinta-feira . . . | Sta. Domingas |
| 7 | Sexta-feira . . . . | S. Cirilo |
| 8 | Sábado . . . . . . | Sta. Isabel |
| 9 | Domingo . . . . . | Sta. Verônica |
| 10 | Segunda-feira . . | S. Januário |
| 11 | Terça-feira . . . . | S. Sabino |
| 12 | Quarta-fira . . . | S. João Gualberto |
| 13 | Quinta-feira . . . | Sto. Anacleto |
| 14 | Sexta-feira . . . . | S. Boaventura |
| 15 | Sábado . . . . . . | Sto. Henrique |
| 16 | Domingo . . . . . | N. S.ª DO CARMO |
| 17 | Segunda-feira . . | Sto. Arnaldo |
| 18 | Terça-feira . . . . | S. Camilo de Lelis |
| 19 | Quarta-feira . . . | S. Vicente de Paulo |
| 20 | Quinta-feira . . . | S. Eleutério |
| 21 | Sexta-feira . . . . | Sta. Angelina |
| 22 | Sábado . . . . . . | Sta. Maria Madalena |
| 23 | Domingo . . . . . | S. Libório |
| 24 | Segunda-feira . . | Sta. Cristina |
| 25 | Terça-feira . . . . | S. Tiago |
| 26 | Quarta-feira . . . | SANT'ANA |
| 27 | Quinta-feira . . . | Sto. Olavo |
| 28 | Sexta-feira . . . . | S. Inocêncio |
| 29 | Sábado . . . . . . | Sta. Marta |
| 30 | Domingo . . . . . | Sta. Julieta |
| 31 | Segunda-feira . . | Sto. Inácio de Loiola |

# AGOSTO

Virgo

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Terça-feira . . . . | S. Leôncio |
| 2 | Quarta-feira . . . | Sto. Afonso do Ligório |
| 3 | Quinta-feira . . . | Sta. Lídia |
| 4 | Sexta-feira . . . . | S. Domingos |
| 5 | Sábado . . . . . . | N. S.ª DAS NEVES |
| 6 | Domingo . . . . . | Transf. de Nosso Senhor |
| 7 | Segunda-feira | S. Caetano |
| 8 | Terça-feira . . . . | S. Ciríaco |
| 9 | Quarta-feira . . . | S. Romão |
| 10 | Quinta-feira . . . | S. Lourenço |
| 11 | Sexta-feira . . . . | Sta. Luiza |
| 12 | Sábado . . . . . . | Sta. Clara |
| 13 | Domingo . . . . . | Sta. Aurora |
| 14 | Segunda-feira . . | Sto. Eusébio |
| 15 | Terça-feira . . . . | ✠ ASSUNÇÃO DE N. S.ª |
| 16 | Quarta-feira . . . | S. Joaquim |
| 17 | Quinta-feira . . . | S. Roque |
| 18 | Sexta-feira . . . . | S. Lauro e Sta. Helena |
| 19 | Sábado . . . . . . | S. Luiz |
| 20 | Domingo . . . . . | S. Felisberto |
| 21 | Segunda-feira . . | S. Sidônio |
| 22 | Terça-feira . . . . | S. Timóteo |
| 23 | Quarta-feira . . . | S. Cláudio |
| 24 | Quinta-feira . . . | S. Bartolomeu |
| 25 | Sexta-feira . . . . | Sta. Lucila |
| 26 | Sábado . . . . . . | S. Zeferino |
| 27 | Domingo . . . . . | Sta. Eulália |
| 28 | Segunda-feira . . | Sto. Agostinho |
| 29 | Terça-feira . . . . | Sto. Adolfo |
| 30 | Quarta-feira . . . | Sta. Rosa de Lima |
| 31 | Quinta-feira . . . | S. Raimundo Nonato |

# OS "VERSOS DE OURO" DE PITÁGORAS

**Pitágoras foi um grande filosofo grego que nasceu em Samos por volta de 580 A. C.**

**Foi aluno de Ermódamos até os 18 anos; antes de partir para o Egito e Asia, estudou com Ferecides de Seiros e aproximou-se de Tales, como êle, grande matemático.**

**Vinte anos teria levado nessas viagens.**

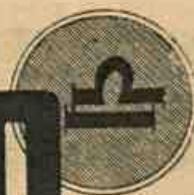
**Quando voltou ao Ocidente, trazia uma inteligencia esclarecida e exercitada e, aliando isto às qualidades de coração que possuia, procurou regular a vida humana.**

**Levou a aritmética e a geometria muito além do que recebera dos sacerdotes egípcios.**

**Pitágoras morreu aos 90 anos de idade, na Itália.**

**Preocupando-se com a "harmonia das estrêlas", achava que o sábio é aquele que regula a sua existência segundo a harmonia universal e para guiar seus discípulos no reto caminho da moral, escreveu os conhecidos "Versos de ouro", que publicamos abaixo e contém os mais sábios ensinamentos.**

Honra aos deuses imortais.
Cumpre o que prometeste.
Venera os heróis e cumpre os ritos como lhes é devido.
Honra a teus pais e aos de teu sangue.
Escolhe teus amigos dentre os bons.
Sê amável em tuas palavras e serviçal nas tuas ações.
Não rompas com um amigo por ofensa ligeira.
Trata-o com indulgência.
A união faz a fôrça.
Aprende a dominar êstes quatro vicios: cupidez, preguiça, inveja e [cólera.
Nada faças de vil, quer estando só, quer acompanhado, não esquecendo [o respeito que te deves a ti próprio.
Aprende a ganhar e a gastar.
Quaisquer provocações que te reservem os deuses, suporta-as; esquece-as [se possivel.
De tua saúde deves tu mesmo cuidar.
Não durmas sem primeiro examinares três vezes as ações que de dia [praticaste.
Se algo de mal houveres feito, arrepende-te; se algo de bem, alegra-te.
Observando tudo isto, estarás perto da divina virtude.
Lembra-te de que ser escravo das paixões é mais duro que ser escravo [dos déspotas.

# SETEMBRO

*Libra*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Sexta-feira . . . . | S. Constâncio |
| 2 | Sábado . . . . . | Sto. Elpídio |
| 3 | Domingo . . . . . | N. S.ª DA PENHA |
| 4 | Segunda-feira . . | Sta. Rosália |
| 5 | Terça-feira . . . . | S. Gentil |
| 6 | Quarta-feira . . . | S. Liberato |
| 7 | Quinta-feira . . . | INDEP. DO BRASIL |
| 8 | Sexta-feira . . . . | NAT. DE N. SENHORA |
| 9 | Sábado . . . . . . | S. Jacinto |
| 10 | Domingo . . . . . | S. Nicoláu Tolentino |
| 11 | Segunda-feira . . | S. Deodoro |
| 12 | Terça-feira . . . . | SS. NOME DE MARIA |
| 13 | Quarta-feira . . . | Sto. Amado |
| 14 | Quinta-feira . . . | EXALT. da STA. CRUZ |
| 15 | Sexta-feira . . . . | N. S.ª DAS DORES |
| 16 | Sábado . . . . . . | Sta. Edite |
| 17 | Domingo . . . . . | S. Sátiro |
| 18 | Segunda-feira . . | S. José Cupertino |
| 19 | Terça-feira . . . . | S. Nilo |
| 20 | Quarta-feira . . . | Sta. Fausta |
| 21 | Quinta-fera . . . | S. Mateus |
| 22 | Sexta-feira . . . . | S. Maurício |
| 23 | Sábado . . . . . . | S. Lino |
| 24 | Domingo . . . . . | N. S.ª DAS MERCÊS |
| 25 | Segunda-feira . . | S. Firmino |
| 26 | Terça-feira . . . . | Sta. Justina |
| 27 | Quarta-feira . . . | Stos. Cosme e Damião |
| 28 | Quinta-feira . . . | S. Bernardo |
| 29 | Sexta-feira . . . . | S. Miguel Arcanjo |
| 30 | Sábado . . . . . . | S. Jerônimo |

# OUTUBRO

*Scorpio*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Domingo . . . . . | S. Veríssimo |
| 2 | Segunda-feira . . | Sts. ANJOS da GUARDA |
| 3 | Terça-feira . . . . | Sta. Tereza do M. Jesús |
| 4 | Quarta-feira . . . | S. Francisco de Assis |
| 5 | Quinta-feira . . . | S. Plácido |
| 6 | Sexta-feira . . . . | S. Bruno |
| 7 | Sábado . . . . . . | N. S.ª DO ROSÁRIO |
| 8 | Domingo . . . . . | Sta. Brígida |
| 9 | Segunda-feira . . | S. Dionísio |
| 10 | Terça-feira . . . . | S. Francisco de Borja |
| 11 | Quarta-feira . . . | S. Nicácio |
| 12 | Quinta-feira . . . | DESC. DA AMÉRICA |
| 13 | Sexta-feira . . . . | S. Januário |
| 14 | Sábado . . . . . . | Sto. Evaristo |
| 15 | Domingo . . . . . | Sta. Tereza de Jesús |
| 16 | Segunda-feira . . | S. Geraldo Magela |
| 17 | Terça-feira . . . . | Sta. Eduviges |
| 18 | Quarta-feira . . . | S. Lucas |
| 19 | Quinta-feira . . . | S. Pedro de Alcântara |
| 20 | Sexta-feira . . . . | S. João Câncio |
| 21 | Sábado . . . . . . | Sta Úrsula |
| 22 | Domingo . . . . . | S. Severo |
| 23 | Segunda-feira . . | Sta. Josefina |
| 24 | Terça-feira . . . . | S. Rafael Arcanjo |
| 25 | Quarta-feira . . . | S. Crispim |
| 26 | Quinta-feira . . . | S. Luciano |
| 27 | Sexta-feira . . . . | Sta. Valentina |
| 28 | Sábado . . . . . . | S. Judas Tadeu |
| 29 | Domingo . . . . . | S. Narciso |
| 30 | Segunda-feira . . | S. Marcelo |
| 31 | Terça-feira . . . . | S. Cristovão |

# COMEDORES de INSETOS

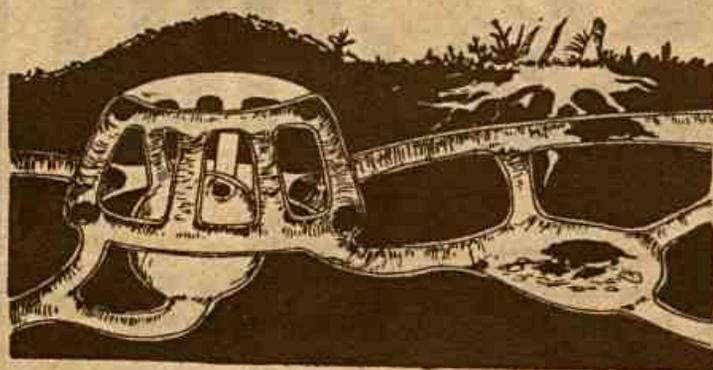
OS animais que comem insetos — ou insetívoros — são numerosos. Existem em toda a parte e é graças a êles que se mantém o equilibrio da natureza, pois se os insetos não fossem destruidos, como são, acabariam por tomar conta da Terra inteira, e nem o homem poderia mais sobreviver

O "musganho anão" é o mamifero de menor tamanho do mundo inteiro. Mede 5 centimetros de comprimento e tem semelhanças com um camondongo. Só come insetos. Pode-se fazer uma idéia do seu tamanho, comparando-o com o griló que êle está tentando liquidar.

E vai liquidar, não tenham dúvida nenhuma ! !

EM CIMA: O "Solenodon", parecido com o rato comum. Existe em Cuba e no Haití, onde lhe dão o nome de Almiqui.

EM BAIXO: O uriço europeu. Não tem parentesco nenhum com o porco-espinho. E' insetívoro feroz. Seu cérebro é insignificante.

EM CIMA: O "Tenrec", de Madagascar. Só come insetos. Se não tem insetos para comer, cai em completo torpor.
EM BAIXO: A "toupeira", grande amiga dos agricultores. À direita vemos os labirintos subterrâneos construidos pelas toupeiras. E' ali que elas vivem.

Vista da extensão de terreno onde vive uma colonia de toupeiras.

# NOVEMBRO

*Sargitarius*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Quarta-feira . . . | TODOS OS SANTOS |
| 2 | Quinta-feira . . . | FINADOS |
| 3 | Sexta-feira . . . . | Sta. Sílvia |
| 4 | Sábado . . . . . . | S. Carlos Barromeu |
| 5 | Domingo . . . . . | S. Zacarias |
| 6 | Segunda-feira . . | S. Leonardo |
| 7 | Terça-feira . . . . | S. Florêncio |
| 8 | Quarta-feira . . . | S. Godofredo |
| 9 | Quinta-feira . . . | Sto. Orestes |
| 10 | Sexta-feira . . . . | Sto. André Avelino |
| 11 | Sábado . . . . . . | S. Martinho |
| 12 | Domingo . . . . . | Sto. Aurélio |
| 13 | Segunda-feira . . | S. Valentino |
| 14 | Terça-feira . . . . | S. Josafat |
| 15 | Quarta-feira . . . | PROC. DA REPÚBL. |
| 16 | Quinta-feira . . . | S. Valério |
| 17 | Sexta-feira . . . . | Sta. Vitória |
| 18 | Sábado . . . . . . | S. Máximo |
| 19 | Domingo . . . . . | Sta. Isabel |
| 20 | Segunda-feira . . | Sto. Otávio |
| 21 | Terça-feira . . . . | APRESENT. DE N. S.ª |
| 22 | Quarta-feira . . . | Sta. Cecília |
| 23 | Quinta-feira . . . | S. Clemente |
| 24 | Sexta-feira . . . . | S. João da Cruz |
| 25 | Sábado . . . . . . | Sta. Catarina |
| 26 | Domingo . . . . . | S. Conrado |
| 27 | Segunda-feira . . | N. S.ª DAS GRAÇAS |
| 28 | Terça-feira . . . . | S. Gregório |
| 29 | Quarta-feira . . . | S. Saturnino |
| 30 | Quinta-feira . . . | Sto. André |

# DEZEMBRO

*Capricornius*

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Sexta-feira . . . . | Sto. Eloi |
| 2 | Sábado . . . . . | Sta. Elisa |
| 3 | Domingo . . . . . | S. Francisco Xavier |
| 4 | Segunda-feira . . | Sta. Bárbara |
| 5 | Terça-feira . . . . | S. Júlio |
| 6 | Quarta-feira . . . | S. Nicoláu |
| 7 | Quinta-feira . . . | Sto. Ambrósio |
| 8 | Sexta-feira . . . . | IMAC. CONCEIÇÃO |
| 9 | Sábado . . . . . . | Sta. Leocádia |
| 10 | Domingo . . . . . | Sta. Júlia |
| 11 | Segunda-feira . . | S. Dâmaso |
| 12 | Terça-feira . . . . | N. S.ª DE GUADALUPE |
| 13 | Quarta-feira . . . | Sta. Luzia |
| 14 | Quinta-feira . . . | Sta. Odila |
| 15 | Sexta-feira . . . . | Sto. Irineu |
| 16 | Sábado . . . . . . | Sta. Adelaide |
| 17 | Domingo . . . . . | S. Lázaro |
| 18 | Segunda-feira . . | S. Vitor |
| 19 | Terça-feira . . . . | Sta. Fausta |
| 20 | Quarta-feira . . . | Sta. Vitória |
| 21 | Quinta-fera . . . | S. Tomé |
| 22 | Sexta-feira . . . . | S. Demétrio |
| 23 | Sábado . . . . . . | S. Pompeu |
| 24 | Domingo . . . . . | S. Delfino |
| 25 | Segunda-feira . . | ✠ NATAL |
| 26 | Terça-feira . . . . | Sto. Estevão |
| 27 | Quarta-feira . . . | S. João Evangelista |
| 28 | Quinta-feira . . . | SANTOS INOCENTES |
| 29 | Sexta-feira . . . . | S. David |
| 30 | Sábado . . . . . . | S. Ricardo |
| 31 | Domingo . . . . . | S. Silvestre |

# AS ESTRELAS DO POÇO

QUANDO as estrêlas eram ainda muito novas, quero dizer, quando elas eram crianças, costumavam brincar e se distrair na terra. Nas noites de verão, desciam e vinham mirar-se nas águas dos lagos, rios, poços; enfim, onde houvesse água, lá estavam as estrêlas brilhando. Umas gostavam de se refletir no mar, deixando-se embalar pelas ondas; outras, corriam rápidas até os rios e, com os cabelos de prata, soltos sôbre as águas, transpunham grandes distâncias; algumas, as mais tristes, mergulhavam nos lagos artificiais, dos jardins, no meio das plantas aquáticas e ficavam ouvindo as conversas dos peixinhos coloridos.

Essas brincadeiras eram feitas bem tarde da noite, assim pela madrugada, quando tudo estava em silêncio, e quando Sírio, a estrêla da manhã, aparecia, tôdas as outras já tinham fugido para os seus postos, encobertas pela luz da aurora e nada acontecia. Vejam, porém, o que aconteceu certa vez

Havia duas estrelinhas, irmãs e muito pequeninas, que viviam longe da terra, talvez a mais de um milhão de léguas. Tambem elas queriam tomar parte nos folguedos de suas companheiras, mas, como moravam muito longe, ficavam sempre para traz e logo vinha Sírio e elas, sem se terem divertido, tinham que voltar aos seus lugares. Entretanto, tanto elas insistiram e correram que um dia conseguiram chegar à Terra. Como tinham pressa e haviam perdido grande parte do tempo na viagem, pouco restando para se divertirem, não perderam tempo escolhendo lugar para ficar, parando no mesmo ponto em que desceram. Contudo, aquele espelho grande que estava à sua frente não era mar, nem rio, nem siquer um lago... Era, sim, um poço. Também é muito bonito um poço. E as duas irmãs gostaram daquele. Além disso, a água era doce e fresca. Quando elas riam ou cantavam, suas vozes ecoavam e as estrelinhas acreditavam então que eram enormes estrelas. Mas, enquanto riam e cantavam, o tempo corria e logo tiveram que voltar aos lugares distantes que ocupavam no firmamento.

Na noite seguinte as duas estrelinhas conseguiram correr mais e assim tiveram tempo de ver mais coisas, distraindo-se calmamente, sem muita pressa. E quantas coisas lindas viram! Uma casa tôda branquinha e fechada, onde os moradores pareciam dormir, um pomar com árvores que se moviam com a brisa e pareciam fazer reverências.

TRADUCÃO DE MARIA MATILDE

Entre o pomar e a casa estava aquele belíssimo poço, em cujas águas as estrelinhas se miravam. submergiam e voltavam, fazendo brilhantes colares de gotas com os quais se enfeitavam. Acreditavam que nenhuma outra estrela se divertia tanto quanto elas. Nem mesmo as que bamboleavam nas ondas do mar, ou as que se deixavam ir na correnteza dos rios, passando por cidades iluminadas se divertiam tanto.

As duas estrelinhas brincaram bastante nessa noite e como estavam no fundo do poço, que era muito escuro, não perceberam que já estava ficando dia. Tão no fundo do poço se achavam que nem podiam ver o relogio da torre próxima. Eram gemeas e, por isso, não se pode culpar a mais velha por não ter cuidado da hora de regressar. Uma

delas, casualmente olhou para cima e viu a estrela Sirio brilhando lá em cima.

— Ai de nós! — exclamou. — O que fizemos!

A outra olhou para cima e começou a tremer.

— Por mais que corramos, nunca chegaremos ao nosso lugar antes que seja dia claro!

Desesperadas, aflitas, puxaram os colares de gôtas, as quais cairam na água como lagrimas.

Finalmente, uma delas teve mais calma e disse:

— Não fiques assim, maninha! Não estejas aflita, nós ficaremos aqui, quietinhas, o dia todo, e, quando chegar a noite, voltaremos para o espaço e nunca mais sairemos do nosso lugar.

— Sim — respondeu a outra. Achas que é tão facil assim? Quando o sol passar nos verá aqui! Ja estou até ouvindo a sua voz nos perguntando: — Que fizeram vocês da sua órbita?

— E verdade! — retrucou a estrelinha que tinha sugerido a idéia de permanecerem no poço. — Nosso dever era ter ido para o nosso posto.

E quanto mais clareava o dia mais assustadas ficavam as duas estrelas. Que vergonha ser assim surpreendidas pelo dia no fundo poço!

De repente viram o rostinho de uma menina que se debruçou no poço. Chamaram-na.

— Menina! Oh! menina!

— Quem está ai no poço?

— Somos duas estrelas pequeninas, duas estrelas perdidas. Queremos que nos ajudes a sair daqui, porque assim, dia claro, não podemos. Esconde-nos até a noite, por favor! Nós te daremos uma lembrança.

— E que hei de fazer para tirá-las dai?

— Não tens ai um balde?

O balde que estava na ponta da corda começou a descer.

Logo que o balde chegou ao poço as duas estrelinhas se meteram dentro dêle e, depois de prendê-lo à corda, gritaram para a menina que podia puxar:

— Já podes puxar o balde! Pesamos muito pouco; não tenhas medo.

Em quatro braçadas a menina botou o balde para cima, com as duas estrelinhas, que logo pularam para o chão.

Como estavam bonitas e palidas com o amanhecer!

A menina, depois de admirar as duas estrelinha assustadas, disse:

*.. Na minha opinião, tôda pessoa devia cantar enquanto trabalha.*
*— Oh! Não! Para mim, isso seria impossivel.*
*— Por que?*
*— Porque toco trombone!*

— Venham comigo. Eu as levarei ao celeiro. Ele está vasio. Lá não entra ninguem.

Caminharam em silêncio e foram diretamente ao celeiro. A menina mandou as estrelinhas entrarem e disse:

— Não é um lugar bonito, nem muito agradável, mas é o único que posso oferecer a vocês.

— É uma beleza! — exclamou uma das estrelas, delicadamente.

— Naquele enorme celeiro, cheio de pó e teias de aranha, havia uma coisa que muito agradou as estrelinhas: uma janela. Por ela podiam ver o céu azul, mas, depois de darem uma espiadinha, as estrelas fecharam a janela. Tinham mêdo do sol. Na escuridão, recuperaram o brilho, tornaram a se ver e ficaram mais alegres com isto. Já não tinham tanto mêdo.

Passou algum tempo. Depois elas ouviram dizer:

— Quem foi que fechou a janela do celeiro?

Era uma andorinha que tinha feito ninho no celeiro e trazia comida para os filhinhos.

— Fui eu quem fechou — respondeu uma das estrelas. É para que o sol não entre aqui.

— O sol está agora do outro lado da casa.

Abriram a janela e entrou a andorinha, que tornou a sair e a entrar várias vezes, até que os filhotes, satisfeitos, alimentados, adormeceram. A andorinha ficou no ninho aquecendo os filhos.

Quando a noite veio, a porta se abriu e a menina entrou no celeiro.

— Como passaram? Bem? — perguntou, pondo a mão nos olhos por causa da forte luz das estrelas

— Muito bem! E muito agradecemos o que fizeste por nós. Estamos só esperando que apareça a lua para voltarmos para o nosso lugar.

Não demorou muito a surgir um raio de lua e as duas estrelas sairam pela janela.

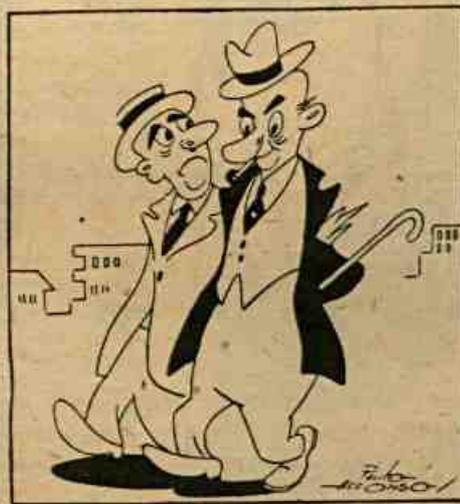
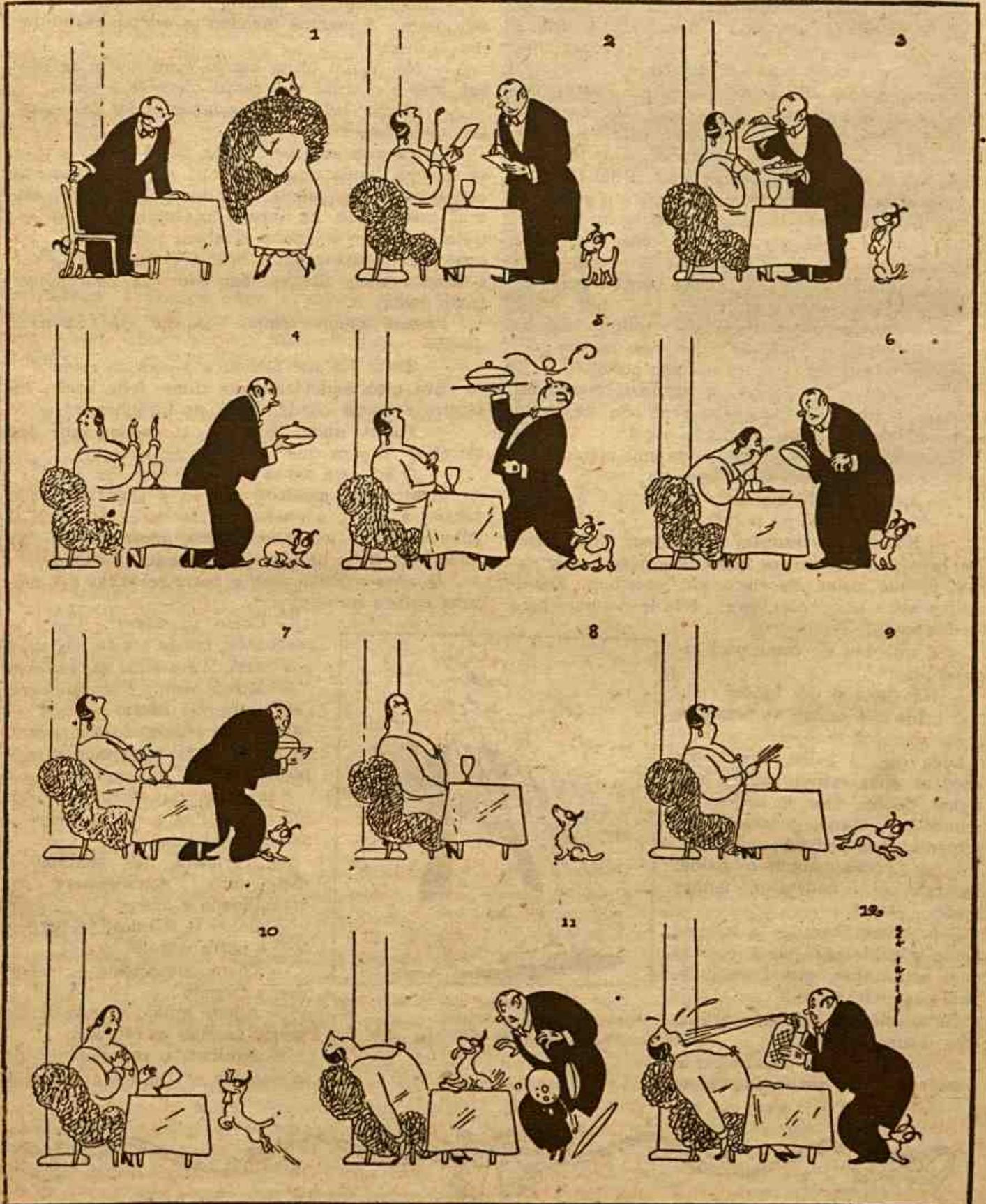
— Obrigada, boa menina! — disse uma. Agradecemos tua amabilidade e adeus!

— Como te chamas? — perguntou a outra estrela.

— Chamo-me Angela — respondeu a menina.

— Adeus, então, Angela — disseram as duas estrelinhas.

E seguiram o seu caminho por

*(Continúa no fim do Almanaque)*

# UMA FREGUESA ENJOADA QUE NÃO ACEITAVA NADA...

# O Tucano

PRODIGIOS da NATUREZA por PAULO AFFONSO

DENTRE os animais de aspecto feio, criados pela Natureza, é sem dúvida o "tucano" um dos que ocupam o primeiro lugar.

Esta ave brasileira, é uma verdadeira caricatura, de aparência invulgar e escandalosa, devido ao longo bico que chega a atingir o tamanho do próprio corpo.

Mas a Natureza, prodigiosa como é, se o fez de formas desproporcionais, compensou-o com a beleza berrante do seu colorido, colocando-o entre as aves de mais bela plumagem da fauna mundial. Os verdadeiros "tucanos", do gênero Ramphastus, são os maiores e os que ostentam o bico mais avantajado. A côr geral é negra, com o papo ora branco ora amarelo, ora vermelho. A côr do bico varia, havendo tucanos de bico verde, ou completamente negro; o maior de todos, conhecido por Tucano Açú, tem um bico enorme, côr de laranja, com uma mancha negra na ponta, na parte superior. A enorme bicarra dessas aves tem para elas, como é natural, grande serventia.

Alimentam-se os "tucanos", geralmente, de frutos, os quais engolem de maneira bem curiosa; apanham a fruta com o bico, como verdadeiros malabaristas, atiram-na para o ar, e, de guela escancarada, esperam que por aí se precipite.

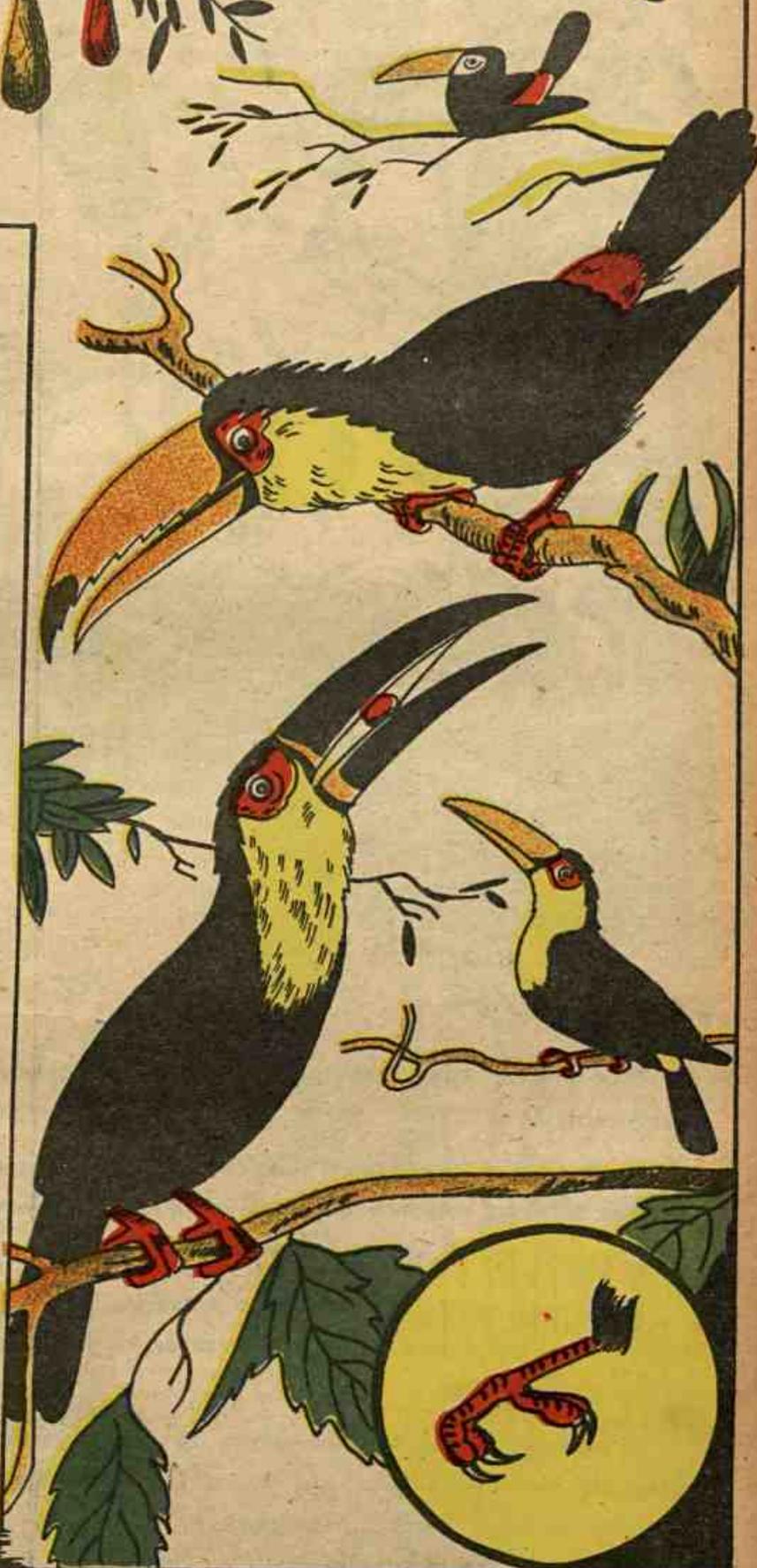
O bico dos "tucanos" é de grande utilidade principalmente no assalto aos ninhos de outros pássaros, pois, velhacos e gulosos, costumam comer os ovos e a carne tenra dos filhotes.

Como duas tenazes, o bico mergulha no ninho e com facilidade arranca as avezinhas, que devoram àvidamente.

Um dos pássaros preferidos pelo apetite dêsses salteadores é o jupú, cujos ninhos curiosos estão representados no desenho acima.

Outra particularidade interessante dos "tucanos" é a posição curiosa que tomam para dormir; reviram a cauda para cima do dorso e escondem a cabeça debaixo da asa, formando, assim, uma figura extravagante. A lingua é também muito original, muito fina, achatada e franjada nas margens e na ponta. Os pés, como se vê no desenho em baixo, são zigodactilos, quer dizer, com dois dedos para frente e dois para trás, como os dos papagaios, com os quais são aparentados.

Os "tucanos" sujeitam-se fàcilmente ao cativeiro e os caçadores dão grande valor à sua carne pois, pelo inverno, quando frutificam as árvores silvestres, apresentam-se gordos e, o que é mais singular, com banha amarelada e abundante. Suas penas e couros encontram grande cotação no mercado e, daí, o serem muito perseguidos.

Na arte plumária indígena, as penas dos "tucanos" tinham o maior relêvo e com elas se confeccionou um famoso manto que pertencia a D. Pedro II.

CONTA-SE que, logo no começo do mundo, os animais resolveram escolher um rei, tendo os bichos da terra escolhido o leão, e as aves escolhido a águia.

No dia das eleições verificou-se que os dois candidatos tiveram o mesmo número de votos, e como cada partido alegava que houvera roubo da parte do lado contrário, estourou uma guerra terrivel.

A principio os bichos que viviam na terra levaram grande desvantagem, pois do alto as aves podiam observar todos os seus movimentos. E como as aves eram também mais velozes e estava mais bem organisadas, ganharam elas as primeiras batalhas.

Vendo que, se não tomassem uma providência séria, seriam fatalmente derrotados os bichos resolveram efetuar um ataque noturno de surpresa, com os leões, os elefantes, os tigres, etc., na frente e os animais menores atraz.

O papagaio, porém, que em virtude de sua cor verde se escondera entre as folhas sem ser visto, ouviu tudo e mandou a noticia aos seus companheiros pelo pombo correio. As aves então se prepararam para receber os atacantes, e decidiram que seria conveniente colocar um vigia para dar o alarme quando o inimigo se aproximasse.

Depois de muita discussão ficou acertado que o vigia seria o galo, que, com a sua voz forte, poderia ser ouvido a grande distancia. O galo voou logo para o seu posto de observação — pois naquele tempo os galos voavam — e empoleirou-se no alto de uma árvore, onde ficou aguardando os acontecimentos

As horas foram se passando, e nada de anormal acontecia. E como estava fazendo um frio danado, o galo de vez em quando sacudia as asas para se esquentar e afugentar o sono que estava chegando.

Quasi de madrugada, vendo que nada acontecia, o galo resolveu tirar um cochilozinho, dizendo, para se justificar, que não ia haver ataque algum, e que tudo não passava de invenção do papagaio, que era muito falador.

Mal o galo começou a dormir, os bichos apareceram. E foram avançando, de vagar, sem fazer barulho, de tal modo que as aves foram apanhadas desprevenidas, sendo derrotadas após uma terrivel batalha. E foi assim que o leão ficou sendo, e ainda é, o rei de todos os animais.

O galo, porém, que fôra o culpado de tudo, sofreu terrivel castigo, sendo-lhe cassado, daquele dia em diante, o direito de voar.

E' por isso que os galos são obrigados a andar no chão, e é por isso, também, que durante à noite eles acordam várias vezes, quasi sempre assustados, e se poem a cantar.

E' que êles estão avisando os companheiros do ataque dos bichos, pois ainda esperam ser perdoados e voltar a voar como todas as aves.

# A FLAUTA Encantada

DIA estava lindo, e Fedoca — o travesso Alfredo — disse à sua mamãe:

— Você deixa eu ir, com a Margarida, fazer o lanche no campo, perto das ruinas ?

A mamãe deu o seu consentimento e até preparou, ela mesma, um farnel, colocando numa cesta alguns petiscos, para êles.

Os dois irmãos, então, apanharam alguns dos seus brinquedos prediletos — inclusive uma bola — e, estando tudo preparado, Fedoca segurou a cesta, beijaram a mãezinha e lá se foram alegremente a caminho das ruinas do velho castelo que se erguiam, ainda, não muito longe do ponto em que estava situada a casa em que residiam.

Lá chegados, jogaram bola durante um bom pedaço de tempo, e quando começaram a se sentir cansados, resolveram sentar-se para descansar e, então, fazer o lanche.

Mal se haviam sentado, Margarida avistou, no chão, perto de si, uma flautinha, muito pequenina.

Imediatamente a menina a apanhou e levou-a à boca, soprando nela. E, então, sucedeu uma coisa surpreendente. Uma linda leitôa, que andava pelas vizinhanças acompanhada de seus filhos — que eram nada menos de quatorze porquinhos — começou a voar, acompanhada por êles, como se todos fossem passarinhos !

— Esta flautinha deve ser encantada ! — exclamou a menina, admirada com o que via.

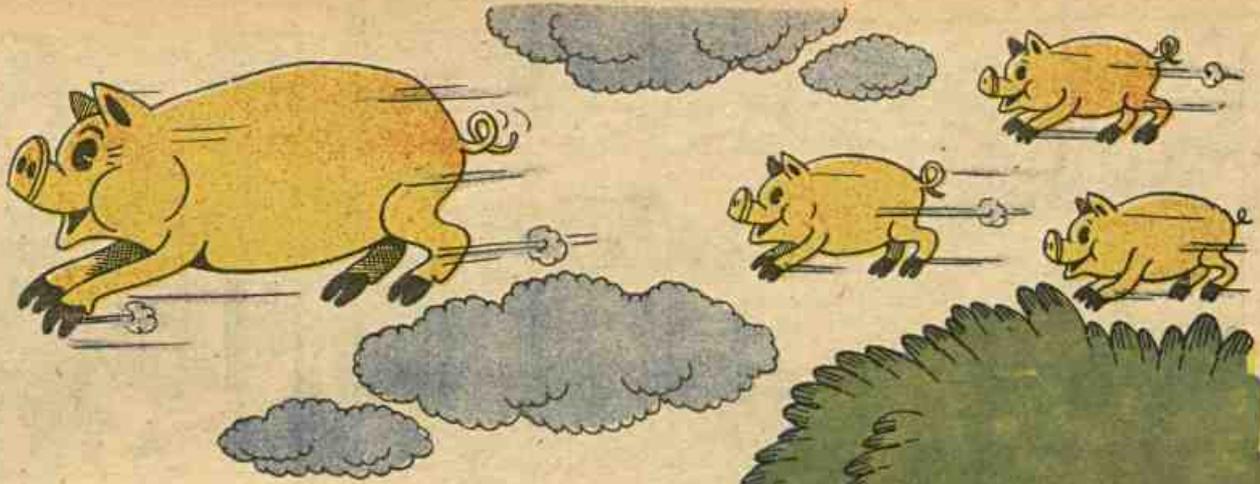
— Toca outra vez. . . — pediu o irmão.

Margarida obedeceu, mas, desta vez, em vez de serem a leitôa e os porquinhos, quem começou a voar foram tôdas as coisas que ela e o irmão tinham trazido na cesta.

Nesse mesmo instante ouviram uma risadinha engraçada atraz deles, e olhando na direção de onde vinha, viram um anãozinho que os olhava, muito convencido atraz das suas barbas muito alvas.

— Ora, viva ! Afinal, achei a minha flautinha ! — disse êle.

— Ah ! E' sua ? — disse Margarida — Pois aqui está. Eu a toquei e aconteceram coisas engraçadissimas.

— Isso acontece sempre que quem toca não é o seu dono — explicou o anão.

Sentando-se, então, em um tronco, segurou o instrumento que a menina lhe entregou, e começou a tocar.

Mal havia começado, e vieram voando, pelo ar, a porquinha com os filhotes e tudo o mais que havia voado para longe, quando Margarida tocara. Os objetos foram ocupando os seus lugares dentro da cesta.

Durante algum tempo o anãozinho ainda tocou, e os dois meninos estavam encantados com a suavidade da música que êle arrancava daquele instrumentozinho tão pequenino.

— Agora — disse o anão, parando de tocar — é hora de vocês merendarem. Depois, então, há tempo para brincar novamente.

Os dois irmãos não se fizeram de rogados. Mas, no afan de tomarem a sua merenda, esqueceram um acoisa muito importante: não convidaram o anão, nem por delicadeza.

Aí, então, o misterioso homenzinho levou a flautinha aos lábios e, soprando, mal as primeiras notas se fizeram ouvir, Alfredinho e Margarida sairam voando, voando, e começaram a voltear pelo espaço, como antes haviam voado a porquinha e os leitõesinhos !

— Socorro ! Socorro ! g r i t a v a m êles.

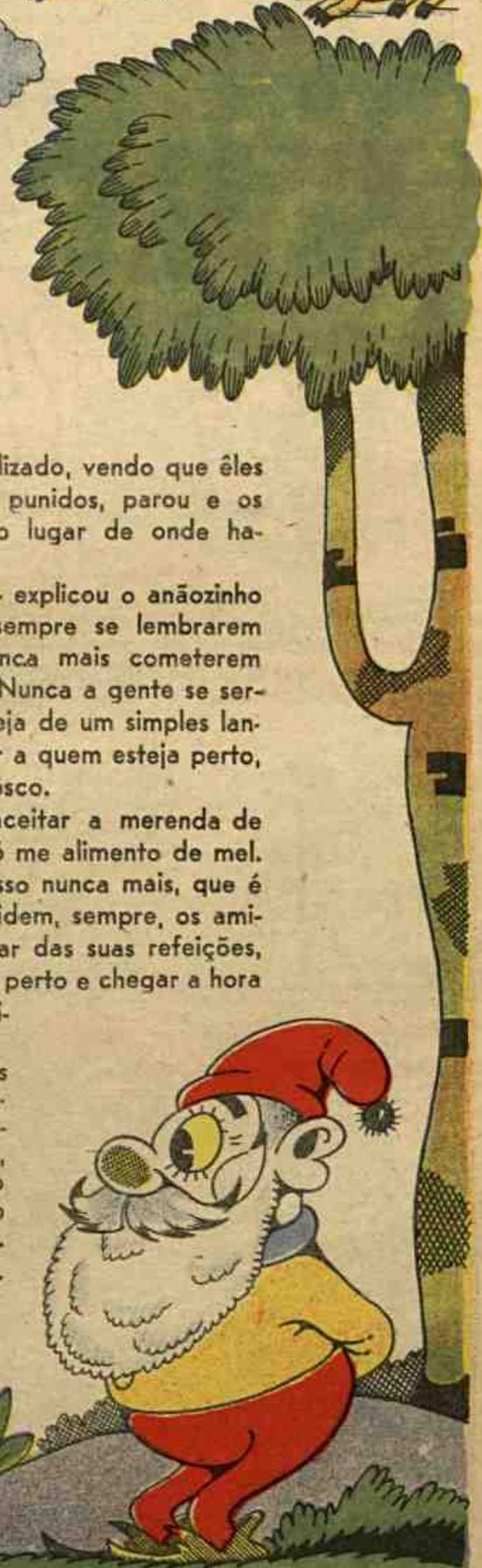
O anão, tocando sempre, sorria, apreciando o castigo que lhes aplicava.

Por fim, penalizado, vendo que êles já estavam bem punidos, parou e os dois vieram ter ao lugar de onde haviam saído.

— Fiz isso — explicou o anãozinho — para vocês sempre se lembrarem desta lição e nunca mais cometerem essa grave falta. Nunca a gente se serve, mesmo que seja de um simples lanche, sem oferecer a quem esteja perto, conversando conôsco.

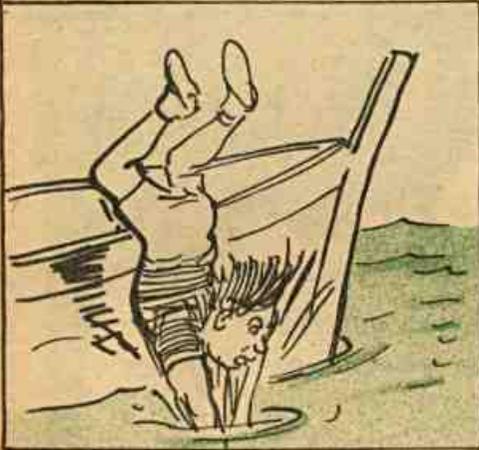
Eu não vou aceitar a merenda de vocês, porque só me alimento de mel. Mas não façam isso nunca mais, que é muito feio: convidem, sempre, os amigos a compartilhar das suas refeições, quando estiverem perto e chegar a hora de vocês se alimentarem.

E, levando mais uma vez a flautinha à bôca, tocou e, desta vez, foi êle próprio quem saiu pelo espaço, voando.

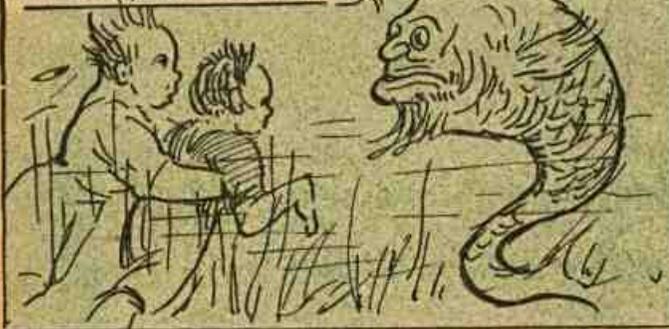
E desapareceu.

Luiz Sá
RIO — 49

No fundo do mar

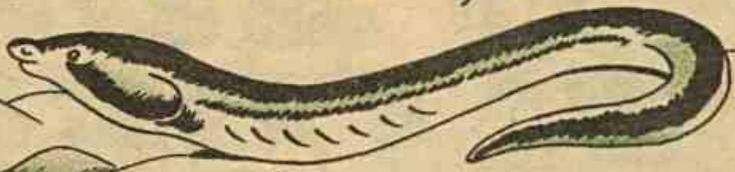
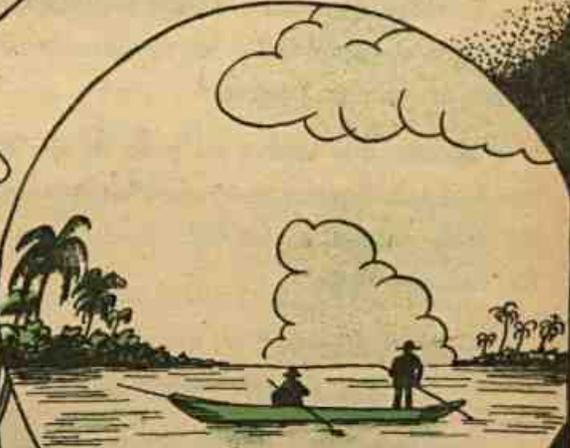
OLHE, RAMIRO, ESTOU VENDO O FUNDO DO MAR. E' EXQUISITO.. TEM PLANTAS E ATE FLORES

CUIDADO, TONICO, NÃO SE DEBRUCE ASSIM! PODE CAIR NO MAR

MISERICORDIA! O TONICO CAIO NO MAR
VOU TRATAR DE SALVA-LO

ALI' ESTÁ' ELE ...MAS, QUE É ISSO? ESTÁ CAMINHANDO NO FUNDO

MENINOS, ISTO NÃO E' LUGAR PARA VOCÊS. DEVIAM SER COSINHADO À ESCABECHE, MAS, COMO VOCÊ SALVOU SEU AMIGUINHO, VOU LEVA-LOS À PRESENÇA DE NEPTUNO

QUANTAS BELEZAS NO FUNDO DO MAR, TONICO!
E' O NOSSO SERTÃO SUBMARINO RAMIRO

CHI! QUANTOS PEIXES! QUE PESCARIA FARIA PAPAI SE ESTIVESSE AQUI

VOCÊS NÃO DEVEM BRINCAR NO MAR, PEQUENOS. POR ESTA VEZ PERDÔO-A FAÇANHA, MAS SE CAIREM NOUTRA COMO-OS FRITOS À BAIANA.
SEREIA. LEVE ESTES PEQUENOS PARA A PRAIA.

Cousas Nossas
por Paulo Affonso
O PORAQUÊ, HABITA O RIO AMAZONAS. É UMA ESPÉCIE DE ENGUIA DE VOLUMOSO PORTE PROVIDO DE APARELHOS ELÉTRICOS DE GRANDE FÔRÇA. É O MAIS FORTE DE TODOS OS PEIXES ELÉTRICOS.
A EMBOCADURA DO RIO AMAZONAS TEM CÊRCA DE 300 KMS DE LARGURA NA LINHA DO LITORAL.
O ESTADO DE MINAS É COM O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO A REGIÃO DE MAIS ADEANTADA INDÚSTRIA DE LACTICINIOS.
O GADO CARACÚ DESTACA-SE ENTRE O GADO DE RAÇA BRASILEIRO.
CURIOSO PÁSSARO BRASILEIRO.
AS JURUVAS TAMBÉM PÁSSAROS-PÊNDULOS TEM O COSTUME DE POUSAR, IMOVEL, NOS RAMOS, OSCILANDO A CAUDA DA DIREITA PARA A ESQUERDA COMO SE FOSSE UMA PENDULA.
O AGUTI, UM DOS ROEDORES BRASILEIROS, É BENEFICO QUANDO COME ERVAS, MAS MUITO PREJUDICIAL QUANDO ATACA AS PLANTAÇÕES DE AÇÚCAR.
A LAGÔA ARARUAMA TEM MUITA ÁGUA SALGADA, PERMITINDO A FORMAÇÃO DE SALINAS.
O JACARÉ-UNA HABITA AS ÁGUAS DO AMAZONAS E É REALMENTE PERIGOSO. SÃO ENCONTRADOS AOS MILHARES NO ESTIO, REUNIDOS EM CHARCOS OU LAGOAS, ONDE PASSAM O SONO ESTIVAL.

# O SONHO DE LUIZINHO

À HORA do jantar, aquele dia, o nosso amiguinho Luiz se distraiu e comeu um pouco mais do que devia, enchendo o estômago de modo alarmante. Para cúmulo desobedecendo aos pais, mal acabou a farta refeição, correu e se foi deitar, sem deixar passar um espaço de tempo mais ou menos longo, para que tivesse lugar a digestão.

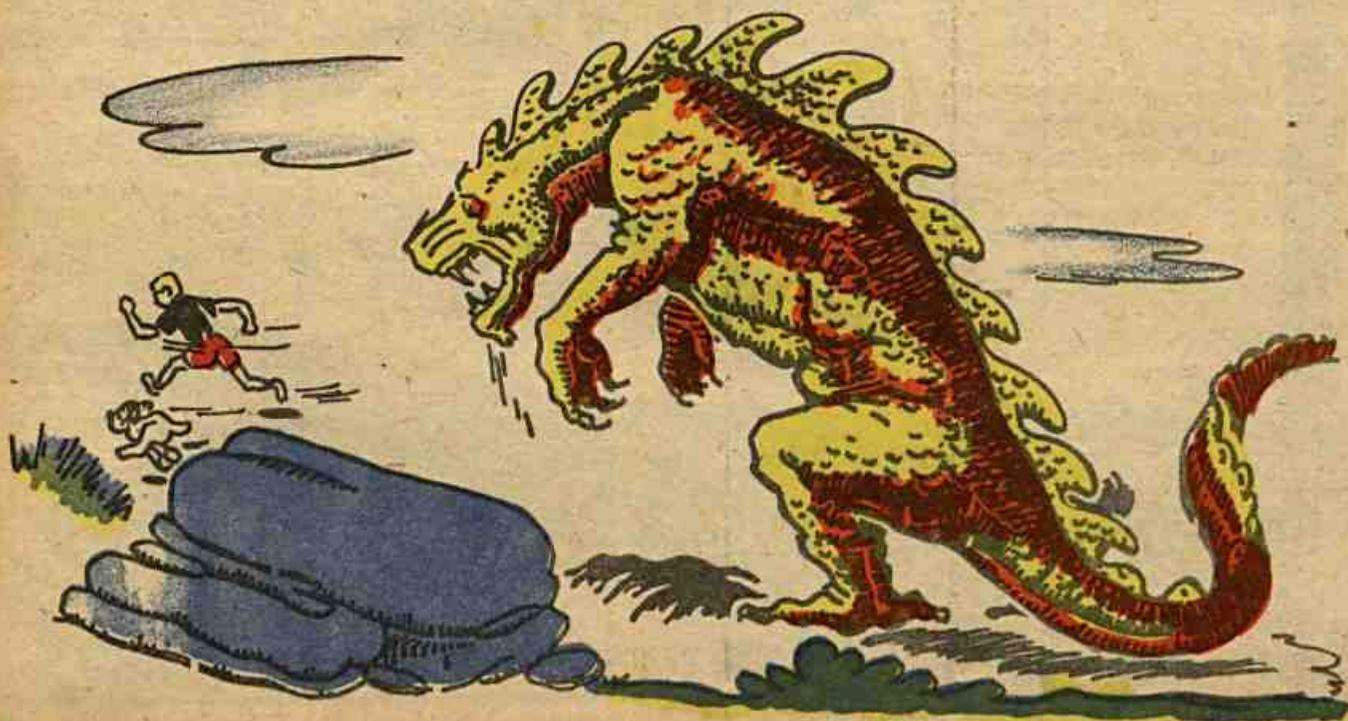
E, então, aconteceu o inevitável: mal adormeceu, começou a sonhar, mas em vez de ser um bonito sonho, foi horrivel pesadêlo.

Sonhou que estava no meio de um campo, escondido sob enorme pedra que formava uma espécie de gruta natural, e que tinha ao lado apenas o seu fiel cãozinho Pirão..

De repente se fez ouvir um ruido semelhante ao trovão, produzido, sem dúvida alguma, por um animal pesado que avançava correndo, fazendo tremer a terra à sua passagem.

Pirão começou a latir desesperadamente, dando sinais de inquietude; e não era para menos.

Luizinho encheu-se de coragem e, com tôda a precaução, deu uma espiadinha. Qual não foi o seu susto, vendo um enorme animal ante-diluviano, isto é, um daqueles animais que existiram durante o período de formação do mundo, quando tudo era gigantesco à face do nosso planeta !

O nosso amiguinho não se poude conter: abandonou o local onde estava escondido e se pôs a correr em direção a um rio próximo, com a esperança de encontrar ali sua salvação.

Nesse momento, porém, avistou ali outro animal, ainda mais horrivel que o primeiro, o que o obrigou a realizar um grande rodeio, para conseguir fugir.

Luizinho imaginou que os dois animais quando se encontrassem iriam atracar-se em luta feroz, e que isso lhe facilitaria a fuga. Mas, ao contrário, aconteceu que os dois bichos o tinham visto, e trataram ambos de o perseguir, e não de brigar um com o outro Começou, então, uma correria incrivel, Luizinho à frente, Pirão logo atraz e, a certa distância, os dois animais pre-históricos.

Luizinho gritava, gritava, mas seus apêlos se perdiam na planice deserta, sem que ninguem os ouvisse.

Fugir era sua única salvação e êle confiava na velocidade das próprias pernas.

Chegou, por fim, à margem do rio, onde encontrou uma pequena canôa.

O menino e seu cãozinho se meteram, de um salto, dentro dela, e começaram a remar vigorosamente.

Quando começavam a acreditar que estavam salvos, Luizinho olhou para trás e viu, com o coração pequenino de medo, que os seus perseguidores tinham entrado na água e por ela avançavam como se estivessem caminhando em terra firme. Parecia até que, na água, corriam até mais velozes !

— Socorro !... Socorro !... — gritou Luizinho.

Mas ninguém aparecia para acudir. Os animais queriam, com certeza, devorá-lo. Um ficaria com êle e outro com Pirão. No sonho êle ainda teve calma de pensar: será que um bicho destes gosta de "pirão"?

Mas, o momento não era para trocadilhos.

Era preciso correr, correr, fugir ! Como escapar daquelas duas féras desconhecidas? Luizinho tremia, chorava, invocava a proteção da Virgem Maria e de Jesús, pedindo que o defendessem . . ,

Os bicharocos estavam já bem perto e, quando o mais feio dêles abriu a bocarra e ia engulir, de um trago, canoa e tripulantes, o nosso guloso amiguinho . . . acordou.

Suava frio !

Tremia todo, coitado !

Logo se lembrou de que a Mamãe sempre lhe recomendava comer moderadamente, principalmente à noite, e sempre lhe dizia que nunca se devia deitar logo após a ceia, sem ter feito uma boa parte da digestão. Não ouvira seus bons conselhos e o resultado tinha sido aquele pesadêlo. Reconheceu o seu êrro e prometeu a si mesmo nunca mais deixar de seguir os conselhos maternos.

# A SEMENTE

ERA uma vez uma menina linda, de olhos da mesma côr do céu, e cabelos cacheados, dourados como o sol.

Chamava-se Clarinha e morava no campo.

E porque morava no campo e podia beber, todas as manhãs, bastante leite gostoso, tinha os dentes muitos brancos, muito brancos como o leite. E porque morava no campo e podia brincar, todos os dias, ao ar livre e ao sol, tinha as faces rosadas.

Quando Clarinha completou onze anos, não poude ganhar presentes caros e custosos, porque seus pais não eram ricos. Mas, no dia de seu aniversário, ganhou um bonito presente. Ganhou-o do padrinho, um bom homem que morava perto do sitio onde ela vivia. Era um livro. Um livro cheio de histórias, de contos... Ora, Clarinha sempre foi louca por histórias; por isso, quando recebeu o presente, nem coube em si de contentamento. Saiu a pular pela casa, cantando com o livro na mão: "Um livro ! Um livro ! Um livro !"

O livro que Clarinha ganhou de presente do padrinho era grande e colorido. Era maior do que os livros comuns que ela estava habituada a vêr na escola. Colorido, todo cheio de figuras pintadas de várias côres, enlevava e prendia a vista da gente.

Assim, êsse livro foi uma festa para Clarinha. Porque, além de tudo, era um livro de histórias maravilhosas, de gênios, principes e princesas encantados.

No mesmo dia, Clarinha leu o livro todo. Leu-o inteirinho, desde a capa até o indice. E gostou tanto dêle que, mesmo depois de já o ter lido, ainda o folheava de novo, interessada, gostando de olhar demoradamente as figuras coloridas que enchiam páginas inteiras.

Mas, de todo aquele livro, uma coisa ficou bailando na cabeça loira de Clarinha. Foi a lâmpada maravilhosa de Aladino, a lâmpada miraculosa que fazia aparecer tudo quanto êle desejasse, tudo, tudo...

Com o livro na mão, ficou a tarde inteira a pensar naquilo E, quando, à noite foi dormir, a lâmpada ainda estava em seu pensamento.

— Ah ! Si eu possuisse um lâmpada igual àquela... Quanta coisa poderia ter !Que bom ! Como ajudaria papai, que trabalha tanto, de sol a sol, a tratar da lavoura. Como ajudaria mamãe, que cozinha, lava roupa, si consequisse uma lâmpada daquelas . . .

Pensando nessas coisas, ela adormeceu. Adormeceu e sonhou.

Sonhou que estava em um campo imenso e verde, procurando uma lâmpada maravilhosa como a de Aladino. Estava ali quando apareceu uma fada. Era, como tôdas, tão meiga, tão bela, tão carinhosa ! Tinha a pele lisa e alva, os cabelos loiros e compridos, caídos soltos sôbre os ômbros, os olhos muito verdes como os campos imensos. Tinha na cabeça, a cingir-lhe a fronte, um diadema de extraordinária beleza, cujas pedras, de várias côres, faiscavam como brilhantes. Fitando Clarinha, disse-lhe com voz doce:

— Sei o que queres . . . Procuras a lâmpada de Aladino. E eu que sou a deusa destes campos, protetora das crianças e dos homens, das mulheres e dos velhos, aqui estou para te ajudar. Ceres é o meu nome Existo para que a gente possa viver. Vês o meu diadema ? Não é belo ? Pois tem prestado mais beneficios ao mundo do que tôdas as outras pedras preciosas existentes na terra. Escolhe aqui a pedra que quiseres Escolhe, pois cada uma delas é rica, prodigiosa e é capaz de fazer aquilo tudo que fazia a lâmpada de Aladino."

Dizendo isso, a fada loura dos campos plantados afagou a menina. E, tomando nas mãos o diadema lindo que trazia na fronte, ofereceu-lhe para que escolhesse uma pedra. Clarinha, hesitante,, não se moveu. E' que aquela aparição repentina a tinha surpreendido bastante. A presença daquela figura encantada, daquela verdadeir deusa, ali ao seu lado, deixava-a perplexa e maravilhda. Olhava o diadema e nem sabia o que fazer, o que escolher . . .

Ali estava uma porção de pedras: umas brancas, compridinhas e ponteaqudas, outras pardas, e entre outras mais, algumas amarelas, de ponta branca e formato mais ou menos semelhante ao de uma unha humana.

Deslumbrada com a pedraria fascinante do rico diadema de Ceres, Clarinha olhava tudo, sem saber o que dizer. Por fim, a fada carinhosa animou-a com meiguice:

— "Então ? ! Escolhe a pedra que quiseres..."

Clarinha dispôs-se. Afinal, tomou ânimo e apontando para o diadema, escolheu a pedra amarela. A fada entregou-lhe o mimo, que parecia um topázio com ponta branca.

Disse-lhe:

SOLON BORGES DOS REIS

— "Tôdas estas pedras, Clarinha, têm uma história cheia de maravilhas. Esta pedrinha longa, branca e ponteaguda, foi encontrada nas regiões úmidas e longinquas, lá no outro lado do mundo (estendeu a mão e apontou para o lado em que o sol nasce) Já há três mil anos antes de Cristo ter sido pregado numa cruz, ao alto do Calvário, ela brilhava resplandecente nas festas de Chi-non, imperador da China. Metade da humanidade vive à custa dos seus favores.

Esta outra, parda, é que dá pão a quasi todos os povos que vivem no mundo. Si o pobre existe é porque ela o mantém. Si ela faltar, o pobre sofrerá até fome!

E esta? Esta passou guardada séculos e séculos com os indiginas do Novo Mundo, quando os europeus descobriram a América. Isso foi há mais de quatrocentos anos. E quando êles a encontraram com os aborígenes, levaram-na para todo o mundo e em todo o mundo ela é hoje conhecida e faz milagres.

Leva-a, que com ela terás tudo. Terás riquesas, terás tudo de quanto precisares. Terás alimento para a mesa de tua família, iguarias de toda a sorte. Terás doces e bebidas para as festas que fizeres. Nem açucar te faltará com ela. Nem alimento à vontade para as aves do quintal de tua casa e para os porcos, os bois, os cavalos e toda a criação do sítio de teus pais. Terás polvilho, gômas e maizenas. Terás óleos e até alcool para os usos necessarios. Terás chapéus, brinquedos, tintas também . . . Terás adorno de todos os formatos e objetos úteis de tôdas as utilidades. Pensa no que quiseres e só esta pedrinha amarela, de pontinha branca e formato de tua unha, te dará mais de duzentas, talvez até trezentas coisas diferentes"

E entregou à menina a pedra maravilhosa, com a qual ela poderia obter mil coisas úteis, tantas coisas lindas, tantas riquezas . . .

Clarinha tomou nas mãosinhas delicadas a valiosa pedra que ganhara. Segurou-a contente e . . . acordou.

Ao acordar, sentiu-se triste, pois já não tinha mais nas pequeninas mãos a pedra preciosissima.

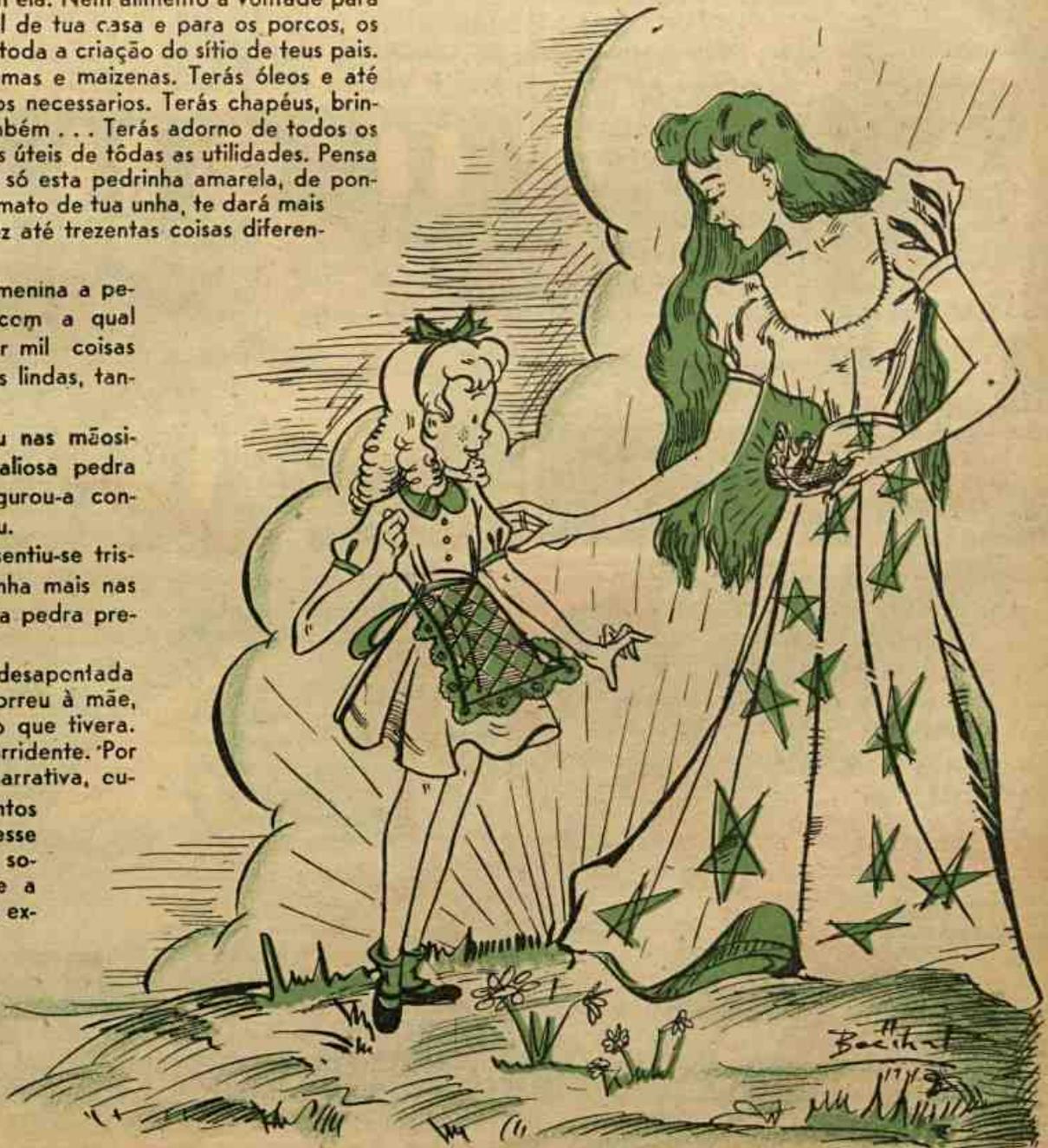
Levantou-se desapontada e aborrecida e correu à mãe, contando o sonho que tivera. A mãe ouviu-a sorridente. Por fim, acabada a narrativa, ouvindo-lhe os lamentos porque tudo tivesse sido somente um sonho, acariciou-lhe a cabecinha loura e explicou-lhe:

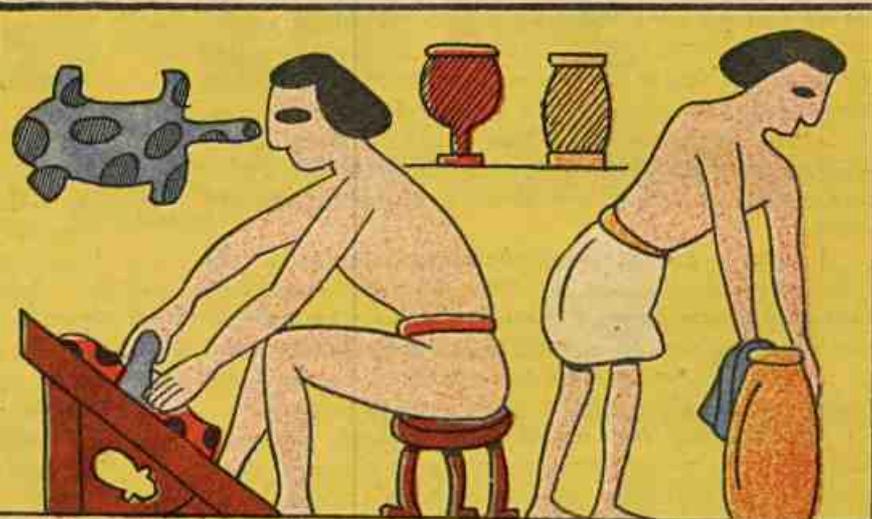
— "Não há motivo para ficares triste, minha filha. O teu sonho representa a verdade. E' pura realidade o que sonhaste! Sonhaste com Ceres, a deusa das searas. Aquelas pedras que viste no seu magnifico diadema são os cereais. São o trigo, o arroz, a aveia, a cevada. E, de fato, sempre deram alimento, confôrto e muita riqueza à humanidade.

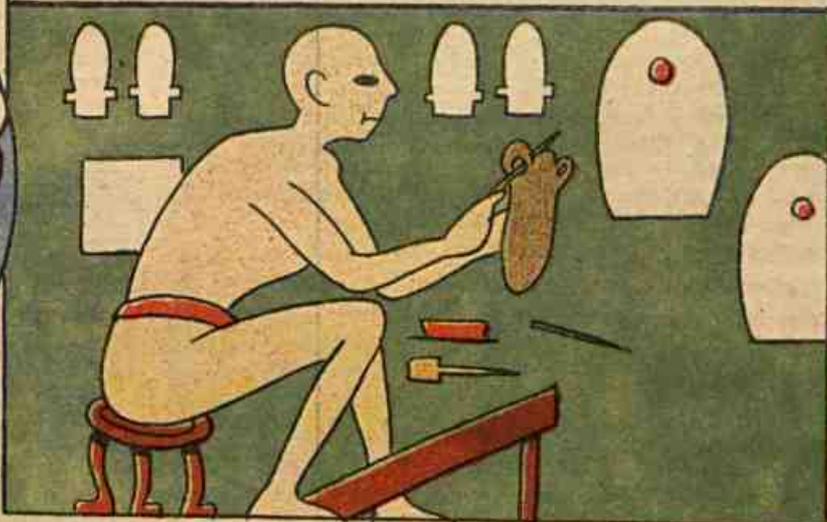
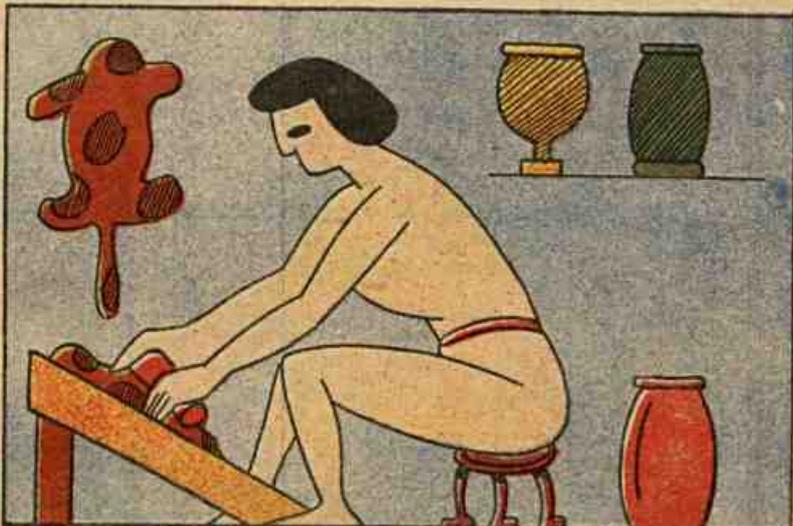
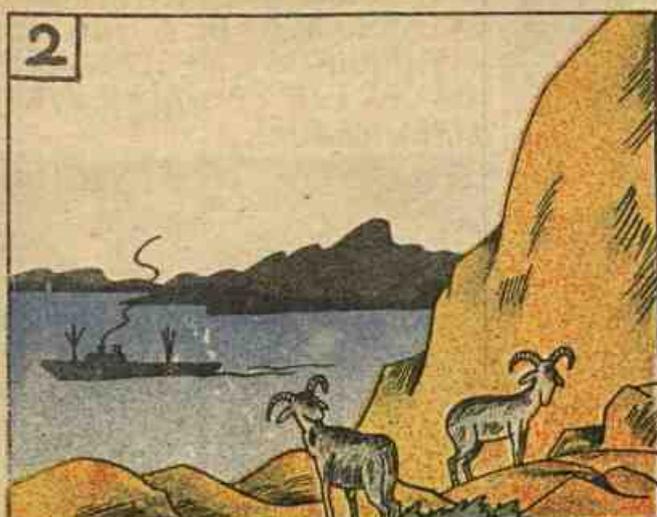
A pedra amarela, aquela que escolheste, é um cereal como os outros. Como todos êles, é bem fácil de plantar. Por isso dá tudo com facilidade e abundância. Teu sonho foi um bom conselho. Nós havemos de plantá-la bastante para aumentar nossos recursos. Deus nos ajudará pois nós vivemos do trabalho e Deus ajuda sempre os que trabalham. Querias a lâmpada maravilhosa. Pois, um cereal como esse vale pela verdadeira lâmpada de Aladino . . ."

Levantando-se, ante o olhar maravilhado da pequenina filha que a fitava encantada e sorridente, a bondosa senhora, tirando do armário da cozinha alguma coisa pequenina, disse a Clarinha:

— "Esta é uma verdadeira lâmpada maravilhosa de Aladino. Só que é muito melhor do que a lâmpada, porque existe mesmo, de verdade . . ."

E mostrou, na palma da mão, uma semente de milho.

A história
do
Couro
por
Paulo Affonso

A PREPARAÇÃO DO COURO ERA, UM DOS RAMOS MAIS IMPORTANTES DA INDÚSTRIA DOS ANTIGOS EGIPICIOS, E, NA CIDADE DE TEBAS, HAVIA UM BAIRRO ESPECIAL RESERVADO AOS CURTIDORES.

AINDA HOJE EM MUITOS MUSEUS PODEMOS VER CINTOS E CORREIAS DE COURO, EMPREGADAS PARA PRENDER AS MUMIAS DE HOMENS QUE VIVERAM NOS VELHOS TEMPOS DE SALOMÃO.

OS EGÍPCIOS EMPREGAVAM O COURO PARA FAZER SANDÁLIAS, SUSPENSORIOS, CINTOS, SACOS, ESCUDOS, ARREIOS, ALMOFADAS, ASSENTOS PARA CADEIRAS E VELAS DE EMBARCAÇÕES.

OS GREGOS E OS ROMANOS TAMBÉM PREPARAVAM COURO, E OS ROMANOS FIZERAM, DURANTE ALGUM TEMPO MOEDAS E ATÉ OS PRIMITIVOS CANHÕES ERAM FABRICADOS COM ÊSTE MATERIAL.

É CURIOSO NOTAR, QUE CERTOS MÉTODOS USADOS PELOS EGÍPCIOS HÁ TRÊS MIL ANOS PARA PREPARAR PELES, SÃO MUITO PARECIDOS COM ALGUNS PROCESSOS USADOS HOJE.

OS ANIMAIS CUJAS PELES DÃO O MELHOR COURO SÃO OS QUE VIVEM NOS PAÍSES MONTANHOSOS ONDE NÃO HÁ GRANDES MUDANÇAS DE TEMPERATURA.

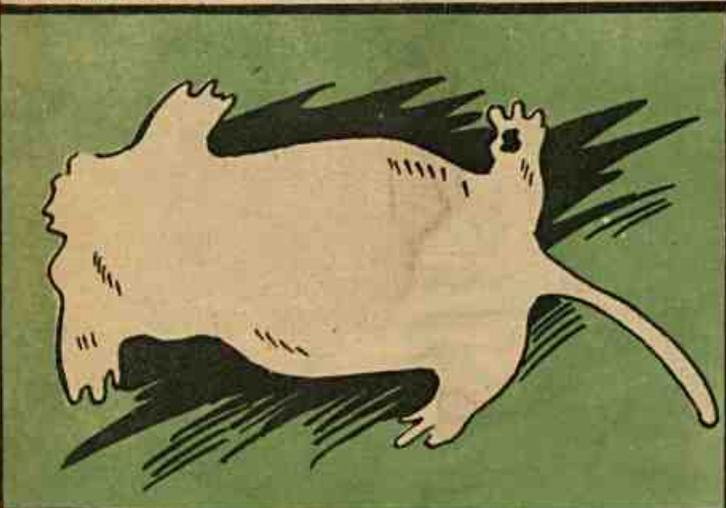
A história
do
Couro
(CONTINUAÇÃO)
por
Paulo Affonso

UM DOS ANIMAIS QUE FORNECE UM, EXCELENTE COURO E O CAVALO.

ÊSTE É USADO PRINCIPALMENTE NA FABRICAÇÃO DE BOTAS DE MARINHEIROS E PESCADORES POR SER EXEPCIONALMENTE IMPERMEÁVEL.

ANTES DE TRANSFORMADAS EM COURO AS PELES SÃO TRATADAS POR VÁRIOS PROCESSOS. PRIMEIRO SÃO INTRODUZIDAS EM FOSSAS CHEIAS DE ÁGUA ONDE FICAM MERGULHADAS DURANTE DIAS, A FIM DE AMOLECEREM.

DEPOIS SÃO TRATADAS PELA CAL, SENDO CURIOSO OBSERVAR QUE, A CAL EMPREGADA JÁ DEVE TER SIDO USADA ANTES EM OUTRAS PELES.

A CAL ESTÁ CHEIA DE MINUSCÚLOS ANIMAIS QUE PENETRANDO NA EPIDERME, DESTROEM AS RAIZES DOS PÊLOS DE MANEIRA QUE ÊSTES FACILMENTE SE SOLTAM.

APÓS ISTO SÃO METIDAS NUM GRANDE TAMBOR GIRATÓRIO, QUE CONTÉM CERTOS PRODUTOS QUÍMICOS CUJO FIM É AMOLECÊ-LAS AINDA MAIS.

4.
DEPOIS DE AMACIADOS OS PÊLOS SÃO ELAS ESTENDIDAS SÔBRE TÁBUAS ONDE SÃO RASPADAS COM FACAS, TIRANDO-SE-LHES ASSIM O RESTO DO PÊLO.

APÓS SEREM CURTIDAS SÃO METIDAS EM UMA MÁQUINA QUE RASPA TODAS AS DESIGUALDADES E DIVIDE EM DUAS AS GROSSAS DE MAIS. ESSAS MÁQUINAS PREPARAM 1.000 PELES POR DIA.

SÃO UNTADAS A SEGUIR COM UM PREPARADO QUE LHES DÁ IMPERMEABILIDADE, E LEVADAS AOS FORNOS.

DEPOIS SÃO TINTAS E NOVAMENTE UNTADAS COM UMA MISTURA ESPECIAL, QUE AS PREPARA PARA RECEBEREM O BRILHO.

SÃO INTRODUZIDAS EM OUTRA MÁQUINA QUE FAZ GIRAR COM GRANDE VELOCIDADE UM CILINDRO SÔBRE ELAS DEIXANDO-AS LUSTROSAS.

APÓS TODAS ESTAS OPERAÇÕES SÃO ESCOLHIDAS E SEPARADAS, SEGUNDO A QUALIDADE E O PÊSO, OPERAÇÃO QUE EXIGE GRANDE PERÍCIA E EXPERIÊNCIA.
FIM

# INVEJA

VITÓRIA, chamava-se a vaquinha cuja dona era uma linda menina de cinco anos.

Mas nem seu orgulhoso nome, nem o verde prado de capim saboroso, nem o bem abrigado curral em que vivia, eram suficientes para tornar ditosa aquela vaquinha de aparência tranquila.

Vitória era invejosa.

Passava horas inteiras a ruminar, com a cabeça pendida e olhando com o rabo dos olhos para a linda casa muito alva, da fazenda.

Que seria que Vitória invejava assim, a mansa e pesadona Vitória, tão querid. por sua dona?

Apenas isto: as carícias que a menina fazia a um cãozinho chamado Joli. Via ela a sua pequenina dona correr pelo pasto verde, acompanhada de Joli; via-a erguendo nos bracinhos o cão, para ir deitá-lo em uma almofada muito cheirosa, conversando com êle, ordenando-lhe com carinho que logo adormecesse, para acordar cêdo. Via-a atando uma fitinha no pescoço de Joli . . .

— Não é justo! Não é justo . . . — pensava ela, ficando cada vez mais triste, como fica sempre quem se sente vítima de uma injustiça dolorosa.

Um dia, estando a sós com Joli, Vitória não se conteve e lhe disse:

— Não sei como tua dona te quer tanto bem. Com certeza não percebe o que tu fazes. Pois se tu não serves para nada! É isso mesmo: para nada! És um perfeito inútil. Eu, entretanto, dou todos os dias espumoso e saudável leite, cheio de vitamina, que é com o que ela se alimenta . . . Se ela tem aquela côr bonita, se é forte, tem bons dentes, deve isso ao leite que eu lhe forneço. Entretanto, apesar de tod. s os benefícios que lhe proporciono, mostra-se para comigo muito mal-agradecida. Nunca me amarrou uma fita no pescoço . . . Nunca me fez dormir numa almofada cheirosa . . .

— E que culpa tenho eu disso? — perguntou Joli. — Tudo o que a senhora disse é verdade, eu sei: não dou nada à menina, a não ser momentos de alegria. Faço-lhe festas, corro com ela, faço-a rir com as minhas cabriolas. Por isso me quer bem. Eu também a quero muito.

E, depois de uma pausa:

— Quer saber de uma coisa? Por que não faz como eu? Bem: se é que acha que póde dar resultado . . .

E, sem maiores explicações, foi-se embora.

No dia seguinte, logo que a menina apareceu no pasto, a vaquinha começou a correr e a dar saltos em torno dela, tentando ao mesmo tempo lamber-lhe mãos e o rostinho. Queria, a todo custo, ser igual a Joli, e imitava-o.

O resultado de tôdas aquelas demonstrações foi que a menina começou a dar enormes gritos de medo, e veio gente acudir. Pensaram que Vitória estava louca. Laçaram-na amarraram a corda a um moirão e ali ficou ela muitos dias, em observação. Ninguém se atrevia sequer a chegar perto dela, coitada! Por fim, um dia vieram soltá-la, com enormes precauções, porque ela parecia doente, de tão triste. Eis o que lhe havia cusado a inveja! Pouco a pouco, entretanto, a vaquinha se refez. Durante o tempo em que estivera atada ao moirão, pensára, pensára, meditára muito. E acabára por se conformar, compreendendo que na vida deve mesmo haver certas diferenças. Ninguém é igual a ninguém. Cada qual tem sua situação, sua vida, sua sorte.

Uns têm umas coisas e outros têm outras. E todos devem viver contentes, sem invejas feias. Cada qual como Deus o fez.

# CALENDÁRIO PERMANENTE 1801–1980

## C DIAS

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| D | 1 | 8 | 15 | 22 | 29 | 36 |
| S | 2 | 9 | 16 | 23 | 30 | 37 |
| T | 3 | 10 | 17 | 24 | 31 | |
| Q | 4 | 11 | 18 | 25 | 32 | |
| Q | 5 | 12 | 19 | 26 | 33 | |
| S | 6 | 13 | 20 | 27 | 34 | |
| S | 7 | 14 | 21 | 28 | 35 | |

**Explicação:** Que dia da semana será 8 de junho de 1945? Será sexta-feira.

Para se chegar a êste resultado, tome-se o ano respectivo da tabela A — Anos, seguindo-se a esquerda até a coluna do mês de junho na tabela B — Mêses, onde encontra-se o número 5. Adiciona-se êsse número ao algarismo do dia 8, sendo a soma igual a 13. (8 + 5 = 13).

Procura-se depois o número 13 na tabela C — Dias, encontrando-se o mesmo na coluna de « sexta-feira ».

## B MESES

| J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 0 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 |
| 5 | 1 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 |
| 6 | 2 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 |
| 0 | 3 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 |
| 2 | 5 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 |
| 3 | 6 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 |
| 4 | 0 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 |
| 5 | 1 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 |
| 0 | 3 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 |
| 1 | 4 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 |
| 2 | 5 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 |
| 3 | 6 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 |
| 5 | 1 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 |
| 6 | 2 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 |
| 0 | 3 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 |
| 1 | 4 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 |
| 3 | 6 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 |
| 4 | 0 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 |
| 5 | 1 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 |
| 6 | 2 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 |
| 1 | 4 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 |
| 2 | 5 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 |
| 3 | 6 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 |
| 4 | 0 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 | 0 | 3 | 5 | 1 | 3 |
| 6 | 2 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 | 1 | 4 | 6 | 2 | 4 |
| 0 | 3 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 | 2 | 5 | 0 | 3 | 5 |
| 1 | 4 | 4 | 0 | 2 | 5 | 0 | 3 | 6 | 1 | 4 | 6 |
| 2 | 5 | 6 | 2 | 4 | 0 | 2 | 5 | 1 | 3 | 6 | 1 |

## A ANOS

| 1801-1900 | | | | 1901-1980 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 01 | 29 | 57 | 85 | | 25 | 53 |
| 02 | 30 | 58 | 86 | | 26 | 54 |
| 03 | 31 | 59 | 87 | | 27 | 55 |
| 04 | 32 | 60 | 88 | | 28 | 56 |
| 05 | 33 | 61 | 89 | 01 | 29 | 57 |
| 06 | 34 | 62 | 90 | 02 | 30 | 58 |
| 07 | 35 | 63 | 91 | 03 | 31 | 59 |
| 08 | 36 | 64 | 92 | 04 | 32 | 60 |
| 09 | 37 | 65 | 93 | 05 | 33 | 61 |
| 10 | 38 | 66 | 94 | 06 | 34 | 62 |
| 11 | 39 | 67 | 95 | 07 | 35 | 63 |
| 12 | 40 | 68 | 96 | 08 | 37 | 64 |
| 13 | 41 | 69 | 97 | 09 | 37 | 65 |
| 14 | 42 | 70 | 98 | 10 | 38 | 66 |
| 15 | 43 | 71 | 99 | 11 | 39 | 67 |
| 16 | 44 | 72 | | 12 | 40 | 68 |
| 17 | 45 | 73 | | 13 | 41 | 69 |
| 18 | 46 | 74 | | 14 | 42 | 70 |
| 19 | 47 | 75 | | 15 | 43 | 71 |
| 20 | 48 | 76 | | 16 | 44 | 72 |
| 21 | 49 | 77 | 00 | 17 | 45 | 73 |
| 22 | 50 | 78 | | 18 | 46 | 74 |
| 23 | 51 | 79 | | 19 | 47 | 75 |
| 24 | 52 | 80 | | 20 | 48 | 76 |
| 25 | 53 | 81 | | 21 | 49 | 77 |
| 26 | 54 | 82 | | 22 | 50 | 78 |
| 27 | 55 | 83 | | 23 | 51 | 79 |
| 28 | 56 | 84 | | 24 | 52 | 80 |

## Aproveite seu tempo para...

...VIVER. O tempo é-nos dado para isso. Desperdiçá-lo é suicidar-se.
...PENSAR. É essa a chave do poder.
...DIVERTIR-SE. É a fonte da sabedoria.

...FAZER AMISADES. É o caminho da felicidade.

...SONHAR. É pôr um pouco de romantismo na vida.

...RIR. O riso é a música da alma.
...BRINCAR. É a alegria das alegrias.
...SER AMAVEL. É o que distingue as pessoas educadas.

JOÃOZINHO era um menino muito egoista. Tudo quanto êle via queria para si, e o que possuia não dava e nem emprestava a ninguem. Êle já havia completado doze anos de idade, e guardava os brinquedos que lhe tinham dado desde pequeno. Não que êle fosse cuidadoso, ou tivesse amizade aos brinquedos. Pelo contrario. Estavam todos sujos e estragados, e êle não lhes ligava a mínima importancia. Mas nem assim consentia que os jogassem fora, e muito menos que fossem dados de presente às crianças pobres. Seus pais o censuravam e castigavam severamente, mas nada adiantava.

Na casa visinha morava um menino muito pobre, chamado Pedrinho. Êle não possuia brinquedos, mas, embora não fosse invejoso, não podia deixar de exprimir com o olhar toda a vontade que tinha de possuir, ou, pelo menos, de pegar um pouco naqueles brinquedos velhos que Joãozinho despresava Como, porém, era muito habilidoso, e seu pai possuia um martelo e um serrote, êle fabricava seus próprios brinquedos, os quais, embora feios e mal acabados, mesmo assim despertavam a cobiça de Joãozinho, que, sempre que podia, apanhava algum, somente pelo prazer de priva-lo da sua distração.

O maior desejo de Joãozinho era possuir uma bicicleta. Seu pai disse que lhe daria uma, mas impoz como condição que êle desse a Pedrinho a sua patinete. Êle res-

# CONTO DE JURACY CORRÊ

pondeu que assim, não, mas, vendo que o pai não cedia, e que terminaria mesmo perdendo a bicicleta, resolveu concordar embora consigo mesmo decidisse quebrar a patinete antes de entrega-la.

Certo dia, quando os dois voltavam do colegio, incontraram duas bolas, uma de couro, novinha em folha, e outra de pano, velha e suja. Pedrinho que vinha na frente, apanhou a bola de couro, muito contente, e já ia embora, quando apareceu Joãozinho, que era maior e mais velho do que êle, e arrancou-lhe a bola das mãos, dizendo: "Esta é minha. Fique você com a a outra, se quiser. Pedrinho coitado, largou a bola e apanhou a de pano, notanto, com supresa, que dentro da mesma havia alguma coisa que chocalhava como se fosse um guiso. A bola estava meio rota, de modo que êle não teve dificuldade em abri-la achando dentro da mesma um guiso, e preso neste um bilhete que dizia o seguinte: "Quem achar esta bola, terá direito a uma bicicleta." O bilhete estava assinado pelo pai de Joãozinho. Este, embora dentro da sua bola não houvesse guiso nenhum, resolveu abri-la assim mesmo, certo de encontrar um presente de muito maior valor. Então abriu o canivete e rasgou a bola, encontrando dentro dela um bilhete, que dizia: "Quem preferir esta bola, além de não ganhar presente nenhum, ficará sem ela, por ter sido obrigado a rompe-la. Em compensação, poderá aprender uma grande lição. É que o egoista não tem amigos, e o único sentimento que a sua pessoa inspira é o despreso, o mesmo despreso que êle dedica aos demais."

Joãozinho leu o bilhete, pensou, e, finalmente, encaminhou-se para Pedrinho, a quem estendeu amigavelmente a mão, dizendo: "Papai quis me dar uma lição, e conseguiu. Eu prometo que de hoje em diante não serei mais egoista. E você, Pedrinho, pode ficar tambem com a patinete, além da bicicleta."

Hoje em dia Joãozinho e Pedrinho são muito amigos e sempre que podem se ajudam um ao outro, com a máxima satisfação. Quanto a Joãozinho, não se esquece da lição, e aprendeu que muitas vezes é possivel causar aos outros grande alegria e felicidade, com coisas que para nós não têm o mínimo valor e nos são completamente indiferentes. E não só isso, pois é preciso que tenhamos sempre em mente que, quem não faz o bem, não merece que lho façam.

# A RAPÔSA e a ONÇA

ADAPTAÇÃO ILUSTRADA POR EDMUNDO RODRIGUES

# A borboleta e a rosa

Por Belmiro Braga

BORBOLETA:

— Que vale seres formosa,
coberta de níveo orvalho
da sorridente estação,
se ventura não tem, Rosa,
a flor assim presa ao galho
e o galho assim preso ao chão ?

ROSA:

— Tu te enganas, Borboleta,
quando supões que a ventura
só existe na amplidão:
Quer-me a Musa dum poeta,
de cujo beijo a doçura
vale bem esta prisão.

BORBOLETA:

— Pois me respondes ainda ? !
Ah ! tolinha ! O vento passa,
varre-te d'haste o tufão.
E tu, que és assim tão linda,
amanhã o viço e a graça
que tens hoje, onde estarão ?...

ROSA:

— Cuidas também que, voando,
por êsses ínvios caminhos,
a morte não achas, não ?
Que indiscreta ! Hás de ir deixando
as asas pelos espinhos
e nêles o coração...

BORBOLETA:

— Voar ! voar ! Quantas flores
morrendo pelo meu beijo
por essas veigas estão !

ROSA:

— Vem, ó Musa dos amores,
matar em mim teu desejo,
que outros logo nascerão !

BORBOLETA:

— Quando chega a Primavera.
não tenho, Rosa, descanso;
Ama-me tanto o Verão !

ROSA:

— Como é feliz quem espera !
Oiço-lhe os passos, de manso,
de leve, sinto-lhe a mão !

BORBOLETA:

— Ser Borboleta ! Ter asas...
subir ao céu transparente,
poisar na flor em botão...

ROSA:

— E ser Rosa !... Em finas gasas,
depois dum beijo inocente,
dormir sôbre um coração...

BORBOLETA:

— E's borboleta sem vôo,
e assim, Rosa, que ciúme
tu não hás de ter de mim !...

ROSA:

— Que blasfêmia ! Eu me condôo
de ti, rosa sem perfume,
que vives voando assim...

BORBOLETA:

— Voando, Rosa, nos ares,
poiso em dálias, poiso em goivos...

ROSA:

— E eu vivo a enfeitar altares,
anjinhos, virgens e noivos...

BORBOLETA:

— Perdoa-me, flor ! Fui vã

ROSA:

— Borboleta, és minha irmã...

BORBOLETA:

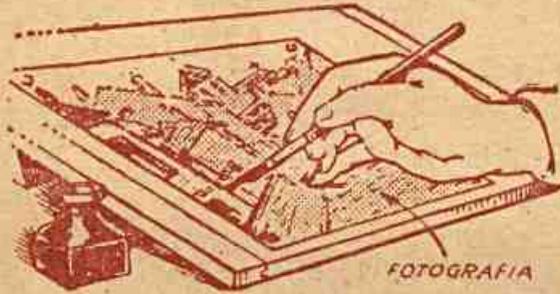
— Se, da Musa dum poeta,
fôsse eu o emblema do amor !...

ROSA:

— Ah ! se eu fôsse borboleta,
voando de flor em flor...

## A SURPREZA DO MÁGICO

# PARA TRANSFORMAR FOTOGRAFIAS EM DESENHOS

ESTE passatempo permitirá a reprodução de desenhos muito bonitos, se houver cuidado e bom gosto.

FOTOGRAFIA

Escolhida uma boa fotografia, manda-se fazer uma ampliação em papel granulado mate.

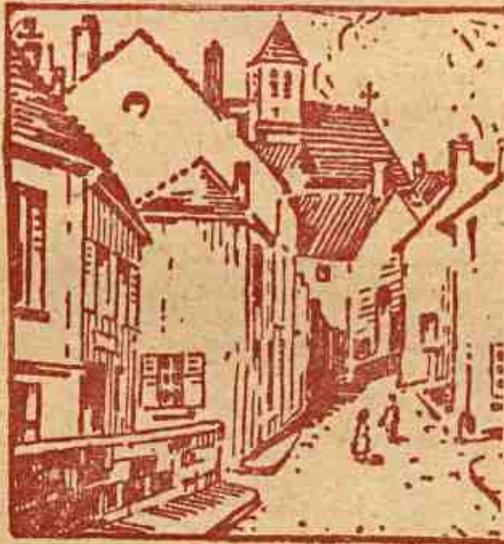
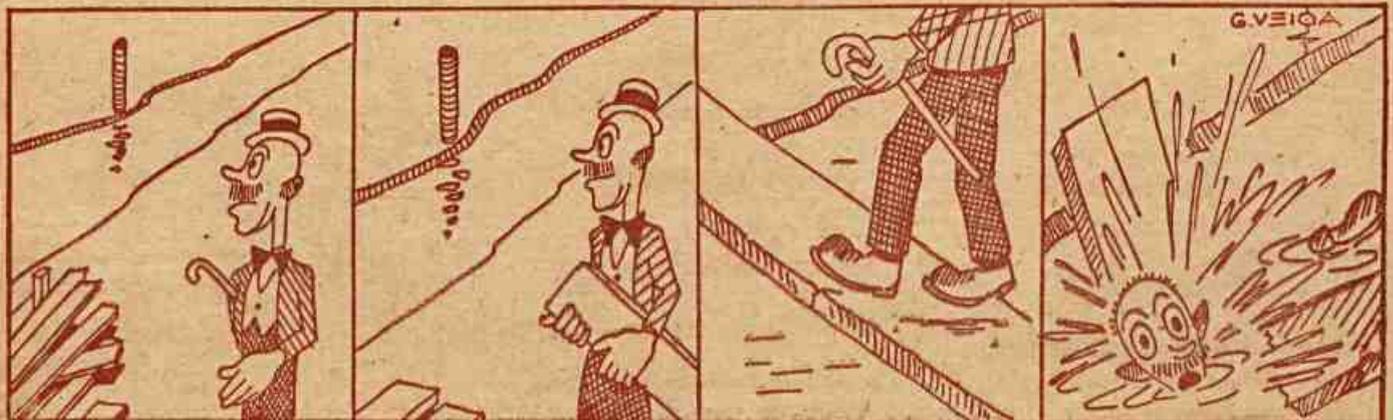
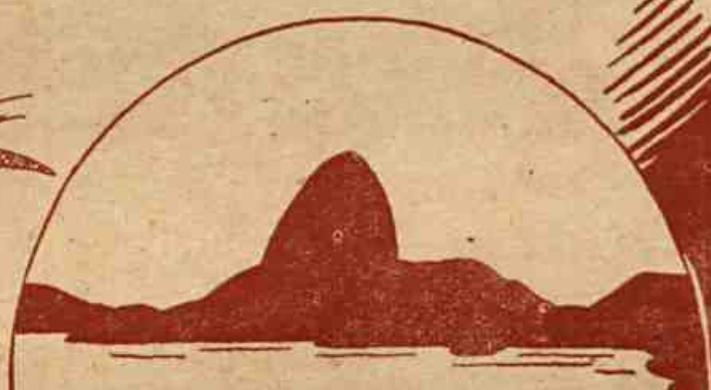
Põe-se a fotografia em uma prancha de desenho e cobrem-se as suas linhas e contornos com tinta nanquim, utilizando uma pena de desenho, bem fina. Não se deve ter receio de carregar nas sombras. Outro cuidado especial deve ser o de não esquecer as grandes linhas diretrizes da fotografia.

Quando se achar que a fotografia já foi toda recoberta, isto é, "desenhada" por cima, e quando as sombras estiverem suficientemente espessas, sem chegar a empastelar-se, mergulha-se o papel durante alguns minutos em água pura e se lhe dá, logo a seguir, um banho de tintura de iodo medicinal diluída em cinco vezes seu volume de água.

Cinco minutos depois, tira-se a foto desse banho e mergulha-se em um banho fixador comum de hipossulfito de sódio (que é vendido pronto nas casas de artigos fotográficos).

Após outros cinco minutos a côr negra vai desaparecendo, assim como a fotografia, e sobre o papel fica apenas o que foi desenhado a tinta nanquim.

Lava-se em água corrente, durante um quarto de hora pelo menos, e se põe a secar. E' sempre bom operar com duas cópias fotográficas, pois mediante a observação de como ficou o trabalho realizado na primeira, póde-se fazer a segunda mais aperfeiçoada.

Dessa forma, sem ter conhecimentos especiais de desenho, qualquer leitor poderá realizar lindos desenhos.

## ROBERVAL... SEMPRE SÁI MAL

# COUSAS NOSSAS

# MANDINHO

## SOLUÇÃO PRÁTICA

Quem é o heroi mais intrépido? O que transforma o adversário em amigo.

Deus ama o perseguido e abomina os perseguidores.

Aprende a receber os golpes e perdôa os que te ofendem.

# DE ONDE NOS VEM O ARMINHO

DE vez em quando é bom a gente fazer a si mesmo esta pergunta, sôbre certas utilidades que nos cercam. Isso fará com que os nossos conhecimentos se ampliem. "De onde provirá isto?" "Qual será a origem disso?" "Como se obterá aquilo?"

O arminho, por exemplo. Apostamos como o leitor nunca se deu ao trabalho de indagar qual a origem desse lindo enfeite peludinho e macio, tão usado para capotes, no inverno... Será de origem vegetal? Será o pelágio de um animal?

Precisamente: o arminho nos é fornecido pelo animal dêsse mesmo nome.

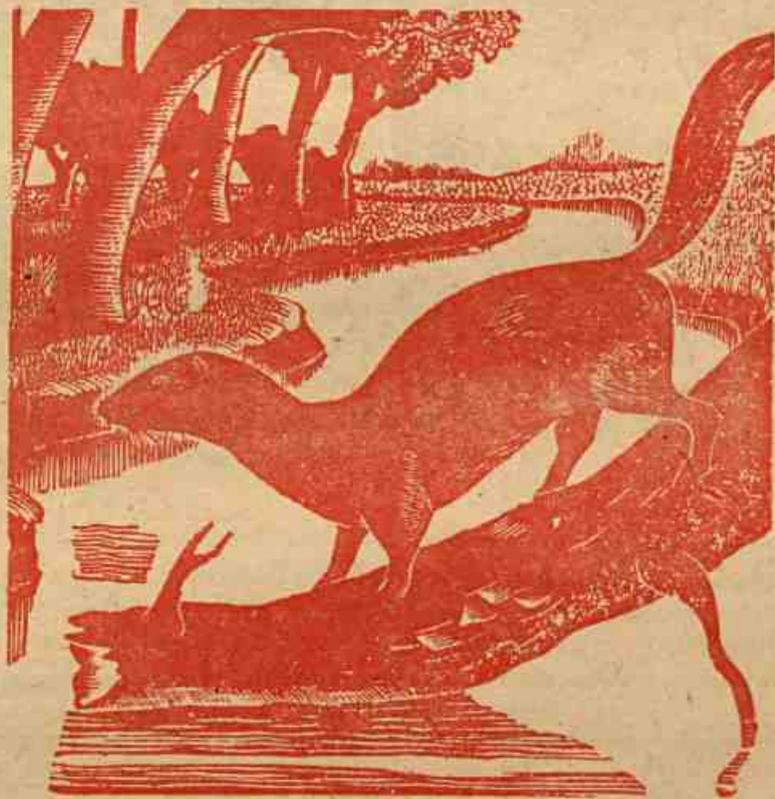
É um animal de aspecto curioso, como se pode ver pela gravura, que vive nas regiões ribeirinhas, isto é, nas margens dos rios ou lagos. O arminho lembra, pelo aspecto, o gambá, do tamanho de um gato, mais ou menos. De patas curtas, longa cauda, anda aos saltos, como as cotias, encolhendo e alongando o corpo. Sua suavíssima pele quase desaparece, oculta por pêlos de proteção, mais longos, e a côr que ostenta é marron, com exceção de uma regular mancha branca no queixo, e outras no ventre. Pesa mais ou menos um quilo, sendo a fêmea mais pequena que o macho.

O arminho é animal semi-aquático. Vive nas proximidades de água, nas barrancas dos rios. Não costuma fazer buracos, para neles morar. Prefere alargar buracos já feitos, por outros animais, e às vezes, para tomar posse de uma dessas "residências", tem que travar luta e matar o dono, o rato almiscarado. Também o arminho só mata outro animal por dois motivos: ou para comer, ou no caso citado.

Mas quando o faz, é de uma furia verdadeiramente selvagem.

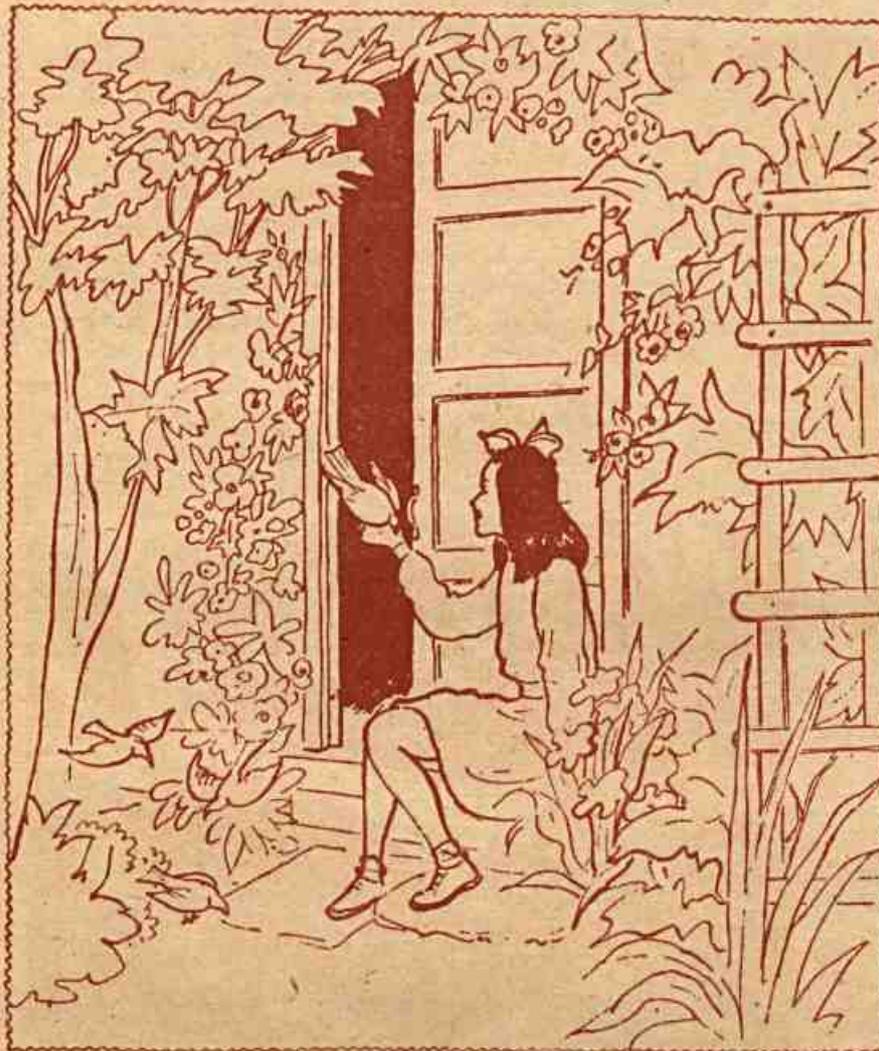
Cada ninhada de arminhos é de seis filhotes. Nascem nos buracos das barrancas, que os pais forram cuidadosamente com folhagem. A mãe quase nunca abandona os filhos sòzinhos e amamenta-os pelo espaço de cinco semanas. Do pai, não recebem os filhotes ajuda de nenhuma espécie. Uma vez nascidos os filhotes, o pai se afasta do ninho e vai viver solitário — talvez porque não goste de manha nem de barulho de crianças... Uma das caracteristicas desse animal, aliás, é essa: anda sempre solitário, nunca em bandos.

Quando, no fim das cinco semanas de amamentação, os arminhos abrem os olhinhos, já estão cobertos com a espessa pele que os caracteriza. Da alimentação do leite materno passam, imediatamente, a comer peixes e rãs. Pouco a pouco vão aprendendo a acompanhar a mãe nas caçadas e pescarias, começando, assim, a viver cada um por si.

Perseguem os ratos do campo e até os coelhos passam mal com êles. O arminho não pode correr a uma velocidade maior de quinze quilômetros por hora. Quando está caçando, êle fica em pé nas patinhas trazeiras, farejando o ar, até descobrir onde há uma presa. Às vezes, fica absolutamente imóvel sôbre uma pedra, à beira do rio, marcando determinado peixe, à espera de que o coitado chegue perto. Então — zás! — pula em cima da vitima, desaparece na água. Pode permanecer vários minutos mergulhado, subindo, descendo, virando de um lado para outro, — como se fosse um peixe também. Apanhado êste, volta à sua pedra, com a caça entre os dentes afilados.

Os machos brigam ferozmente uns com os outros, quando chega a primavera.

Uma das curiosidades dêsse animal é a seguinte: se, acaso, é apanhado por uma ratoeira, corta a própria perna prisioneira, com os dentes, para poder fugir. Se não o pode fazer, cái num estado incrivel de fúria, terror, maldade e desespero, oferecendo um espetáculo tão doloroso que muitos caçadores, penalizados, acabam por soltá-lo.

Grita, forceja, debate-se, espumando. Solta um liquido, produzindo por certas glândulas de seu corpo, com um cheiro incrivel, muito mais forte e insuportável que o que desprende o zorrilho. Até o último minuto de vida o arminho luta ferozmente pela sua liberdade, defendendo-se com uma coragem digna de admiração.

## VAMOS PROCURAR

*Quatro amiguinhas dessa menina estão escondidas aí, olhando o quadro. Vamos ver se você as descobre? Procure com calma. Seus perfis estão disfarçados no meio da folhagem...*

### Dias comemorativos

| | |
|---|---|
| Dia da Confraternização Universal | — 1 janeiro |
| Dia do Famacêutico | —20 janeiro |
| Dia Pan-Americano | —14 abril |
| Dia do Indio | —19 abril |
| Dia do Trabalho | — 1 maio |
| Dia da Enfermeira | —12 maio |
| Dia do Telegrafista | —24 maio |
| Dia das Mães | —2ª domingo de maio |
| Dia do Pescador | —29 junho |
| Dia do Estudante | —11 agosto |
| Dia do Soldado | —25 agosto |
| Dia da Independência | — 7 setembro |
| Dia do Rádio | —21 setembro |
| Dia da Arvore | —21 setembro |
| Dia da Criança | —12 outubro |
| Dia do Professor | —15 outubro |
| Dia do Médico | —18 outubro |
| Dia da Aviação Brasileira | —23 outubro |
| Dia do Servidor Público | — 28 outubro |
| Dia do Comerciário | —30 outubro |
| Dia dos Mortos | — 2 novembro |
| Dia da República | —15 novembro |
| Dia da Bandeira | —19 novembro |
| Dia Pan-Americano da Saúde | — 2 dezembro |
| Dia da Propaganda | — 4 dezembro |
| Dia do Marinheiro | —13 dezembro |
| Dia do Reservista | —16 dezembro |

### POR FALTA DE AGUA...

... O QUINCAS NÃO FICA SEM BANHO!

### EM VIAGEM SE VÊ MUITA COISA...

— Eu andava viajando e passei, certa vez, por um enorme precipício, à margem da estrada.

Então, perguntei ao meu guia por que não colocavam ali um cartaz chamando a atenção dos que passavam, sôbre o perigo.

— Ah! Tinha um, moço. Depois, tiraram ... Ficou aí na beira do precipício um bandão de anos. Mas, como ninguém caía mesmo, ficou provado que o aviso era inútil, não tinha precisão de estar lá...

# A coragem de Floriano

EM seu livro de memórias, conta Medeiros e Albuquerqu o seguinte episódio ocorrido com o Marechal de Ferro durante a revolta da Armada em 1893.

"Eu não creio exagerar dizendo que não conheço, nem na história, nem na lenda, nenhum episódio mais belo do que o ocorrido entre Floriano Peixoto e um pobre vigia, ou coisa parecida, do Morro da Conceição.

Floriano aí foi uma noite e o homem, como era do seu ofício, acompanhou-o. Levava, porém, uma lanterna na mão, lanterna que não parecia muito necessária. Ao demais, agitava-a de modo estranho.

Floriano notou; mas calou-se. Voltou depois, em uma noite clara, de luar, e verificou que o homem repetia os movimentos suspeitos.

Ora, tanto de uma como de outra vez, assim que o Marechal chegou e o sujeito começou a fazer os sinais, balas choveram sôbre o morro.

Descendo da segunda vez, Floriano fêz prender o homem, que foi minuciosamente interrogado. Contou então a sua história.

Quando a revolta rebentara, êle estava em Paquetá com a família. Quis voltar. Os revoltosos consentiram; mas com uma condição: que lhes prestaria os serviços que dele fôssem exigidos. E disseram-lhe que partiria só: a família ficaria como refém e sofreria as consequências de qualquer incorreção sua, se não executasse a promessa.

Quis a má sorte dêsse pobre diabo que êle fôsse nomeado vigia do Morro da Conceição.

Imediatamente emissários dos revoltosos lhe impuseram a obrigação de prevenir a êstes, sempre que o Marechal fôsse ao morro.

Floriano, infrmado de tudo, fez manter prêso o homem; mas indagou como era o sinal e mandou buscar a lanterna.

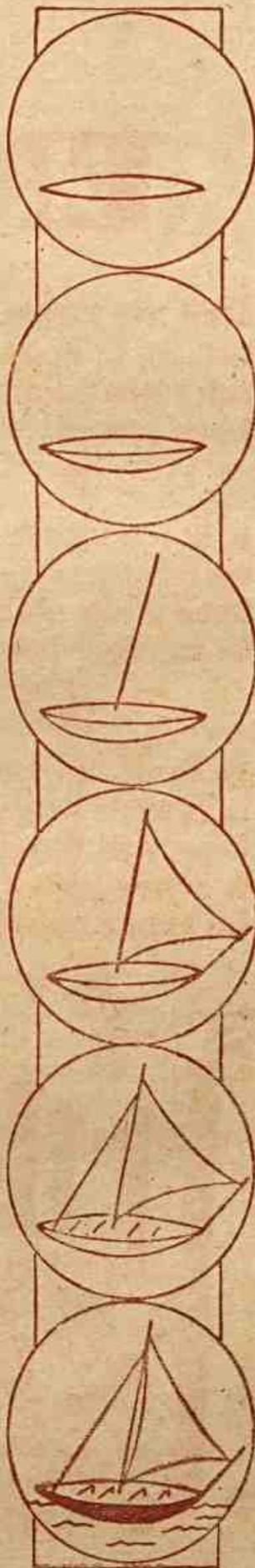
Daí por diante, sempre que êle ia à Conceição, levava alguém incumbido de fazer o sinal — exatamente o mesmo sinal — aos revoltosos!

O homem estava bem prêso, porque agira traiçoeiramente; mas o Marechal não queria que a família do pobre diabo sofresse nada. E era assim o primeiro a indicar aos revoltosos a sua presença no lugar perigoso, sôbre o qual imediatamente as balas começavam a chover".

— *Você está chupando muito depressa! Chupe no mesmo compasso que eu!*

## AS RABANADAS DE NATAL

Cada país tem os seus costumes tradicionais do Natal, minúcias peculiares, na grande festa cristã. Assim como na Inglaterra é indispensavel na ceia o "plum-pudding", entre nós nehuma dona de casa se esquece de preparar as saborosas rabanadas, que constituem a gulodice n.º 1 com que se comemora o nascimento do Menino Jesus.

## FAÇA ÊSTE BARCO

# CASO ENGRAÇADO

Aquêle velho, maninho,
Aquêle que vai ali,
Usava a barba comprida,
Batendo quase que aqui!

Aquêle velho tristonho,
E de rosto hoje raspado,
Era um velhinho risonho,
Era um velhinho barbado!

Um dia, contando histórias,
Para o netinho querido,
Escutou muito abismado
Do garotinho sabido,
Esta pergunta: (coitado....)

Você, vovô, como acerta,
Com a sua barba em 'cacho?
Quando dorme põe por baixo,
Ou por cima da coberta?

O velho pensou, pensou,
Mas não soube responder,
Pois o poblema era mesmo
Difícil de resolver!

O dia todo passou
Dando tratos ao bestunto
De quando em qando pensava
No desconcertante assunto

E quando a noite chegou,
Deitado, pôs-se a pensar:
Estas barbas.. Santo Deus!!
Como é que devem ficar?!

Por baixo não fica bem,
Nem por cima fica certo
E assim a noite inteira
O velho passou desperto!

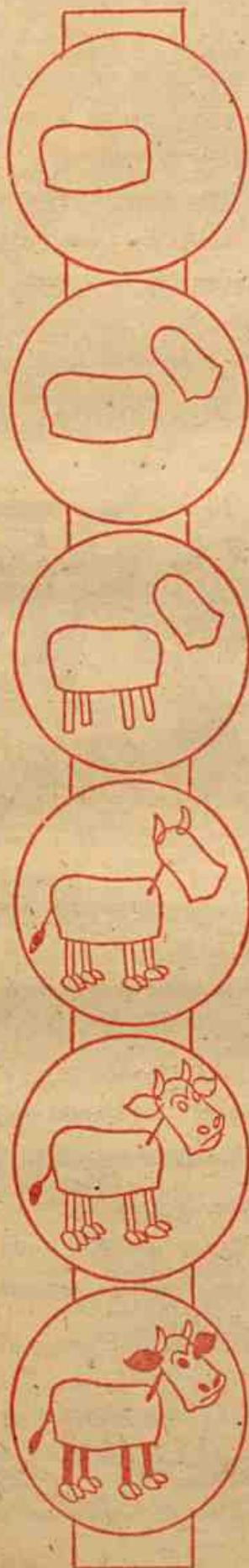
A pergunta da criança
Despertou no tal velhinho,
Aquela impressão que mata
O homem devagarinho...

Por isso, no outro dia,
A vila ficou pasmada
Vendo o velhinho surgir
Trazendo a barba raspada!

NABOR FERNANDES

## Curiosidade

Em muitos tapetes persas feitos à mão podem ser lidas, entre os desenhos, bem dissimuladas, terríveis maldições para quem os comprar. Êste caso curioso se deve ao fato de os operários que faziam os tapetes receberem um salário miserável, trabalhando muitas horas por dia. A vingança dos infelizes era escrever maldições no trabalho que realizavam.

# VAMOS DESENHAR?

# TESTE DE INTELIGENCIA

HAVIA um professor da roça que tinha ouvido falar em testes de inteligência mas não sabia direito o que era isso. Para avaliar, então a capacidade dos novos alunos, inventava perguntas e problemas que às vezes davam resultado e outras vezes não davam.

Um dia se apresentou na escola um meninão enorme, com jeito de bôbo e o professor, vendo que êle era mesmo muito simplório, quis fazer um teste de inteligencia. Daí, perguntou-lhe:

— Vamos ver: que é uma coisa que a pessoa guarda em baixo da cama e quando se levanta, pela manhã, logo calça?

O menino, calado.

— Vamos! Pense bem e responda!!

O menino nada.

— Ora! É muito simples! Um par de chinelo!! Pois não é? — disse o professor. E continuou:

— Agora vejamos: que é que um casal, indo dormir, deixa em baixo da cama, e logo que acorda, no dia seguinte calça para se levantar?

O menino, nada.

— Então? Não sabe?

— Não . . .

— Dois pares de chinelos, meu filho! Tão simples!! Não é?

O menino sorriu.

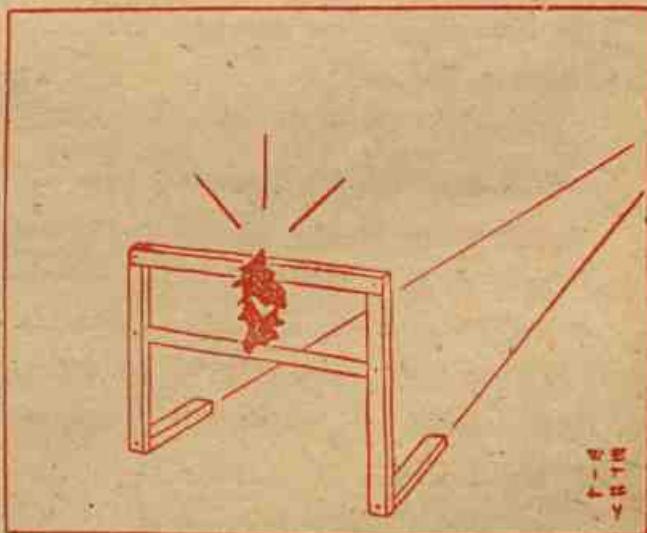
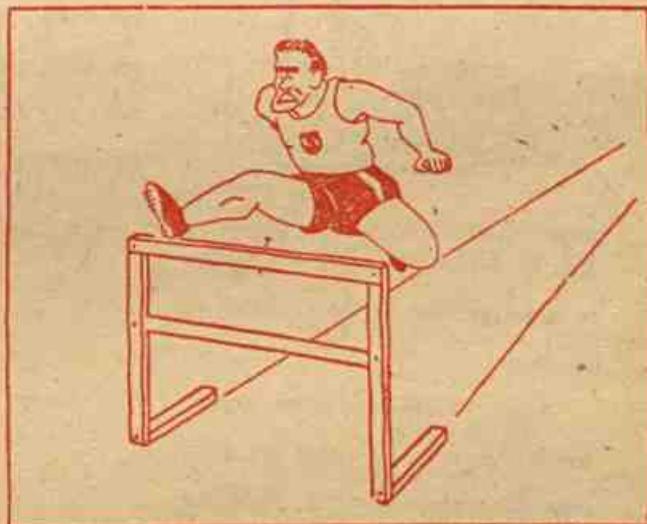
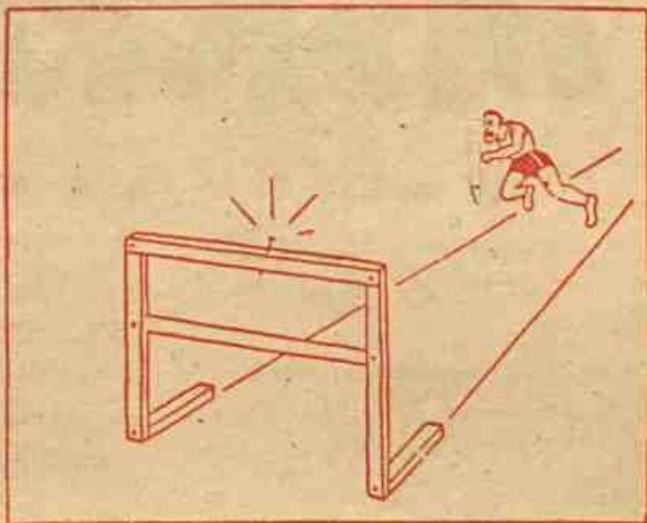
— Bem! — disse o professor — Agora me diga isto. Como é que se chama uma frutinha vermelha, redonda, que se come em salada, chamada tomate? Você sabe?

— Sei! — respondeu meninão.

— Bravo! Pois, então diga!

E o meninão, muito convencido:

— Três pares de chinelos!!

# O CAMPEÃO E O PREGO

## NA ESCOLA

*— Vamos ver, João. — disse a professora — Que foi que aprendeste ontem sôbre Pedro Alvares Cabral?*

*— A senhora bem que sabe o que foi. . .! Não foi a senhora mesma quem me ensinou? Então? Então?!*

# HISTORIAS MAL CONTADAS

## BEM MERECIDA

UM homem escreveu a seguinte carta ao gerente de uma fábrica de navalhas:

*"Senhor Gerente: Junto encontrará uma nota de cinco cruzeiros para que, pela volta do Correio, me remeta, de acôrdo com os anuncios que estão fazendo, um pacotinho com cinco lâminas.*

a) *Justino Ravioles*

*P. S. Esqueci de juntar a nota mas estou certo de que uma casa como a sua não vai reparar em tão insignificante detalhe.*

Pela volta do Correio, Justino Ravioles recebeu do Gerente esta resposta:

*"Senhor Ravioles: — Recebi sua carta e agradeço. Junto encontrará o pacotinho de cinco lâminas que nos solicitou.*

a) *O Gerente*

*P. S. — Esqueci-me de juntar o pacotinho, mas estou certo de que um homem com uma cara-dura como a sua não vai reparar em tão insignificante detalhe.*

## ESTA É PARECIDA

Um pai recebeu do filho, metido a engraçado, esta carta:

*"Querido pai, estou muito necessitado de dinheiro e venho pedir-te que me envies algum. Teu filho agradecido.*

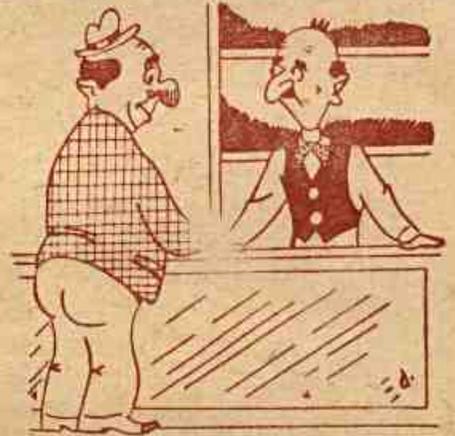
*Manoel.*

*P. S. Depois de escrever esta carta, meu pai, fiquei tão envergonhado que estou pedindo a Deus que ela se extravie e não a recebas.*

Os dias se passaram e, certa manhã, o gaiato recebeu a resposta paterna. Dizia isto:

*Meu filho querido: Teus rogos foram ouvidos por Deus. A carta se extraviou e eu não a recebi.*

*Teu Pai.*

## PUXA, VIDA!

Um sujeito entrou numa casa de artigos de viagem e pediu ao caixeiro uma valise, pois ia viajar.

Escolheu, discutiu o preço, conseguiu uma diferença, pois era muito "seguro", como vocês vão ver. Então o caixeiro perguntou:

— Quer que embrulhe?

— Não — respondeu o pão duro — Ponha o papel e o barbante dentro dela, e eu levo...

## BOM FREGUÊS...

— O senhor é o alfaiate a quem **meu** filho, há três anos, está devendo um terno de brim, não?

— Sim, meu amigo... Sou eu... O senhor vem pagá-lo?

— **Não.** Venho comprar um **para** mim, nas mesmas condições.

## NO CONSULTÓRIO

— Doutor, o senhor se lembra de que há um ano me curou de reumatismo, e me disse que eu evitasse molhar-me? Pois bem: eu vim aqui para perguntar se me fará mal tomar um banho...

## QUE CAPATAZ CAPAZ!

O operário estava fazendo um buraco, no chão, suando como só êle. Tirava as pás de terra e jogava-as para um lado. O buraco já ia de bom tamanho, quando apareceu o capataz da obra, que era um homem muito inteligente...

O capataz olhou, olhou e não gostou do serviço como estava feito. Então disse:

— Belarmino, não é assim que se trabalha...

O operário se deteve.

— Não se joga a terra para um lado, como você está fazendo.

— Então, onde é que devo jogar?

E o capataz, muito compenetrado:

— Ora! Faça outro buraco e ponha a terra, que fôr tirando dêste, dentro dêle!

## DESCONTO

— Então, seu Salomão? Diz que os ladrões entraram na sua loja e fizeram uma limpeza?

— Isso mesmo, meu amigo. Mas tive sorte. Se êles tivessem entrado lá na noite anterior, o prejuízo seria muito maior!

— Como assim?

— Claro! É que eu ontem decidi fazer uma liquidação e rebaixei os preços de tudo à razão de 30 por cento...

## DE BRIGA

Dois homens estavam brigando na rua. Juntou gente. Veio um guarda e interrompeu a briga.

— Os senhores não podem solucionar suas questões sem que a polícia tenha de intervir? — perguntou a autoridade.

— Pois é o que estávamos fazendo... — disseram os brigões.

E continuaram aos tapas.

## CAPRICHO CANINO

— Muito bonito o seu cãozinho, minha senhora!

— Obrigada! Realmente êle é bonitinho, mas tem um defeito: só come carne mastigada.

— E' mesmo? E quem é que se dá ao trabalho de mastigá-la?

— Êle próprio...

# Dois NOMES ILUSTRES que as crianças devem respeitar

TAL como no caso de Pasteur, que tendo realizado inúmeras importantes descobertas cientificas, ficou universalmente conhecido por ter sido quem descobriu a vacina contra a "raiva", ou hidrofobia, os sábios Emilio Roux e Alberto Calmette, autores de várias descobertas biológicas, tornaram-se conhecidos, para tôda a humanidade, um por ter vencido a terrivel doença que é a difteria, ou crupe, e o outro por ter descoberto o meio de defender as criancinhas da morte pela tuberculose.

São, pois, dois grandes sábios, aos quais devemos eterno conhecimento e maior veneração.

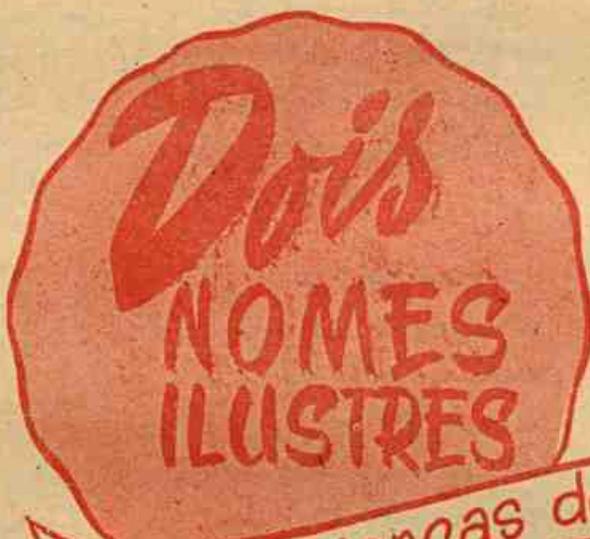
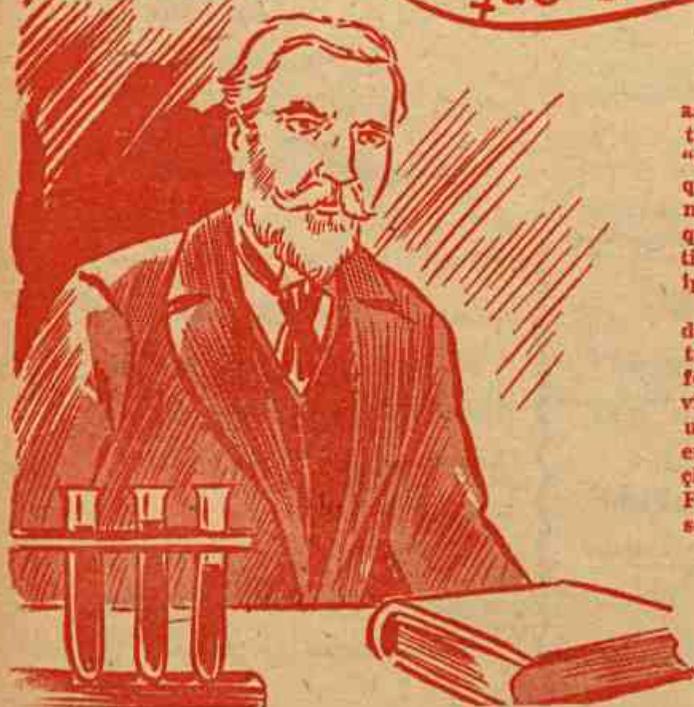
Vejamos quem foram êsses nomes e como conseguiram tão belos resultados.

Desde logo é fácil imaginar que nem Calmette nem Roux teria sido qualquer coisa na vida, se não tivesse sido estudioso, caprichoso, se não tivesse tido o verdadeiro desejo de saber, de ser alguém nesta vida. Não foi iludindo os professores, colando, matando aulas, jogando sinuca ou indo passear que os dois conseguiram se fazer heróis da ciência e idolos da humanidade. Isso, positivamente, não foi. Por tais caminhos ninguém realiza nada útil, belo, grandioso ou simplesmente louvável, neste mundo.

Em 1888, Emilio Roux descobriu que o "caldo de cultura" onde tinham estado os germes da difteria continha, depois de retirados êsses germes, uma substancia tóxica, ou venenosa. Injetando, em determinadas circunstâncias, aquelas substâncias, ou toxinas, em um cavalo, êle realizou depois uma série de experiências médicas, retirando do sangue do cavalo um produto anti-toxico, ou a anti-toxina, que, preparada, serve depois, para ser injetada no doente de difteria, e que cura o doente.

Foi um sobrinho do Dr. Roux quem o auxiliou na descoberta da vacina contra o crupe. Antes dessa descoberta, em cada 100 doentes de crupe morriam 40. Depois, em cada 100 doentes passaram a morrer 2, apenas.

CALMETTE

ALBERTO Calmette, por ser estudioso também, obteve por sua vez uma brilhante vitória na luta contra a tuberculose na infância. Partindo do principio de que a tuberculose não é hereditária, isto é, não passa de pais para filhos, mas que as crianças vivendo junto de pessoas tuberculosas podem ficar tuberculosas também — e com muita facilidade — tratou de "vacinar" os recem-nascidos, contra o mal, e para isso teve que inventar uma "vacina", a que deu o nome de BCG. Êsse nome tem uma explicação curiosa: são as iniciais dos sábios que lutaram com a sua ciência para a obtenção da importantissima vacina, doutores Calmette e Guérin, e mais o B, que ali introduziram para indicar a natureza biliosa do produto.

A vacina, com efeito, é preparada com bacilos provenientes de um boi tuberculoso tornados inofensivos por uma longa cultura na bile de boi. Introduzidos no organismo pela bôca, sob forma de pilulas, ou por meio de injeções leves sob a pele, ali vivem por um certo tempo, durante o qual dão nascimento a um liquido de defesa contra o contágio. A vacina deve ser feita em ocasião em que a criança esteja ainda livre de contaminação, isto é, durante os primeiros nove dias depois de nascida! Forma tal defeza que a criança pode ser mesmo alimentada ao seio por mãe tuberculosa sem que corra o minimo perigo.

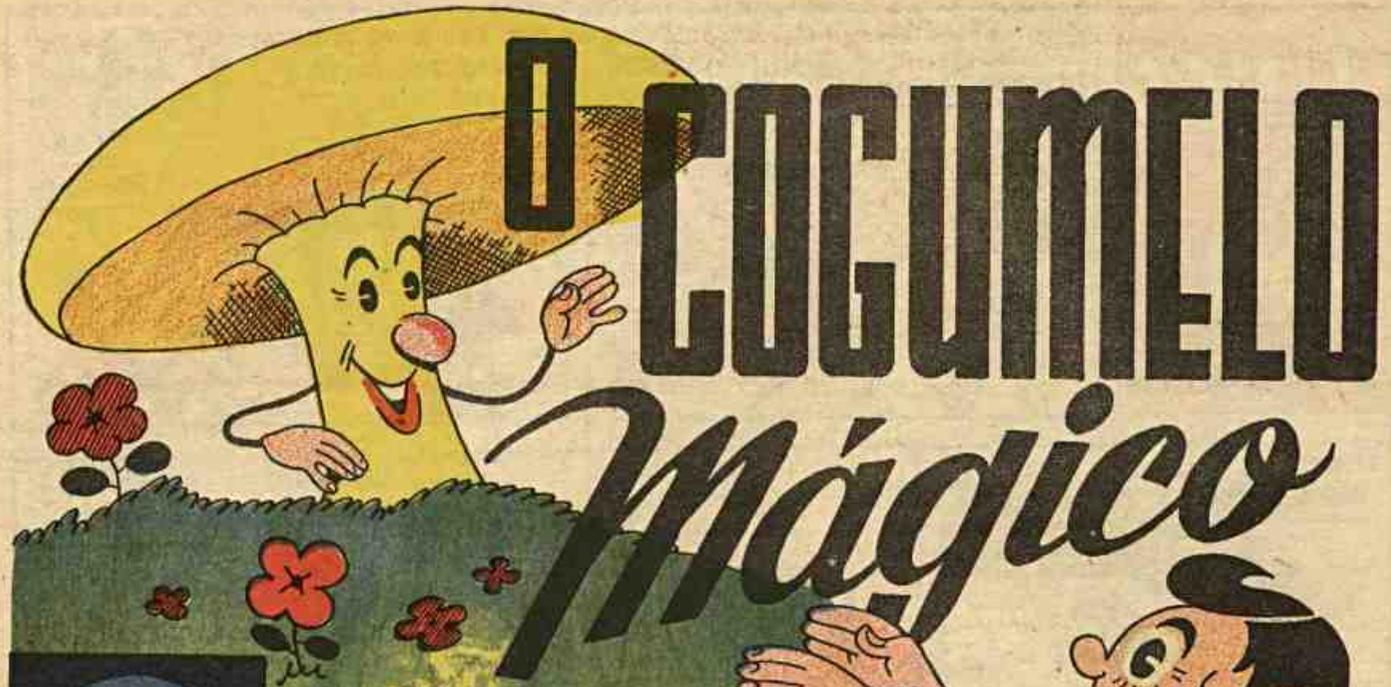
Graças à BCG, morrem muito menos crianças tuberculosas hoje em dia. Todas as mães deviam fazer vacinar seus filhinhos, ao nascerem, com BCG, dentro dos nove dias que se seguem ao nascimento, para poderem ficar tranquilas e vêr os filhinhos felizes crescendo ao seu lado.

# O PESCADOR e a TAÍNHA

Fábula de ESOPO adaptação de PAULO AFFONSO

# JINGO E JANGO

(Continúa noutro local)

# O COGUMELO *mágico*

O URSINHO Bribri se pôs de pé e suspirou profundamente.

— Não ficarei mais aqui! Faz um ano que Jonjoca me jogou para êste canto, esperando que eu crescesse, e nunca mais veio me ver. Vou viajar. Vou correr mundo. Já vi que não cresço mesmo . . .

Apanhou uma cadeira, aproximou-se da janela, trepou para ela e pulou para fóra.

Bribri era um ursinho de brinquedo, vocês já adivinharam. Seu dono era um garoto das carepas, como se diz, e um dia o tinha jogado a um canto, mandando que êle crescesse e voltasse. Depois, esquecera êle próprio e o pobre Bribri ficára atirado um ano inteiro naquele lugar, sem crescer nem um milímetro. Talvez até tivesse encolhido, com o frio e a umidade... Para o dono, tinha desaparecido. Estava perdido.

Bribri se meteu por uma das alamedas do jardim, assobiando baixinho. Chegou à grade de ficus, pulou por cima dela e atravessou o campo fronteiro. Lembrava-se de ter estado ali uma vez, com Jonjoca . . . Mal, porém, se deteve no meio do campo, surgiram à sua frente dois anõesinhos de longos bigodes e caras engraçadas.

— Que estás procurando aqui? — perguntaram.

— Estou cansado de ser sempre brinquedo e queria ser um anãozinho, como vocês respondeu o ursinho Bribri, sem vacilar.

— Pois muito bem! Pois muito bem! — exclamaram os anõesinhos. — Vem conôsco e nós te mostraremos o cogumelo mágico. Em todo o campo há sómente três cogumelos. Um destes tem poderes sobrenaturais. Se nós tivermos sorte, tu acertarás e arrancarás precisamente o cogumelo mágico . . . E estará tudo arranjado. Vamos ver.

Sairam pelo campo, à procura dos cogumelos.

Alguns momentos depois, tinham achado os três cogumelos.

Bribri escolheu um deles e logo o arrancou. Os anões, então, começaram a dansar à sua volta, realizando passos de baile os mais exquisitos, cantando uma canção estranha, muito melodiosa.

Bribri tinha tido tanta sorte, que acertára com o cogumelo mágico. E isso foi fácil de verificar, porque dentro de pouco reparou que seu corpo estava mudando de aspecto: estava se transformando em um anão, igual aos outros dois, com bigode e tudo!

Nesse momento, começou a sibilar o vento nos capins, e a sussurrar nas folhagens, e dentro em pouco estava forte a ventania.

O cogumelo que êle tinha na mão virou pelo avessso, como acontece com os guarda-chuvas, nos dias de tempestades. E o mais estranho do caso foi que a voz do vento, soprando, começou a dizer assim:

— Jonjoca, o dono do ursinho, está doente ! Jonjoca está doentinho ! E quer ver o seu Bribri ! Está chamando por êle !

— Oh ! — exclamou o ursinho penalizado. — Eu não devia ter vindo para cá ! Quero voltar para junto do meu dono !

— Mas tu não és mais o Bribri, ursinho ! Agora és um anão do prado ! Deixa que êle continue a pensar que te perdeste ! — disse um dos anões.

— Não, não, não ! — pediu Bribri. — Querem me fazer o favor de restituir-me a forma antiga ?

Mal havia pronunciado essas palavras, c vento soprou mais forte e êle foi transportado, pelos ares, indo cair no cantinho onde estava no começo desta história. Tinha novamente c aspecto de urso. Tornára a ser o Bribri de antes.

Ali o encontrou a mãe do doentinho, que o levou, correndo, ao filho, muito contente.

Quando Jonjoca o abraçou, o ursinho ouviu uma voz que dizia:

— Como demonstraste bom coração, e voltaste para junto do teu dono, terás, de hoje em diante o poder mágitadeco de ser cogumelo ou ursinho, à tua vontade. Estás ouvindo ?

Graças a isso, quando Jonjoca ficou bom o nosso Bribri já não sofria quando o dono o jogava para um canto e dele se esquecia, para de novo se encher de carinhos por êle passado muitos dias — como fazem quase todos os meninos com os seus brinquedos.

Um dia, entretanto, Bribri resolveu fazer uma surpresa ao menino. Em voz alta, pediu para virar cogumelo, num momento em que Jonjoca o tinha deixado sózinho. E em poucos segundos se viu transformado num cogumelo lindissimo, parecendo um chapeu-de-sol com pintinhas vermelhas..

Quando Jonjoca regressou, viu aquilo e ficou encantado:

— Quem botou aqui êste cogumelo tão lindo ?

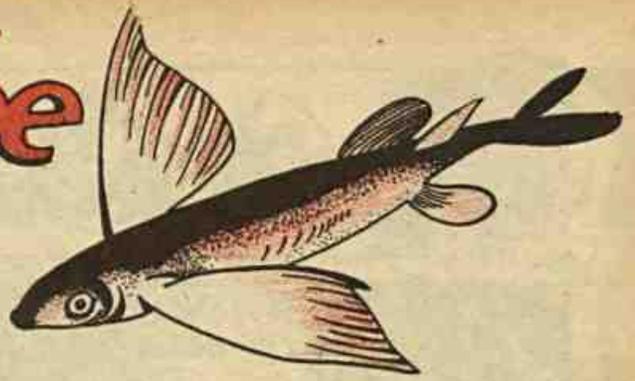
Colheu-o com cuidado e levou-o para a sala de jantar, pondo-o em cima da mesa.

Nesse momento, Bribri pediu mentalmente para voltar a ser ursinho, e começou a dansar em cima da mesa ... Quando Jonjoca viu aquilo, ficou louco de contente, batendo palminhas.

Tanto bastou para que Jonjoca nunca mais largasse o bom ursinho pelos cantos, esquecendo-se dêle. Viu que um brinquedo é coisa valiosa, que deve ser tratada com carinho, pois serve de companhia nas horas de prisão na cama, quando a gente está doente, e diverte, distrái, quando a gente está com saúde.

Menino que estraga os seus brinquedos é ingrato, porque os brinquedos são seus amigos. E ser ingrato é coisa tão feia !

# JINGO E JANGO

3 (CONTINUAÇÃO

# O Pirabebe

O pirabebe, cujo nome científico é "Teiglavolitans" vulgarmente chamado peixe-voador, existe em quantidade extraordinária nas costas dos Estados do norte do Brasil, constituindo a principal alimentação de muitos habitantes dessas regiões. A sua pesca constitui interessante curiosidade, oferecendo, por vezes, sério perigo.

Da praia, o pescador avista ao longe o cardume de voadores correndo e voando em certa direção. Rápido, apresta a jangada e faz-se ao mar. Nas vizinhanças do cardume, que intencionalmnte deixou em direção oposta ao vento, esmaga e esfrega nos bordos da embarcação intestinos de peixe anteriormente apanhados.

Os peixes voadores, que possuem apurado e fatal olfato, mal sentem o cheiro acre e oleoso das entranhas esmagadas, saltam das águas e, sustidos no ar por suas longas barbatanas membranosas precipitam-se para a jangada, gulosamente, atraidos como mariposas para a luz. E cada qual vem mais presto e mais rápido em bando, em nuvem, cair sôbre os frágeis toros flutuantes, enchendo, alastrando, inundando tudo...

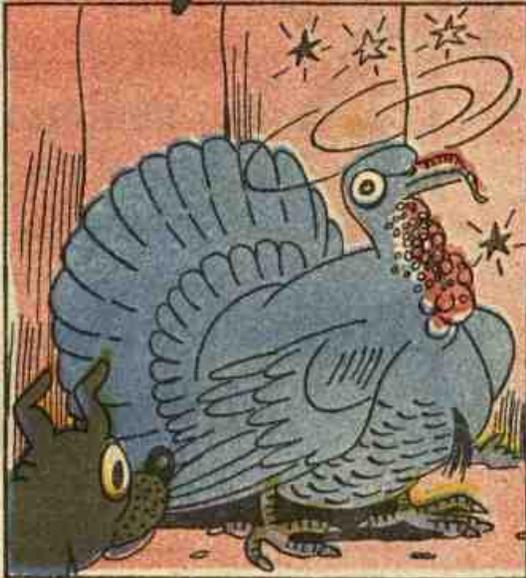
Os pescadores limitam-se a apanhá-los e a encher os cestos e samburás.

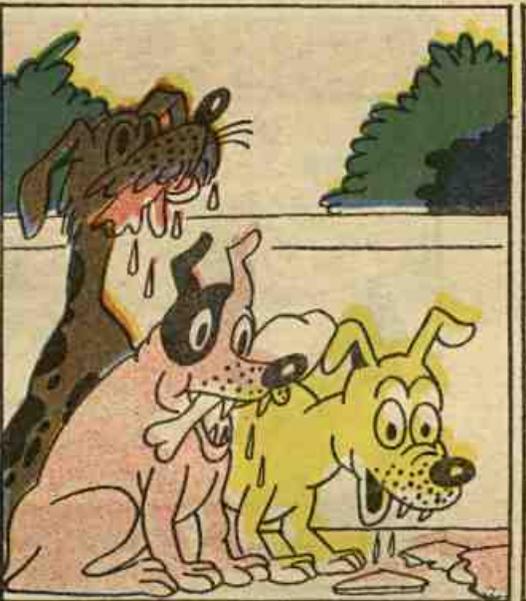
Há porém, ocasiões de tamanha abundância, que o barco, excedido o limite da flutuação, ameaça sossobrar sob a carga incessante que lhe chove do mar e é agora o pescador quem, à fôrça de remos, foge para a terra, perseguido largo espaço pela caça insolente e pertinaz.

# Aventuras de

# Chiquinho

2º

E DE FATO. JAGUNÇO VIGIAVA UM BELO E GORDUCHO PERU, QUE JÁ TONTO À CUSTA DO VINHO QUE A COZINHEIRA LHE DERA, ESPERAVA A HORA DE ENTRAR NA FACA.

DEPOIS DE BEM PREPARADO O BICHO, BENJAMIN FOI, LEVÁ-LO À PADARIA PARA ASSAR. AO VOLTAR PARA CASA...

A TENTAÇÃO FOI MUITO FORTE. O BENJA COLOCOU A TRAVESSA SÔBRE UM MURO E CAIU NO JOGO. NISTO, APARECERAM TRÊS VIRA-LATAS FAMINTOS, QUE ALI MESMO, DERAM CABO DO APETITOSO PERU...

CHIQUINHO POR SUA VEZ APROVEITANDO-SE DA DISTRAÇÃO DA COZINHEIRA, APANHOU O GARRAFÃO DE VINHO E, SÓ POR CURIOSIDADE BEBEU UM GOLESINHO. O RESULTADO PORÉM FOI MAU...

NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO ACORDARAM, EM LUGAR DE PRESENTES...

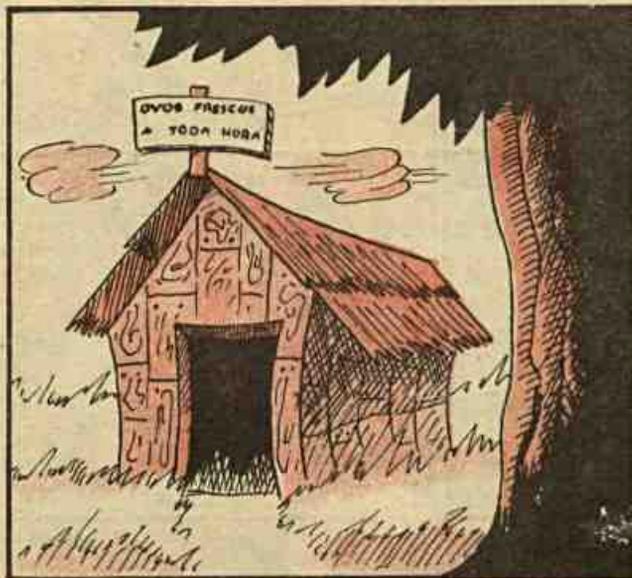
Chiquinho
A falta cometida por você foi muito grave. O álcool e o fumo são coisas que nem "por curiosidade" uma criança deve provar.
Papai Noel

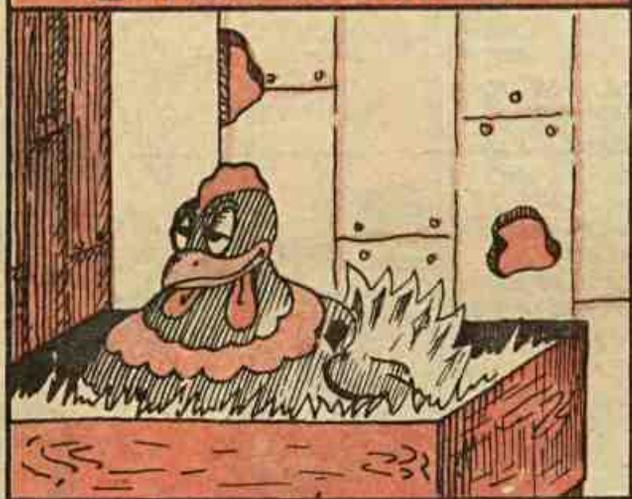
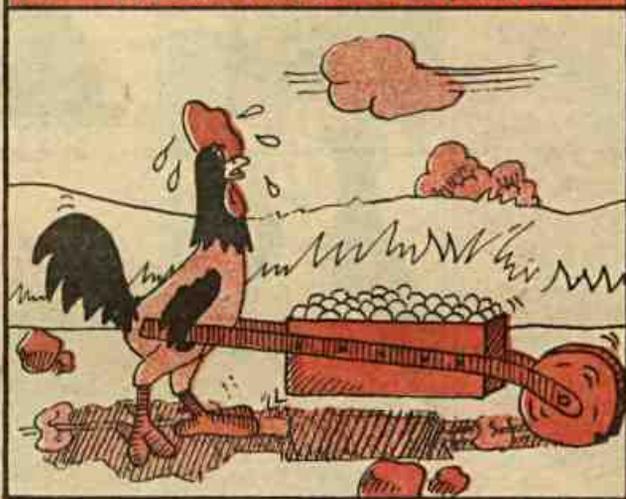
Benjamin
Quando tiver uma obrigação a cumprir, deixe de lado os divertimentos e trate de desempenhá-la a contento.
Papai Noel

A PRIMA LILI, COMO SEMPRE, FOI AJUIZADA E GANHOU O PRESENTE PEDIDO. VENDO-OS DESCONSOLADOS, ACONSELHOU:

"SURURU" NO
GALINHEIRO
Por Ivan

OVOS FRESCOS
A TODA HORA

1

NAQUELE GALINHEIRO REINAVA A MAIS COMPLETA HARMONIA E FELICIDADE.
NELE MORAVAM UM GALO E UMA GALINHA...

ENQUANTO A GALINHA BOTAVA OS OVOS...

O GALO OS LEVAVA AO MERCADO PARA VENDER.

MAS UM DIA...
aiiiii!! SOCORRO!
CREDO! É LÁ EM CASA!

CHEGANDO EM CASA A GALINHA LHE CONTA O QUE HOUVE:
E A RAPÔSA SAIU LEVANDO TODOS OS OVOS!
MISERAVEL!...

# "SURURU" NO GALINHEIRO

Por Ivan

2

CONTINUA ADIANTE (Pg. 96)

# A árvore

NÃO! — disse severamente a tia Martha — Não compro uma máquina fotográfica para você porque você ainda é muito criança. E não me peça mais isto.

Ronaldo suspirou. Tivera que ficar morando com tia Martha enquanto seus pais viajavam, e pensara em ter a máquina para tirar fotografias dos lindos lugares que havia por perto de sua casa.

Só assim passaria mais distraido as horas de folga.

Nenhum de seus amigos morava perto e a tia Martha não gostava de muitas crianças. Só gostava do sobrinho.

E assim vivia o menino muito triste sem um companheiro para brincar.

Certo dia, foi para o jardim e começou a armar um barquinho de papel com o fim de fazê-lo flutuar no lago. Mas quando ia botar o barquinho nágua, a tia o chamou.

— Ronaldo, vai até a granja e compra dez ovos para eu fazer uma torta.

Torta ?! Era o mais gostoso que tia Martha fazia. E como Ronaldo era um grande apreciador dêsse doce, saiu a correr.

— Será melhor ir pelo caminho mais curto para não demorar muito. O caminho do bosque é o melhor —disse tia Martha — Mas não fales com ninguem. Pode haver pelo caminho algum ladrão. Deves tomar cuidado. A estância foi assaltada a noite passada.

Ronaldo tinha realmente ouvido falar nos ladrões,

TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

# Oca

mas não tinha medo. Para êle os piratas e ladrões eram até muito interessantes.

Saiu andando depressa e logo chegou ao caminho que o levava diretamente à granja. Estava já quase chegando ao destino quando viu um homem a poucos passos dêle, olhando à sua volta.

Ronaldo não era medroso mas também não lhe agradava a idéia de que o homem o visse e escondeu-se atraz de uma arvore com a intenção de observa-lo sem ser visto

O homem saiu do caminho e começou a examinar o local para cientificar-se de que estava bem seguro ali e que não seria visto por ninguem. Depois, com grande surpresa de Ronaldo, tirou dos bolsos alguns pacotes, subiu uma árvore e deixou-os cair dentro do tronco. Em seguida, desceu e saiu correndo.

Passados alguns minutos Ronaldo saiu do esconderijo. Não havia ninguém por ali. Subiu à arvore misteriosa onde encontrou um grande buraco cheio de embrulhos. Tirou um e abriu. Encontrou um lindo relogio de ouro.

— Talvez seja algumas das coisas roubadas na granja! — disse consigo.

Saiu dali e voltou depois com um agente de policia e um detetive e encontraram todos os objetos que tinham sido roubaram na noite anterior.

Então o comissário de polícia foi embora e deixou um auxiliar escondido atraz de uma árvore para esperar e surpreender o ladrão quando êle voltasse.

E assim acontceu. Quando o "amigo" do alheio voltou ao lugar o agente o deteve.

O comissário deu então a Ronaldo uma recompensa bem grande, tão grande que chegou para êle comprar a sua tão desejada máquina fotográfica, realizando, assim, o seu sonho.

"SURURU" NO GALINHEIRO
Por Ivan
(CONTINUAÇÃO)

3

DE REPENTE DONA GALINHA SOLTA UM GRITO!
TENHO UMA IDÉIA!

EM TÔDA A MINHA VIDA, NUNCA OUVI DIZER QUE UMA GALINHA TIVESSE IDÉIAS MAS... DIGA!

POR QUE NÃO DAMOS CABO DA RAPÔSA, NÓS MESMOS? AFINAL DE CONTAS SOMOS DOIS OU NÃO SOMOS?

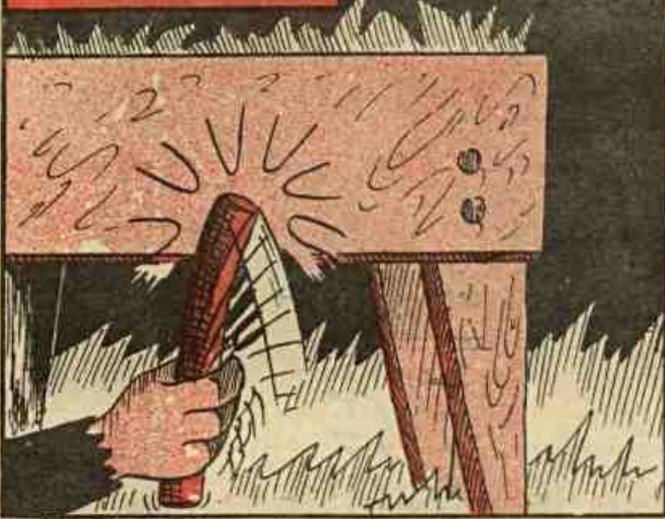
ENGRAÇADO... JÁ ESTIVE PENSANDO NISSO TAMBÉM!
ENTÃO VAMOS!

FICARAM ENTÃO À ESPERA DA FAMINTA RAPÔSA, QUE NÃO TARDOU A APARECER!

ESPERO QUE O GALO NÃO ESTEJA EM CASA!

"SURURU" NO GALINHEIRO
Por IVAN

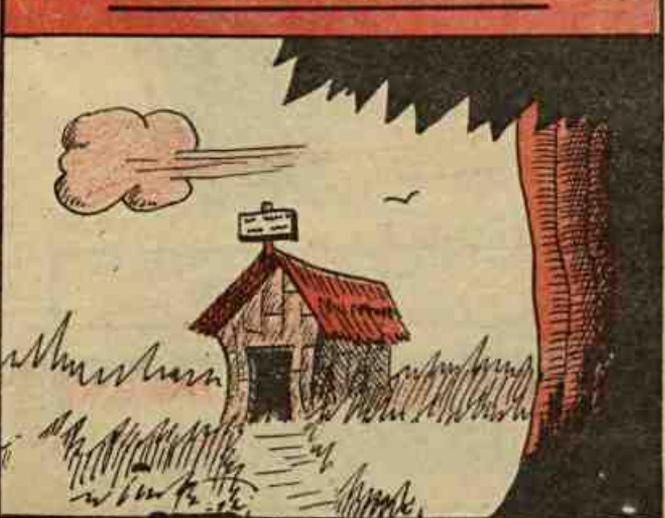
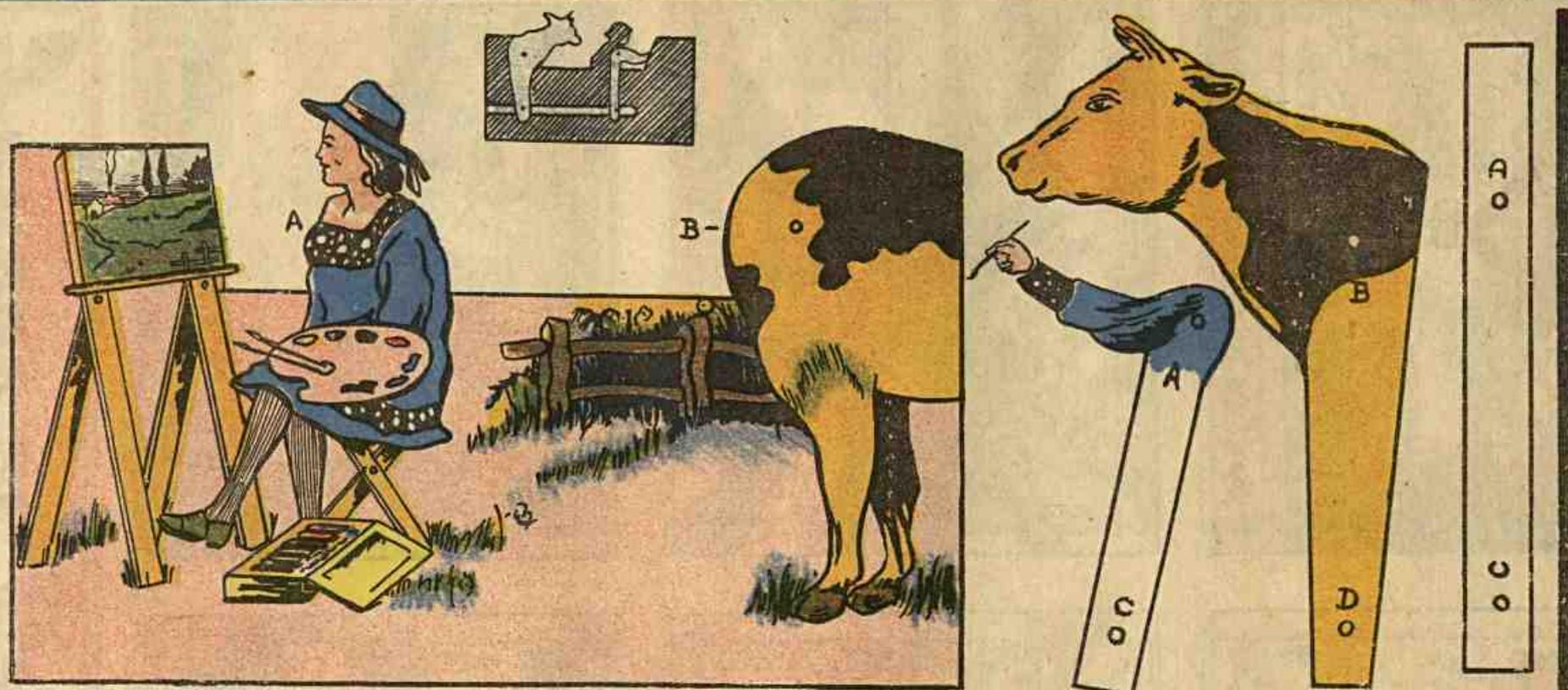
4

DE REPENTE...

ENQUANTO A GALINHA VAI VER O QUE HOUVE, A RAPÔSA APANHA OS OVOS.
AH! AH! COMO FOI FÁCIL!
?

MAS O GALO ENTRA EM AÇÃO...

E A RAPÔSA NUNCA MAIS OS ATORMENTOU!
AIIIII!!! SOCORRO!

E A PAZ VOLTOU A REINAR...

Fim...
IVAN
O que puderes fazer sòsinho nunca peças a ninguém.

# UM QUADRO VIVO

Virginia aproveita as férias para pintar ao ar livre. Enquanto move os pincéis e combina as côres, uma vaquinha muito mansa é a sua companheira.

Querem ver a cena? Então façam o seguinte: recortem as peças, depois de coladas em papelão não muito grosso.

Depois tomem o braço da pintora e, passando-o por detrás do corpo, fixem-no com um grampo na letra A. Façam o mesmo com a cabeça da vaca e finalmente atravessem na base de ambas essas partes a tira C-D, fixando-a nesses pontos. E agora, movendo a tira, verão o efeito: o quadro vive.

insinuante

# JOÃO CHARUTO "PROMOVE" A SI MESMO

# O Professor Cartolinha

## ENSINA A CAÇAR CROCODILOS

A caça do crocodilo é aparentemente muito difícil, sim. Mas, apenas na aparência. Na realidade, é fácil. E' claro que é preciso saber fazê-lo, porque também não é só querer agarrar o bicho e meter no bolso. Quem foi que disse? Nada disso!

Como vocês podem, algum dia, precisar caçar crocodilos, vou ensinar o meu processo, um processo bacana, simples, fácil, seguro, divertido e infalível.

Para caçar crocodilos, a primeira coisa que se tem a fazer é ir procurar um rio onde haja crocodilos. Senão, nada feito. Se o rio fôr longe, a gente tem que viajar. Não vou precisar ensinar a vocês como é que se viaja, é claro, porque vocês estão acostumados a ir ao quintal, à escola, à casa da dindinha e da vovó, e sabem como é que isso. E se vocês fossem tão bobos que não soubessem como é que se faz uma viagem, então seria melhor eu não ensinar mesmo como é que se caça coisa nenhuma, porque gente bôba não interessa. Gosto só de gente sabida como eu. Menos um pouquinho, para eu ensinar coisas...

— Doutor, o meu filho é gago. Eu queria que o senhor o curasse.
— Êle é gago de nascença?
— Não doutor. Desde quando começou a falar...

Mas, vamos continuar a nossa caçada.

Faz de conta que já chegámos ao rio onde vivem os crocodilos. Vamos! Coragem! Com mêdo, ninguém é bom caçador!

Depois de arranjar um bote de borracha desmontável (será que vou ter que explicar o que é um bote de borracha desmontável?! Ih! vocês também não sabem nada!), a gente entra nele e rema, rema... De repente o crocodilo sentinela aparece, vê o bote e faz o sinal combinado com os companheiros, avisando: — Lá vem êle!

Quando a gente percebe que os crocodilos já estão desconfiados, com agilidade e segurança, fecha o "zip" ou fêcho éclair do bote, e fica lá dentro, quetinho, lendo um jornal. Como lá dentro está escuro, vem o sono. Aí, o caçador não se importa,. Boceja e deixa o sono vir mesmo. E dorme.

Enquanto o caçador dorme, o crocodilo se aproxima, sente cheiro de carne humana, abre o "zip", espia para dentro, vê o caçador no bom do sono... Sente vontade de comê-lo logo, mas pensa lá consigo:

— Seria judiaria eu comer êsse zinho adormecido. Vou esperar que êle acorde...

E o crocodilo fica esperando. Espera, espera e acaba sentindo sono também. Como êle adormeceu depois, o caçador naturalmente será o primeiro a acordar.

Assim que acordar, a primeira coisa que deverá fazer será agarrar o seu óculo de alcance e olhar para o crocodilo com o óculo ao contrário, daquele jeito que faz que tôdas as coisas fiquem pequeninas... lá longe. Graduando o óculo, o caçador faz o bicho ficar bem pequenino, bem pequenino, mas bem pequenino mesmo, e então aproveita e agarra-o pela pontinha da cauda e prende-o em uma caixa de fósforos.

Pronto! Aí está como se caça um crocodilo!

# O Bolo de Noivado

ERA uma vez um rei que tinha um filho e que vivia preocupado com êle, desejando que o jovem príncipe se casasse.

O nome do príncipe era Reinaldo, e era êle filho único do soberano.

Embora desejasse ver o moço casado, o rei não queria para nora qualquer princesa embonecada e apenas bem vestida e bonita de feições, dessas mocinhas que vivem o tempo todo diante de um espelho, só pensando em faceirice. Queria uma esposa que fosse verdadeira dona de casa.

Depois de muito pensar no caso, o soberano decidiu realizar um concurso, para o qual cada jovem tinha que enviar alguma cousa feita por suas próprias mãos. A notícia foi espalhada e dentro em breve começaram a chegar ao palácio os objetos mais variados.

O rei, porém, sempre descobria que as concorrentes estavam tentando iludi-lo, enviando para o certame cousas que elas não tinham feito com as próprias mãos. Com isso, ia desclassificando tôdas as candidatas.

Ora, aconteceu que entre os trabalhos apresentados figurava um enorme bôlo de amendôas, com enfeites de açúcar.

— Isto é obra de uma grande confeitaria — disse o rei, ao vê-lo. — Quem foi que o mandou?

O príncipe, que estava perto, procurou ver o nome da remetente e encontrou apenas um cartão com um nome: "Elfrida".

Mandaram, então, chamar a moça, que se apresentou, um pouco confusa. Era muito bonita e de aspecto modesto.

O rei interrogou-a:

— Tu mesma fizeste êste bolo?

— Eu mesma, sim, Majestade — respondeu Elfrida.

— Serias capaz de fazer outro, igual, aqui no palácio, agora?

— Claro está que podia, Majestade. — afirmou a mocinha.

Querendo verificar — como fizera com outras candidatas — se a moça falava a verdade, o rei mandou que a levassem à cozinha. E lá, com tôda a segurança e com grande habilidade, Elfrida fez um bolo igual ao que tinha mandado para o concurso.

Muito contente o rei voltou ao salão e disse:

— Vamos provar o teu bolo. Parte dois pedaços: um para o principe e outro para mim.

Assim fez a jovem, distribuindo às fatias.

— Excelente ! disseram ambos.

Mas, de súbito, o principe soltou uma exclamação e retirou algo que encontrára no seu pedaço de bolo.

— Um dedal ! gritou. — Que significa isto ?

— Isto significa, alteza — disse Elfrida — que não só a mulher deve ser boa cozinheira como deve também saber costurar. Por isso coloquei aí este dedal ,como símbolo de laboriosidade. Imaginei que essa fatia haveria de caber, na hora da divisão, a alguma jovem...

O rei gostou tanto das palavras da moça que interrompeu o que ela dizia:

— Tu serás a esposa de meu filho !

Celebraram-se, então, as cerimônias do casamento de Elfrida com o jovem principe Reinaldo e no banquete figurou um lindo bolo feito pelas mãos mesmas da noiva, que desta vez ainda mais se esmerou no trabalho, porque estava radiante de alegria.

E dentro do bolo havia um dedal de prata, e também, a pedido do principe, uma aliança de ouro.

Desde então se fez costume, que hoje é tradição, colocar-se nos bolos de casamento um anel de aliança, assim como, em alguns países, também um dedal de prata.

# MENINOS, AQUI EXISTEM FIGURAS OCULTAS

*Esta menina que vemos dando de comer aos pombos, embora pareça, não está sòzinha. Algumas amiguinhas aparecem disfarçados no desenho. Procurando bem, você poderá encontra-las. Veja se consegue.*

# ROBERVAL... SEMPRE SÁI MAL

# UM GRANDE VULTO DA NOSSA HISTÓRIA

## ANCHIETA

O padre José de Anchieta, fundador da cidade de São Paulo, é considerado o primeiro mestre primário do Brasil.

Nasceu nas ilhas Canárias em 1533, fez o curso da Universidade de Coimbra e depois entrou para a ordem religiosa cujos membros são denominados jesuitas.

Veio para o Brasil em 1553, em campanhia de uma turma de jesuitas, chefiada pelo padre Manuel da Nobrega.

Em São Paulo fez construir um colégio no local onde está hoje a Secretaria de Educação. Nesse colégio para indios foi dita a primeira missa em 25 de Janeiro de 1554, dia considerado da fundação de São Paulo, por ser o dia em que a Igreja comemora a Conversão de São Paulo. O lugar denominado Piratininga passou a chamar-se São Paulo de Piratininga.

## O FUNDADOR DE SAO PAULO

BATISTA CEPELOS

Rumoreja a cidade, em febril movimento,
Ondeia como um rio a imensa populaça;
E, maculando o olhar azul do firmamento,
Erguem-se as chaminés, golfejando fumaça.
Estende-se o comércio, em soberbo incremento;

Circula como um sangue a riqueza na praça;
E, numa rapidez superior à do vento,
Os prelos dão à luz e o trem de ferro passa...

E, enquanto o poviléu rola de rua em rua;
Onde o luxo se ostenta e a vida tumultua,
Eu mergulho no sonho e na contemplação.

E, na sua modéstia e na sua roupeta,
De-repente me surge a figura de Anchieta,
Melancòlicamente apoiada a um bordão.

# DE ONDE VEM O TERMO "SILHUETA"?

CHAMA-SE geralmente "silhueta" uma figurinha desenhada em negro, que se destaca em seus contornos sôbre fundo de outra côr. Póde ser um perfil de pessoa, o vulto de um animal, até mesmo tôda uma paisagem recortada de modo artistico. A tudo isso se dá o nome de *Silhueta*.

Tudo, porém, tem uma causa, uma origem. De onde virá o nome silhueta? Que significará essa palavra?

Não é difícil descobri-lo.

Por incrivel que pareça, tal nome não recorda nenhum artista, pintor ou desenhista, mas sim um homem de finanças, cuja atividade, enquanto viveu, não teve contato algum, com a arte do desenho ou da pintura, senão êste: de ter dado origem ao nome *silhueta*.

Etienne de Silhouette foi um francês. Dedicado aos estudos financeiros, chegou a ser, um dia, ministro das Finanças de seu país, num tempo em que os governos viviam correndo atraz de dinheiro, sem saber que coisas inventar para arranjar meios de encher as "arcas" do Estado.

Isso foi antes da Revolução Francesa.

Preocupado em resolver os problemas financeiros do seu govêrno, Silhouette sustentou implacàvelmente que o meio de se arranjar dinheiro era lançar fortes impostos, ou tributos, sôbre as terras dos fidalgos. Esses fidalgos possuiam extensas propriedades, que lhes davam renda polpuda e vida folgada, enquanto o Govêrno se via sem dinheiro para realizar obras e melhorar a vida de todos os demais.

— Se a aristocracia rica se prestasse a certos sacrificios, o país poderia libertar-se em pouco tempo das suas dividas — era o que teimava em afirmar o ministro.

Mas, como é bem de ver, os donos de terras acharam ruim! Reduzir as suas rendas? Fundir suas baixelas de prata, para fazer dinheiro com o metal resultante?

E os amigos nobres do alto funcionário do governo foram se afastando dêle, fugindo de um homem que tinha idéias tão exquisitas. Não queriam nada com êle. Pois o homem os queria prejudicar!

O povo, entretanto, que estava ao par das idéias sensatas de Silhouette, que aprovava seus planos, pois vivia numa situação de penúria vendo os nobres ricaços indiferentes à sua sorte, — o povo, entretanto, adorava-o.

O nome do controlador geral das finanças se tornou popular. E um dia um desenhista qualquer desenhou o perfil de Silhouette e recortou-o em papel preto. Como era fácil reproduzir o desenho, fez outros, que foram sendo reproduzidos mais e mais, e cada pessoa queria uma cópia, e todos foram divulgando a imagem, sempre adiante.

Dentro de pouco, era verdadeira "moda", em Paris, possuir retratos de Etienne de Silhouette.

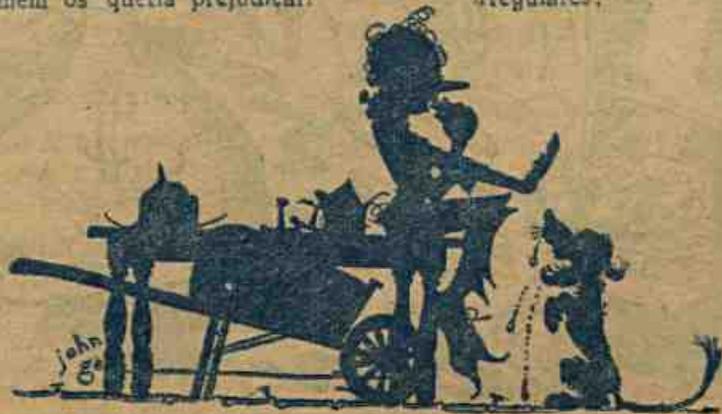
E todo francês pedia:

— Donnez-moi un Silhouette (dê-me um Silhouette)...

Séculos depois, a denominação está generalizada, e é tôda e qualquer figura negra, recortada ou desenhada sôbre fundo de outra côr.

E todos repetimos a palavra, empregamos o termo, sem saber que ele recorda a personalidade de um homem que se fez querido pela sua vontade de distribuir em torno de si bem-estar e conforto, embora para isso precisasse ser um tanto duro com os amigos, ferindo-lhes os interêsses.

O povo sempre compreende e ama os homens que, elevados às posições de mando, o defende e quer proteger, quando essas intenções são sinceras, honestas, verdadeiras.

Por isso Etienne de Silhouette se tornou imortal, embora através de uma figurinha negra de contornos irregulares.

ERA uma vez um Rei, muito rico e preguiçoso, chamado Rodrigo, que passava os dias sem fazer coisa nenhuma, a não ser reclamar de tudo e de todos.

Os negócios do reino, como não podia deixar de ser, iam de mal a pior, pois os ministros faziam o que bem entendiam, esbanjando o tesouro real e levando o povo à ruina. O descontentamento era geral e as queixas se sucediam, mas o Rei, por preguiça, não tomava nenhuma providência, deixando tudo por conta dos outros.

Cansado de tanto sofrer, o povo organisou uma revolução, e o Rei, quando soube de tudo, ficou com muito medo e tratou de fugir, disfarçado de mendigo. Foi aí, então, que êle viu como era justa a revolta, pois o povo passava fome e era submetido a toda a sorte de maus tratos pelos seus ministros. Quando êle falava no Rei todos tinham palavras de ódio para com o soberano, chamando-o de fraco e indolente, e acusando-o de ser o verdadeiro causador de tudo.

Ouvindo tais palavras o Rei teve muito mêdo e tratou de andar mais depressa, receiando ser reconhecido.

Quando Rodrigo estava quasi saindo da cidade, aproximou-se dele uma menina, pobresinha, que lhe deu uma moeda, dizendo:

— Tome esta moeda, pobre velhinho, que é a única que eu te-

nho. Para mim ela não serve muito, pois não chega para comprar uma boneca. No entanto, dando-a ao senhor, além de ajudá-lo eu também me sentirei satisfeita, pois mamãe sempre dizia que o sofrimento da gente diminue, quando se faz um bem ao próximo.

— Menina — respondeu o Rei você acaba de me ensinar uma grande lição. Até hoje eu tenho sido muito egoista e pensado somente nas minhas dificuldades, que aliás são muito poucas. De hoje em diante vou passar a viver para o meu povo, pois, fazendo-o feliz, eu também o serei.

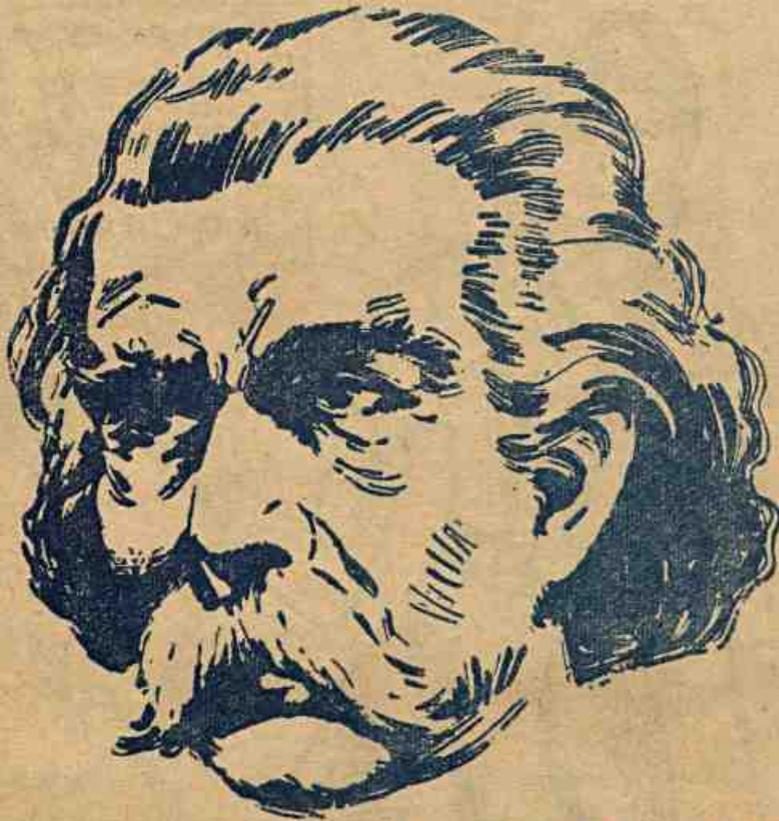
— E acrescentou: "Quando à sua boneca, não se incomode, pois você terá tantas quantas quiser. Você e tôdas as meninas deste país."

O Rei voltou ao palacio e demitiu todos os seus ministros, nomeando outros mais justos e competentes, de modo que não chegou a haver nenhuma revolução. E êle próprio passou a governar o país, e encontrou no trabalho a satisfação que debalde procurara nos tempos de ócio.

Quanto ao povo, que dantes era triste e sofredor, passou a ser alegre e feliz.

**ESTE CONTO NOS ENSINA QUE SO' NO TRABALHO SE ENCONTRA A FELICIDADE.**

Ao terminar a história de Rodrigo, devemos dizer que êle passou a usar, pendurada ao pescoço, como se fosse uma medalha, uma simples moeda. E quando alguem lhe perguntava o que aquilo queria dizer, êle respondia, rindo: "Esta é uma moeda mágica... É a moeda com a qual eu comprei a minha felicidade."

WAGNER

# NOMES IMORTAIS DA MÚSICA

TCHAIKOVSKY

EMBORA se afirme que as artes não têm nacionalidade, pertencendo, em suas manifestações, ao patrimônio da cultura universal, todos os paises que têm dado ao mundo grandes artistas, orgulhem-se deles, e da sua genialidade. Os grandes nomes imortais la Música são honrados e queridos universalmente, mas o são muito mais, e com razão, em suas pátrias.

O Brasil se orgulha, e com justiça, do genio musical de Carlos Gomes. O autor de "O Guarani" póde e deve figurar, com destaque, na galeria que aqui publicamos, dos vultos máximos da arte musical de todos os tempos.

VERDI

ROSSINI

SCHUBERT

BEETHOVEN

DVORAK

·HAYDN·

CHOPIN

BIZET

LISZT

SCHUMANN

MOZART

MENDELSSOHN

# AS LUVAS E SUA HISTÓRIA

TUDO tem uma história e a história de cada cousa apresenta seu aspecto interessante, dependendo de se saber pesquisar.

As luvas, por exemplo. Você, menino do Rio Grande do Sul, de Minas, Paraná, S. Paulo e Santa Catarina, Estados onde faz frio de verdade no inverno, você bem que gosta de meter as mãos no interior das suas luvinhas quentes, quando vai a passeio ou sái para o colégio.... Mas, terá alguma vez pensado em quem teria "inventado" agasalho tão camarada?

As luvas nasceram na Persia, no século quinto antes de Cristo, e seu inventor foi um guerreiro, chamado Abdul Azim.

Conta-se que durante uma de suas campanhas o frio era tão intenso como nos dias em que sopra o "Minuano", nos pampas. E o nosso Abdul Azim teve a idéia de encapar as mãos com pedaços de pele de bufalo, de modo que mesmo assim pudesse utilizá-las. Foi assim que idealizou uma espécie de luva rudimentar, isto é, muito simples, que não se podia, naturalmente, comparar com as lindas luvas fabricadas hoje.

Não demorou e todos os guerreiros o imitaram, e seu invento se generalizou em tôda a Pérsia e se estendeu a outros países.

Diz-se que também os gregos usavam luvas nas solenidades, enfeitando-as com pinturas.

As luvas têm servido para que se estabeleçam certas normas de conduta curiosas. Entregar a uma pessoa a luva e a bengala, era sinal de confiança. Lançar a luva aos pés de outra pessoa, significava desafiá-la para um duelo, pois tal gesto correspondia a ter batido com a luva no rosto do outro, grave ofensa que um homem de honra não pode tolerar.

Na Idade Média, o cerimonial exigia que ninguém permanecesse de luvas calçadas ante um superior, e os juízes eram proibidos de usar as luvas, enquanto exerciam suas funções.

Na confecção das luvas se empregava tôda a espécie de peles: de búfalo, de coelho, de gato, etc. Hoje se fazem luvas de pelica, de camurça, de couro de porco, de sêda, de lã, de croché, de borracha etc. As luvas de borracha são usadas pelos cientistas, pelos médicos operadores, pelos eletricistas, pelas donas de casa para não estragar as mãos.

Em um inventário do ano de 1352 figura um par de luvas com quarenta e oito botões de ouro e quatro botões de pérolas. Quanto não devia custas êsse par de luvas?

Na Espanha costumavam perfumar as luvas, na sua fabricação.

Hoje as luvas fazem obrigatoriamente parte dos uniformes militares, os guardas do trânsito são obrigados, em certas cidades, a usar luvas brancas, para que se vejam de longe os movimentos que fazem, com os braços, mandando os veículos seguir ou parar. Há luvas curtinhas, luvas compridas que vão até ao cotovelo, luvas cortadas, sem dedos, que os franceses chamam "mitaines" (miténes) e, a não ser nos lugares onde faz frio intenso, pouca gente usa luvas no diário. Levam-nas as senhoras, muitas vevezes, na bolsa, aparecendo as pontas, mas não as enfiam nas mãos. Só nas festas de gala, nas reuniões elegantes é vista a luva. Quem dirige automóvel, calça sua luva de couro, para não sujar a mão.

De qualquer modo, o invento do friorento Abdul Azim continua a servir ao homem, e bem pouca gente se lembra do nome do inventor...

# Você é esperto?

TODA a gente se julga esperta. Você também pensa que é. Sim, nós sabemos... Você se julga um tipo dos mais vivos, capaz de descobrir coisas de solucionar os mais complicados problemas, de "ver" coisas que a maioria não viu ainda, de "bispar" detalhes que os outros não percebem.

Isso é defeito de tôda a gente.

Mas, olhe lá que às vezes... a pessoa pensa uma coisa e é outra muito diferente...

Vamos fazer uma pequena experiência.

Aqui lhe daremos algumas oportunidades de você verificar seu grau de "esperteza".,

Leia o que vai abaixo e pense um pouco, antes de dizer "já sei", ou "não sei".

São cousas fáceis, aparentemente difíceis, mas que atrapalham as pessoas... que pensam que são espertas e não o são muito...

Só depois de verificar que já tem uma opinião formada, procure ver as soluções, neste mesmo Almanaque, à página 140.

## I

Qual é a primeira coisa que um nenê faz, quando é posto na banheira, à hora do banho?

## II

O diretor da penitenciária castigou os dois prisioneiros que se revoltaram, ordenando que fossem metidos juntos na cela e submetidos a "detenção solitária" por 15 dias. Andou direito? Errou? Podia fazer isso?

## III

Dizem que dá azar uma noiva beijar o esposo antes da cerimonia do casamento. Será verdade? Será mentira?

## IV

Sêo João, barbeiro da povoação de Aroeira, único barbeiro do lugar, faz a barba a todos os homens que lá residem e que não se barbeiam a si mesmos. Está direito, isso?

## V

O Dr. Marcondes é casado com a professora Julieta. Têm sete filhas e cada filha tem um irmãozinho. De quantas pessoas se compõe essa familia? Você sabe?

## VI

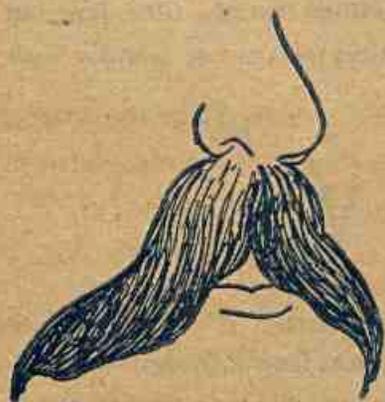
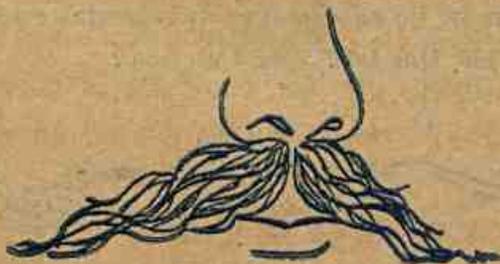
Divida 45 em quatro partes, de modo que se juntar 2 à primeira, tirar 2 à segunda, multiplicar a terceira por 2 e dividir a quarta por 2, o resultado seja sempre o mesmo.

Lembre-se. Se não acertar, as respostas estão à página 140. Que tal? Você é esperto?

# O bigode através dos tempos

O bigode tem variado de cotação desde remotas eras. No Oriente médio, esse apanágio da virilidade, geralmente foi usado em conjunto com toda a barba, execeto entre os turcos, que o usavam sem a barba, como também gregos, romanos e cartagineses. Mais tarde, os íberos e gauleses passaram a trazê-lo sempre bem cuidado.

No fim da Idade Média e na Renascença, o bigode passou a ser usado simultâneamente com a pêra ou cavanhaque, como se vê nas célebres gravuras de Doré, notadamente em "Os três mosqueteiros" de Alexandre Dumas.

Modernamente, o bigode esteve muito em uso no século XIX e até ao início deste século. Na França, porém, na segunda metade do século XIX, houve forte reação contra o bigode, não obstante ser Napoleão III portador de um bigode de guias aceradas, em uso naquele tempo entre os militares, e acompanhado do cavanhaque dos mosqueteiros de Luis XIII. A tal ponto foi a guerra ao bigode, na França, que o próprio Governo baixou decreto no qual proibia aos advogados que comparecessem com esse ornamento nos tribunais: achava-se que "tal aspecto não era dignificante, pois provocava o riso". A Itália imitou a França nesse particular, a ponto de ser o grande Carrara obrigado a rapar os seus lindos e louros bigodes, para poder penetrar no tribunal.

Neste século, o bigode foi pouco a pouco suprimido, principalmente depois da queda de Guilherme II, e em seguida, por influência americana.

# A ESMOLA

CERTO dia em que brincava na porta de casa, Marilena viu um pobre velhinho aproximar-se, com o chapéu na mão, numa atitude de quem ia pedir esmola.

Imediatamente ela se preparou para negar, quando reparou que Izabel, uma menina que morava na casa do lado, também estava na porta.

Então, para se exibir, pois era muito rica, e vaidosa, Marilena deu ao pobre várias moedas, fazendo questão de que o seu gesto fosse visto pela visinha.

O velhinho agradeceu a esmola e em seguida foi repetir o pedido à Izabel. Marilena sorriu de satisfação, pois sabia que a outra era pobre e não poderia dar coisa alguma. Qual não foi o seu espanto, porém, ao ver que o mendigo, com uma expressão de felicidade no olhar, agradecia bastante a Isabel, apesar de esta não lhe ter dado nada

Indignada, Marilena perguntou ao pobre homem o que agradecia com tanto empenho, e êle então lhe respondeu:

— Menina, quando eu vim pedir esmola, além de precisar de dinheiro estava desesperado da vida, cansado de tanto sofrer...

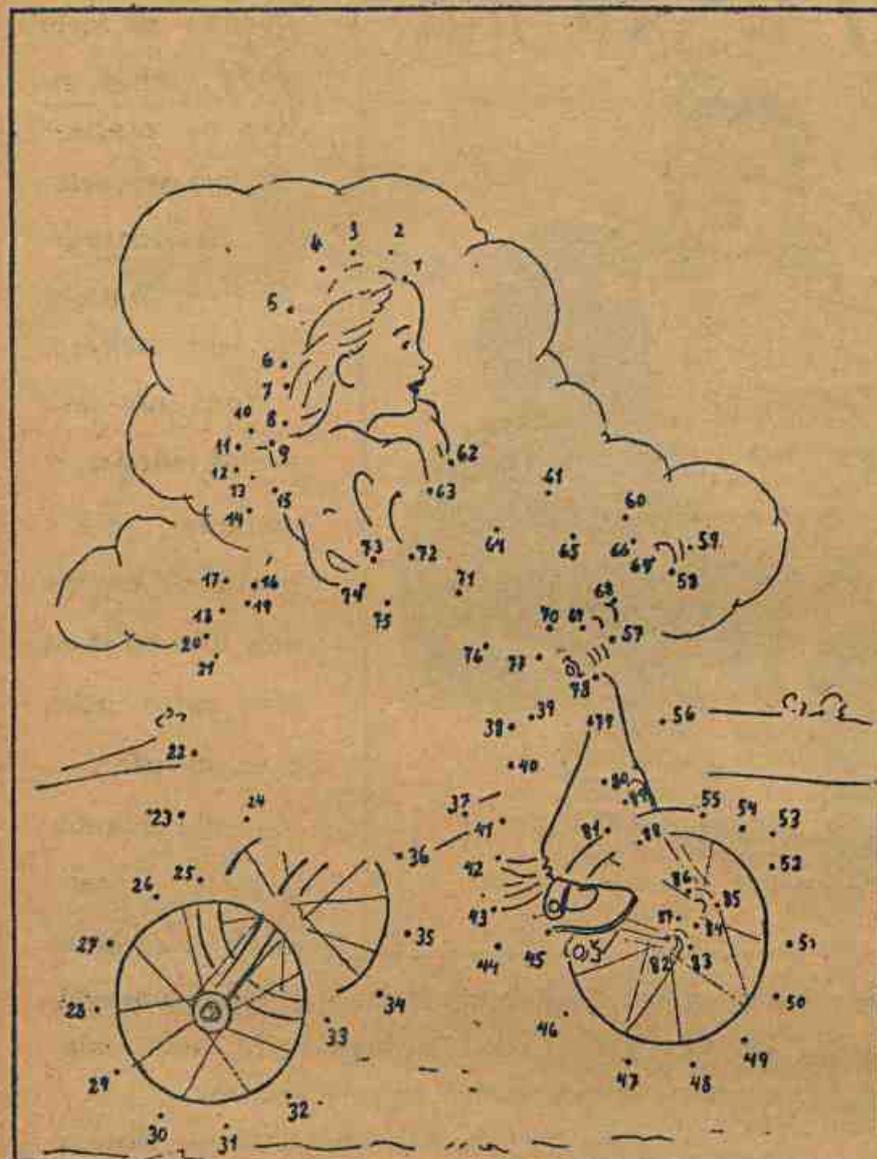
Você me deu muitas moedas, é verdade, mas dentro de um ou dois dias eu já as terei gasto todas E no entanto . . .

— No entanto, o que? — perguntou Marilena. E apontando para Isabel quís saber o que ela lhe havia dado, tão importante assim, que merecesse tantos agradecimentos.

— Ela me deu conselhos — disse o velho.

— Ela me falou com boas palavras, dessas que penetram no coração da gente e nos enchem de coragem e esperanças. Ela me disse que eu devo ter paciência e resignação, pois aqui na terra os sofrimentos um dia têm fim, mas no Ceu, depois, a recompensa é eterna. E aí está — êle terminou — porque eu agradeci mais a ela do que a você. Marilena compreendeu então o pouco valor que tivera a sua esmola, e aprendeu a lição. Deixou de ser orgulhosa a partir daquele dia, tornando-se uma grande amiga de Izabel.

**Conto de MARIA AUGUSTA**

# PARA COMPLETAR

Partindo do número 1, vá traçando um fio ligando os números pela ordem, até ao mais alto. Verá como completará um lindo quadro.

# HISTÓRIA DO LENÇO

Numerosas pesquisas têm sido feitas no sentido de se conhecer com exatidão a origem do lenço. O Dr. Frank H. Vizetely, de Londres, que durante longo tempo se interessou vivamente pelo assunto, chegou à conclusão de que o lenço surgiu entre os amigos chineses.

Certos eruditos chineses, aliás, se referem a documentos pelos quais se pode afirmar que há 3.000 anos, durante o periodo do imperador Hwang, já o lenço era usado. Nessa epoca faziam-no de seda. Mais tarde, porém, quando se inventou o papel, passou a ser feito tambem dêsse material. Sabe-se igualmente que o lenço não era desconhecido no antigo Egito, onde o usavam como uma especie de talismã.

Entre os anglo-saxões o lenço não surgiu tal como hoje é. Primitivamente foi ele nada mais do que o "pano de suor", que se usava no cinto. Nessa antiga fórma era verdadeira toalha, que servia para enxugar o rosto e as mãos.

E' curioso assinalar que, na história da Inglaterra, uma das primeiras referencias ao lenço própriamente dito dizem respeito ao guarda roupa de Eduardo IV (1480) no qual figuravam "cinco duzias de lenços".

Houve epoca em que somente os padres tinham permissão para trazer lenço consigo. No tempo da cavalaria, era usado pelos cavalheiros como uma dádiva de suas damas.

Até cerca de 1700, em certas partes da Europa, as pessoas de condição plebeia não tinham o direito de assoar o nariz em lenços. E na França considerava-se o cúmulo da vulgaridade a simples menção da palavra "lenço". A coisa ia a tal ponto que ficava, por assim dizer, condenada ao ostracismo social a pessoa que se utilizava de lenço em público. Isto, com o decorrer do tempo, se foi gradativamente atenuando, até que a imperatriz Josefina resolveu acabar de vez com o estulto preconceito. E' que ela usava lenços bordados para encobrir as imperfeições dos seus dentes quando se ria, o que foi logo imitado pelos subditos.

Hoje os lenços não têm mais prestigio romantico ou qualidades de talismã; tornaram-se porém, imprescindiveis, e o seu uso se universalisou.

Quando surgiu, há milenios, o lenço era de seda, depois passou a ser feito de papel e outros materiais de hoje, principalmente de linho irlandês, de cambraia ou de outro tecido de linho mais encorpado.

Os lenços passaram a ser tão indispensáveis em todo o mundo que deles se fabricam anualmente centenas de milhões.

*— Quando mamãe fizer anos eu vou lhe dar um vidro de pôr pó de arroz...*
*— Filhinho, eu já tenho um de cristal, muito bonito.*
*— Eu sei, mas eu quebrei êle agorinha mesmo.*

# Dorinha e o Sacristão

DESENHO DE

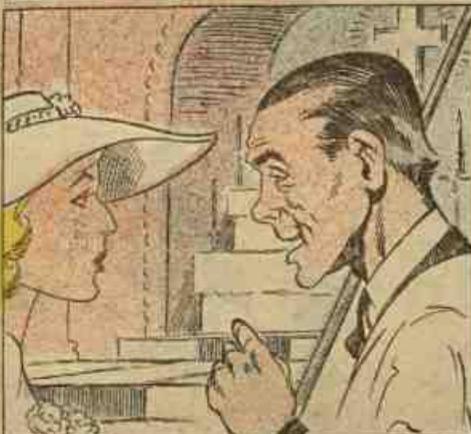
Dorinha era a mais velha das três filhas do velho comerciante João Dias, dono da mais antiga loja de fazendas da cidade. As irmãs mais moças, Rita e Mariana, estavam noivas. Ela, entretanto, nunca havia...

...encontrado um rapaz que sequer a olhasse, porque tinha uma pele horrivelmente manchada, com espinhas, coisa que constituía, aliás, o seu maior desgosto. Os casamentos de Rita e Mariana estavam marcados.

Deveriam realizar-se ambos no mesmo dia. casa estava em rebolîço. Faziam-se vestidos novos, pensava-se nos bolos, nos doces, na lista dos convidados. A alegria e a animação eram gerais. Só Dorinha,...

...como era natural, andava triste, embora disfarçasse muito bem o que sentia. Ela pensava que aquele dia, de tanta felicidade para as irmãs, bem podia ser o seu grande dia feliz. E tinha toda a razão.

Afinal, chegou a hora da cerimônia, a que compareceram muitos convidados. As duas irmãs, — como é de praxe — atiraram os "bouquets" para ver quem aparava e ambos caíram nas mãos de Dorinha... Esta, porém,

...em vez de ficar contente se pôs a chorar. Vendo o que acontecia, e adivinhando tudo, o sacristão, um velho que na mocidade fôra farmacêutico, chamou Dorinha e lhe deu uma série de conselhos em segrêdo.

Dorinha seguiu os conselhos do bom velhinho, e poucos meses depois já havia mais de um pretendente à sua mão. Graças ao uso do maravilhoso "Leite de Colônia", sua pele estava linda, acetinada, adoravel!

Sim: fôra êste o conselho que recebera! Para aformosear a cutis, removendo manchas, sardas, espinhas, cravos, o remédio eficaz é sempre o "Leite de Colônia", usado há muitos anos e sempre capaz de fazer milagres

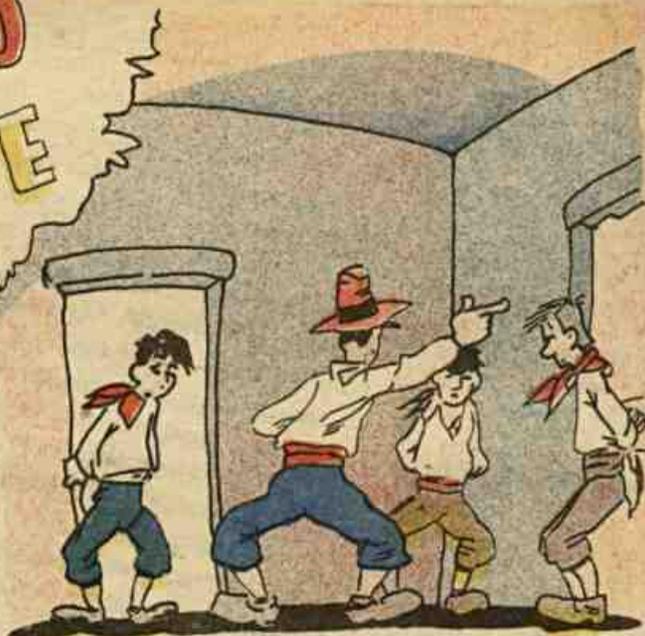
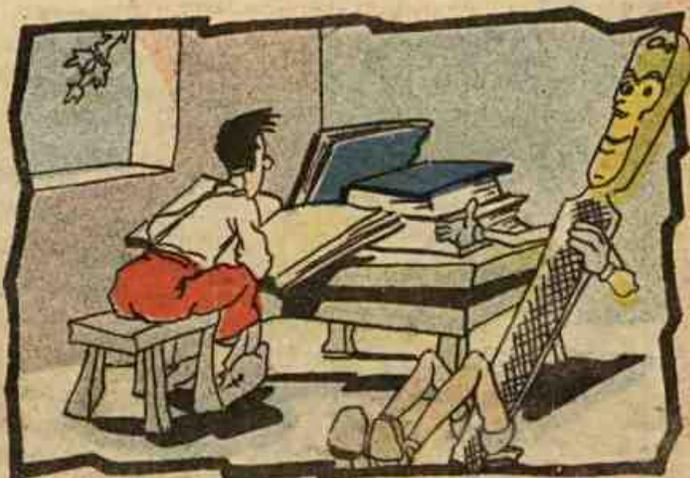
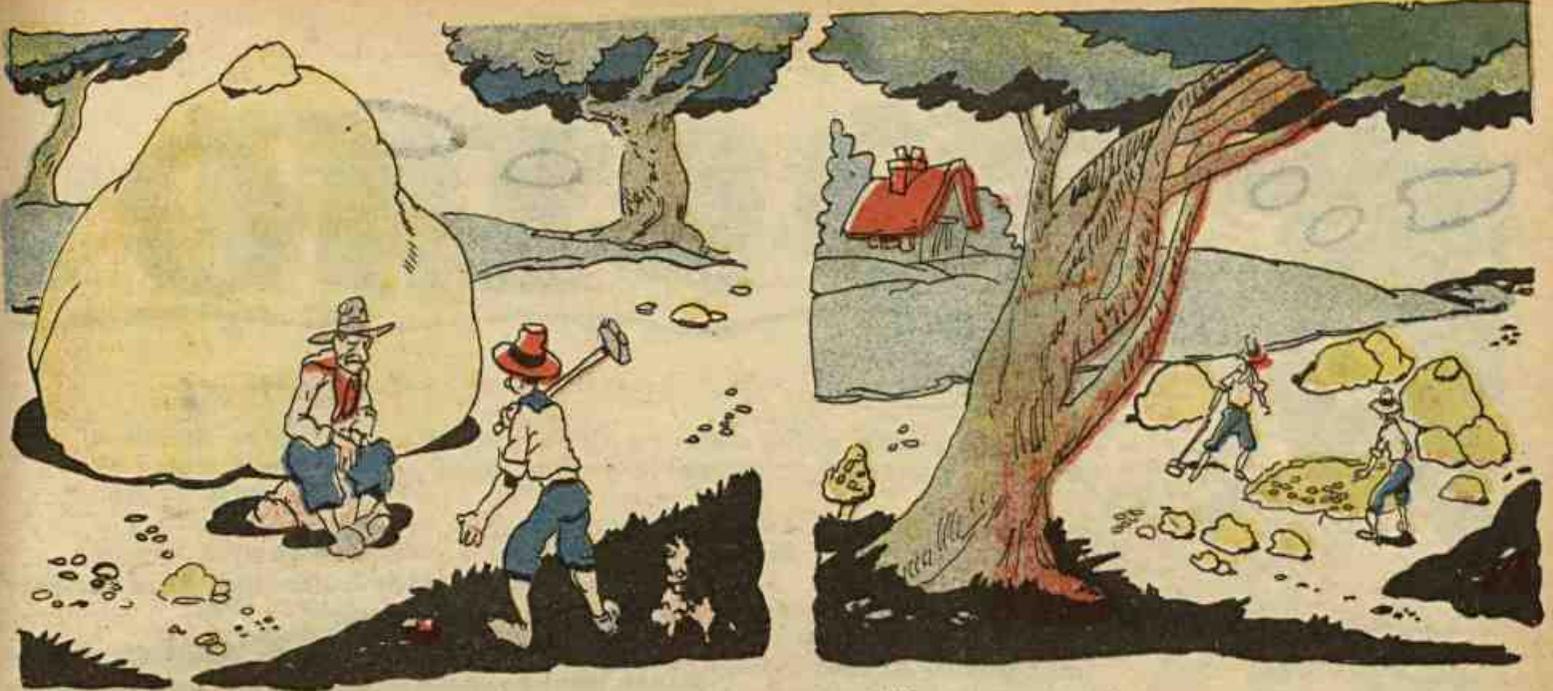
# A BONECA

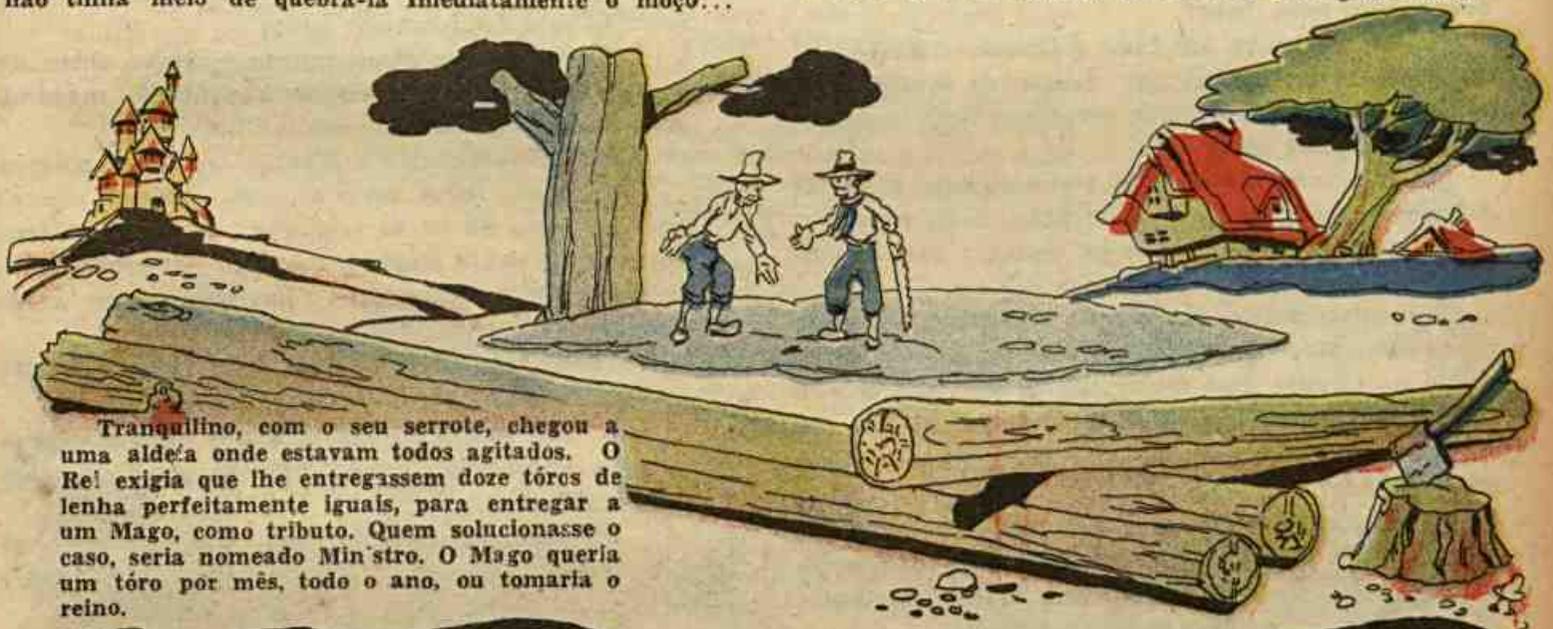
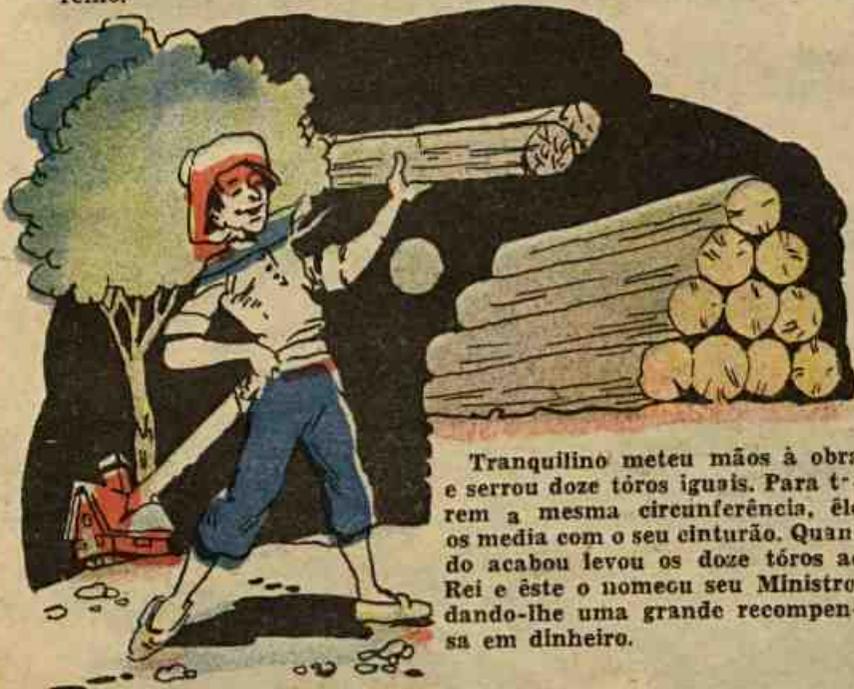
Leonor POSADA

ilustrações de Luiz Sá

A boneca, êsse brinquedo predileto das meninas, não foi, como muitos pensam, nos seus primeiros tempos, usada para divertir as crianças: servia de chamada à divindade e era empregada em cerimônias religiosas para acalmar os deuses. Também servia a boneca para uso mágico. Os orientais, em épocas primitivas, usavam a boneca, feita de trapos ou ramos de árvore, grosseiramente, para fins maléficos. Assim, pronta a boneca, que diziam ser determinada pessoa, atravessavam-lhe o coração com uma flecha, para que a pessoa, a quem odiavam, morresse pouco tempo depois. No Japão, faziam uma boneca com artemisia ou outras plantas, que reputavam mágicas, e, dando-lhe o nome da criatura que desejavam eliminar, enterravam-na no bosque, pedindo aos máus espíritos que, quando a árvore fosse arrancada, o mesmo acontecesse com a vida da criatura marcada. Os egípcios praticavam magia com a boneca. O feiticeiro, que já tinha qualquer objeto de uso da vítima, misturava-o com cêra e moldava uma boneca. Com essa boneca, que representava a pessoa visada, faziam tôda a sorte de malefícios, na intenção de que o mesmo acontecesse à pessoa em questão. Na antiga Babilônia era comum fazerem-se bonecas com cêra, mel, betume e graxa. Sôbre elas, pronunciavam fórmulas mágicas que iam atingir determinadas pessoas. Os negros de Java serviam-se de bonecas para pedir chuva. Os negros das ilhas Celebes, Madagáscar, Melanésia e várias tribus de indios americanos usavam bonecas para recobrar as almas que, segundo acreditavam, estavam perdidas por ação dos espíritos dos antepassados, ou por artes de bruxaria. Em Hawai, essas bonecas são atiradas aos vulcões. Mais delicados, certos grupos eslavos da Rumânia e da Transilvânia, simbolizam a boneca como espírito das árvores. Fazem com elas solenes procissões durante a primavera, festejando, assim, o renovamento da vida vegetal. Não se pode precisar bem quando apareceu a primeira boneca, em cópia de corpo humano. Foram conhecidas, ao mesmo tempo, no Egito, na época da 18.ª dinastia, na Ásia Menor, em Roma e na Grécia. Depois do uso místico, a boneca passou a ser o símbolo da maternidade. Pérsio, poeta latino do 1.º século da éra cristã, informa que as donzelas, ao casarem, ofereciam suas bonecas à deusa Venus. O Vaticano e o Museu de Roma conservam exemplares de bonecas encontradas nas catacumbas de Roma. A maioria dos Peles Vermelhas conhecem a boneca e entre algumas tribus há o costume de que, tôda a mãe que perde uma filha, deve levar, às costas, alguma boneca da criança. No tempo da con-

quista da América pelos espanhóis, êstes encontraram, principalmente no México e no Perú, bonecas muitos aperfeiçoadas. No Grande-Chaco, os ossos metacarpianos do avestruz, quando envoltos em cobertor felpudo, valem como bonecos; se vestidos de saiotes de lã, são bonecas. As crianças esquimós brincam também com bonecas, da mesma forma que a mussulmana, embora o Alcorão proiba figuras com a forma humana. Na Sibéria, os ostíacos formam a cabeça das bonecas com o bico dos patos, acreditando, assim, livrar as crianças da influência dos demônios. As primeiras bonecas dos nossos selvagens foram feitas de barro não cozido. Em algumas tribus, as mães faziam os brinquedos para os filhos. Êsses brinquedos, feitos de barro amasado, representavam, grosseiramente figuras de gente e de animais. As bonecas não tinham extremidades, e só se distinguia a cabeça pelas tatuagens que lhes marcavam os olhos, o nariz e a bôca. Cópia exata da figura humana, foi a boneca empregada, no século XVI, como propagadora da moda e da elegância. Paris mandava para todo o mundo civilizado, bonecas, que se chamavam Pandoras. Iam, para cada lugar, duas pandoras: uma, em traje de baile, outra, em roupas caseiras. Uma grande, outra, pequena. Essas bonecas eram verdadeiras obras-primas. Não lhes faltava nenhuma minúcia da moda, em vigor. Não reproduziam sòmente o vestuário: o penteado, com tôdas as suas complicações, calçados, luvas e até mesmo perfumes, elas levavam. As primitivas bonecas eram de madeira; depois foram feitas com corpo de pano e cabeça de cartão e porcelana. As bonecas, com braços e pernas articulados, de madeira, fizeram-se, durante muito tempo na França. A Alemanha, depois, passou a fazê-las com cabeça de biscuit. As bonecas articuladas são muito antigas. Já as havia na velha Ática (Grécia antiga). Na Idade Média já se fabricavam bonecas articuladas, em Nuremberg. Nos séculos XVI e XVII, houve tal aperfeiçoamento nessa indústria que as bonecas passaram a tomar aspecto da vida real. Um artista modelou um boneco perfeitamente idêntico ao imperador Fernando III, causando profunda admiração. Outros bonecos articulados se tornaram também célebres. A fabricação das bonecas foi sempre indústria própria dos distritos rurais da Europa. Eram os campônios que se ocupavam dêsse mistér. Hoje, as bonecas feitas em fábrica, são de cartão-pedra, goma, pasta de madeira e celulóide. Houve também bonecas feitas de cêra. Vestiam-nas primeiramente com trajes de adultos. A primeira boneca com vestes infantis surgiu nos meiados do século XVIII. Na primeira metade do século XIX, com a reforma das roupas das crianças, surgiram as bonecas nuas ou com uma só camisa. De eperfeiçoamento em aperfeiçoamento, chegaram as bonecas aos bebês de hoje, verdadeiras criancinhas, que as futuras mamães adoram. No norte do Brasil, há uma indústria caseira muito interessante: o fabrico de bonecas de pano. São tão perfeitas que desafiam a crítica do observador mais exigente. Na Bahia, as mulheres fazem as suas baianas, cheias de colares e balangands. Mas, infelizmente, nem tôdas essas bonecas servem para distrair as meninas. Muita gente, ignorante ainda, compra-as para sortilégios e bruxarias.

A LIMA O MARTELO E O SERROTE
Era uma vez um camponês que tinha três filhos: Firmino, Quintino e Tranquilino. Todos três já tinham completado vinte anos, e apesar dos esforços e conselhos paternos, eram uns grandes preguiçosos.
Um dia o pai chamou os três vadios e lhes disse: — Até hoje aturei a malandragem de vocês, dando-lhes de comer e vestir. Hoje, acabou essa boa vida. Vão correr mundo e procurar trabalho e que Deus os ajude.
Assim dizendo, deu a cada um uma ferramenta. A Firmino, uma lima. A Quintino um martelo. A Tranquilino um serrote. Os rapazes partiram e cada um seguiu para seu lado.
Firmino, depois de muito andar, chegou a uma cidade a cuja entrada havia uma gaiola com uma criança presa, chorando muito. Indagou o que ocorria e o menino disse: "Sou o filho do Rei e fui aprisionado aqui". — Num instante eu o libertarei — disse Firmino. E meteu a linha nos barrotes e libertou o filho do rei.
Quando êste viu chegar o filho, com o rapaz, ficou contentíssimo e, como prova de agradecimento, cobriu Firmino de honrarias, dando-lhe até em casamento uma de suas filhas. A lima, instrumento de trabalho, tinha feito a fortuna de Firmino, que resolveu aprender e ser digno de sua posição.

O segundo filho, Quintino, encontrou um homem muito aflito junto a enorme pedra. E' que uma feiticeira lhe dissera que dentro daquela pedra havia uma fortuna e êle não tinha meio de quebrá-la Imediatamente o moço...

...utilizou o seu martelo e a pedra foi partida e o tesouro foi encontrado. O homem, concienсioso, dividiu a fortuna entre ambos, e Quintino ficou, graças ao martelo, instrumento de trabalho, rico de um momento para outro.

Tranquilino, com o seu serrote, chegou a uma aldeia onde estavam todos agitados. O Rei exigia que lhe entregassem doze tóros de lenha perfeitamente iguais, para entregar a um Mago, como tributo. Quem solucionasse o caso, seria nomeado Ministro. O Mago queria um tóro por mês, todo o ano, ou tomaria o reino.

Tranquilino meteu mãos à obra e serrou doze tóros iguais. Para terem a mesma circunferência, êle os media com o seu cinturão. Quando acabou levou os doze tóros ao Rei e êste o nomeou seu Ministro, dando-lhe uma grande recompensa em dinheiro.

O serrote, ferramenta de trabalho, também fizera a fortuna do terceiro filho do camponês. Os rapazes voltaram para a companhia do pai e todos foram muito felizes, porque êles decidiram trabalhar. As ferramentas de trabalho são o melhor elemento para quem quer fazer fortuna.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

# O LEÃO e a RAPOSA

Era no verão e o sol, muito quente, havia secado os rios; os animais não tinham sequer uma gôta dágua para beber.

A sêde reinava em tôda a imensa floresta.

Aconteceu, porém, que depois de muito cavar buracos aqui e alí, o Tatú encontrou uma fonte que quase não dava água.

Muito contente lá se foi êle comunicar o grande achado a sua majestade, o rei Leão; êste, após ouví-lo, mandou reunir todos os animais comunicando-lhes por sua vez a auspiciosa notícia.

Imediatamente, em grande algazarra, cheios de contentamento, partiram todos rumo á fonte tendo na frente sua majestade, o rei das selvas.

Lá chegados viram que dela corria apenas um fiosinho de água e que difícil se tornava beber o precioso líquido.

Foi quando o Macaco, que era tido e havido como o animal mais inteligente da bicholândia, dando um peteleco na testa falou:

— Tenho uma idéia, amigos; cavemos um grande pôço, e assim, depois de enchê-lo, teremos água bastante pára matarmos nossa sêde.

A bicharada soltou vivas de satisfação com a grande idéia do Macaco, e, sem mais esperar, botou mãos à obra.

Um dêles, porém, por ser muito preguiçoso, não tomou parte no trabalho; foi a Raposa, que ficou de longe apreciando tudo.

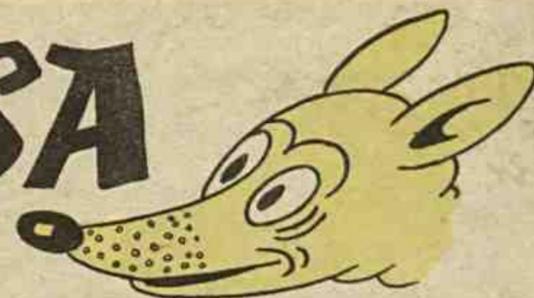
Quando o pôço ficou pronto e estava cheio dágua, tôda a bicharada bebeu à vontade, matando assim a sêde que era de muitos dias.

Então, novamente o Macaco tomou da palavra:

— Agora, meus caros amigos, devémos vigiar o pôço, produto do nosso trabalho, do nosso esfôrço, para que a vadia Raposa, que não nos ajudou, não possa beber a água que juntamos com tanto sacrifício...

Todos aplaudiram com justa razão as palávras do símio, e sua majestade e Leão rugiu:

— "Eu me encarregarei disso, e se essa preguiçosa ousar beber uma gôta dágua que seja, darei cabo dela.

A Raposa ouviu tudo, mas, fiada na sua astucia, não se intimidou. Afastou-se dali, e quando voltou, trazia uma grande cabaça cheia de mel. Todos os bichos haviam se retirado e perto do pôço só estava o rei Leão.

Ela então sentou-se, colocou a cabaça na boca e sorveu alguns goles de mel, dando estalos com a língua. Curioso o Leão perguntou:

— Que é isso que bebes com tanto prazer?

— Mel, majestade, excelente mel. Se quiser provar um pouquinho..

O Leão, que também gostava de mel, aceitou o oferecimento, e a Raposa encostou-lhe a cabaça na boca, porém, dentro dela só coube a pontinha da sua lingua, pois a abertura da cuia era muito pequena.

—Delicioso, exclamou êle lambendo os beiços; pena que seja tão pouco.

Astuciosa, a Raposa aproveitou-se da gulodice do Leão para dizer:

Deite-se de costas, majestade, que eu lhe despejarei o resto na boca.

Assim fez o Leão, e a Raposa deitou-lhe pela guéla a dentro todo o mel que havia na cabaça: enquanto êle se regalava. Disse então a Raposa:

— Espere um pouco, majestade que irei buscar mais...

E saiu correndo. Quando voltou, encontrou o Leão ferrado no sôno. Aquilo mesmo é que ela queria. Apanhando grossos cipós, com tôda a cautela amarrou-lhe bem amarradas as patas. E correu para o poço onde se pôs a beber água sorvendo os goles com tanta sofreguidão, fazendo tanto barulho que despertou o rei dos animais.

Quando o Leão quis levantar-se e viu-se amarrado, soltou um rugido tremendo que espantou

(Continúa em outro local)

# Os Pombos "Correio"

UM dos mistérios da Natureza, que os sábios não conseguem decifrar, é a maneira pela qual os pombos chamados "correio" se orientam e podem voltar para os seus pombais, às vezes de distâncias enormes.

Muita gente pensa que qualquer pombo póde ser treinado e transformado em pombo-correio". Mas é um êrro. Apenas uma qualidade, ou "raça" especial dessas aves é dotada da faculdade misteriosa a que nos referimos.

O pombo-correio, tendo sido transportado para um ponto qualquer, afastado do lugar onde está situado o seu pombal, consegue sempre orientar-se, e acaba voltando para a "sua casa".

E' outro êrro pensar que os pombos-correio podem levar mensagens para qualquer lugar, indiferentemente. Não: êles têm que ser soltos longe do pombal, longe do lugar onde moram, para que, obedecendo ao instinto que Deus lhe deu, regressem o mais depressa possivel.

Aquela pombinha de que nos fala a História Sagrada, que, tendo sido solta por Noé, depois do dilúvio, andou voando por sôbre a Terra ainda molhada, e acabou voltando para a Arca, foi o primeiro " correio" da sua raça.

Vocês se lembram de que Noé soltou duas pombas e que a primeira não voltou. Naturalmente porque não era da "raça" dos "correios". Aí está a diferença.

O emprêgo dos pombos "correio" se faz assim: criam-se muitos pombos, dessa raça em grandes pombais, soltando-os sempre, para treinamento, cada vez mais longe. Eles, assim, vão desenvolvendo cada vez mais a qualidade que os torna tão preciosos, isto é, aquele dom especial de se poderem orientar no espaço, para o retorno ao pombal.

Se há uma guerra, por exemplo, e há necessidade de se mandarem mensagens rápidas, as tropas que partem levam consigo alguns desses pombos.

Na hora "h", atam-se uns canudinhos de alumínio à pata do pombo, com um papelucho com a mensagem, aviso, pedido de reforço, ou o que seja, e solta-se a ave, que regressa ao seu pombal, onde há sempre pessoas à espera da chegada de algum.

Mensagens pelo rádio podem ser interceptadas pelo inimigo, isto é, ouvidas e compreendidas por êle. Mensageiros humanos podem ser apanhados ou mortos. Ao passo que um pombo, voando a grande altura, dificilmente poderá ser pressentido pelo inimigo, ou apanhado — a não ser por uma grande infelicidade, um enorme azar, mesmo.

Na Grande Guerra, que durou de 1914 a 1918, os pombos-correio foram usados em quantidade. Muitas vidas foram salvas graças a êsses heróicos mensageiros, e a gratidão dos franceses se traduziu em um monumento belissimo que existe na cidade de Verdun, dedicado ao pómbo-correio-militar.

Esse monumento mostra, no seu topo, um pombo caido, agonizante, e é um dos monumentos mais bonitos e mais significativos que já se construiram.

O emprêgo dos pombos-correio é antiquissimo. Eram êles usados no transporte usual de noticias entre as autoridades do Egito, e também entre os da Grecia, no tempo de Anacreonte. Na Pérsia e na Síria também eram assim usados.

Os atletas gregos costumavam levá-los consigo, quando tomavam parte nos Jogos Olímpicos, soltando-os após a vitória, como portadores da boa notícia, que êles levavam às mais longiquas paragens do Império.

Atualmente os pombos-correio prestam também serviço inestimável à navegação aérea.

Em todos os campos de aviação existem pombais, de onde são tiradas várias aves que, embarcadas, seguem nos aparelhos.

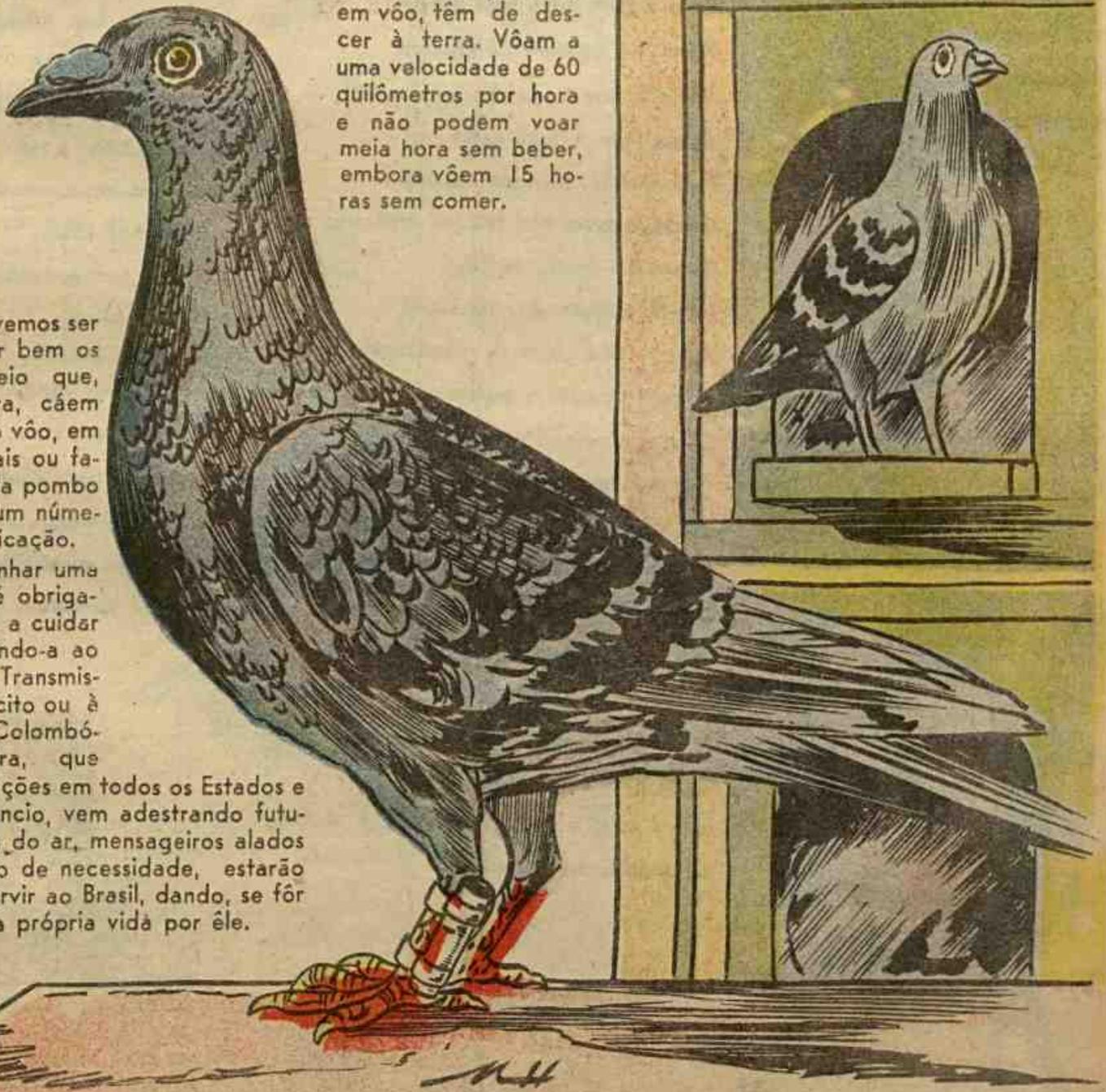
No caso de um desastre, de queda do avião, em local desprovido de recursos, os pombinhos serão libertados, levando pedido de socôrro.

Como ficou dito, não se chegou ainda, nos meios científicos, a conhecer o que é que permite aos pombos orientar-se no espaço, indo de um país ao outro, em busca do seu pombal.

Atribui-se à sua vista, muito poderosa, à memória, mas principalmente a um "fator desconhecido", que um dia talvez seja descoberto.

De 100 em 100 quilômetros os pombos, em vôo, têm de descer à terra. Vôam a uma velocidade de 60 quilômetros por hora e não podem voar meia hora sem beber, embora vôem 15 horas sem comer.

Todos devemos ser bons e tratar bem os pombos-correio que, vez por outra, cáem em meio do vôo, em nossos quintais ou fazendas. Cada pombo dêsses tem um número de identificação.

Quem apanhar uma ave dessas é obrigado, por Lei, a cuidar dela, restituindo-a ao Serviço de Transmissões do Exército ou à Associação Colombófila Brasileira, que tem ramificações em todos os Estados e que, em silêncio, vem adestrando futuros soldados do ar, mensageiros alados que, no caso de necessidade, estarão prontos a servir ao Brasil, dando, se fôr necessário, a própria vida por êle.

# A GULA

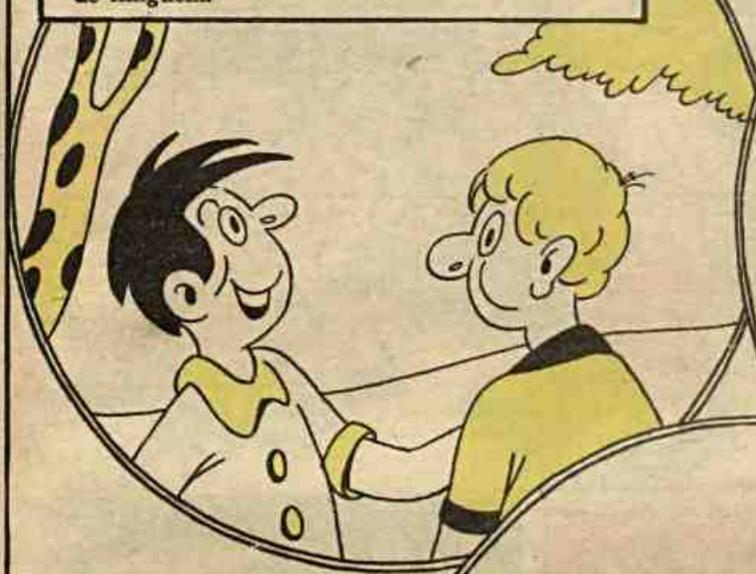
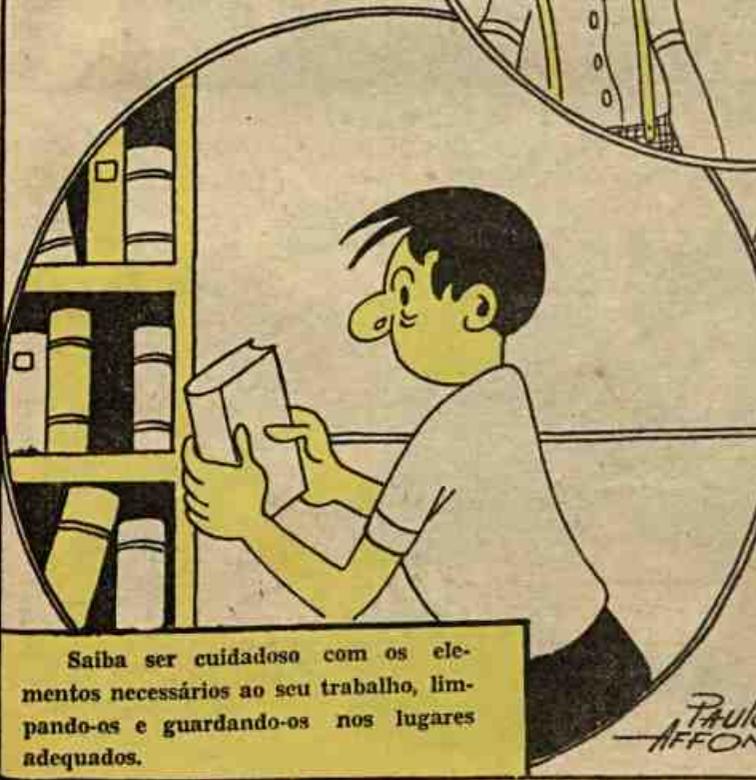
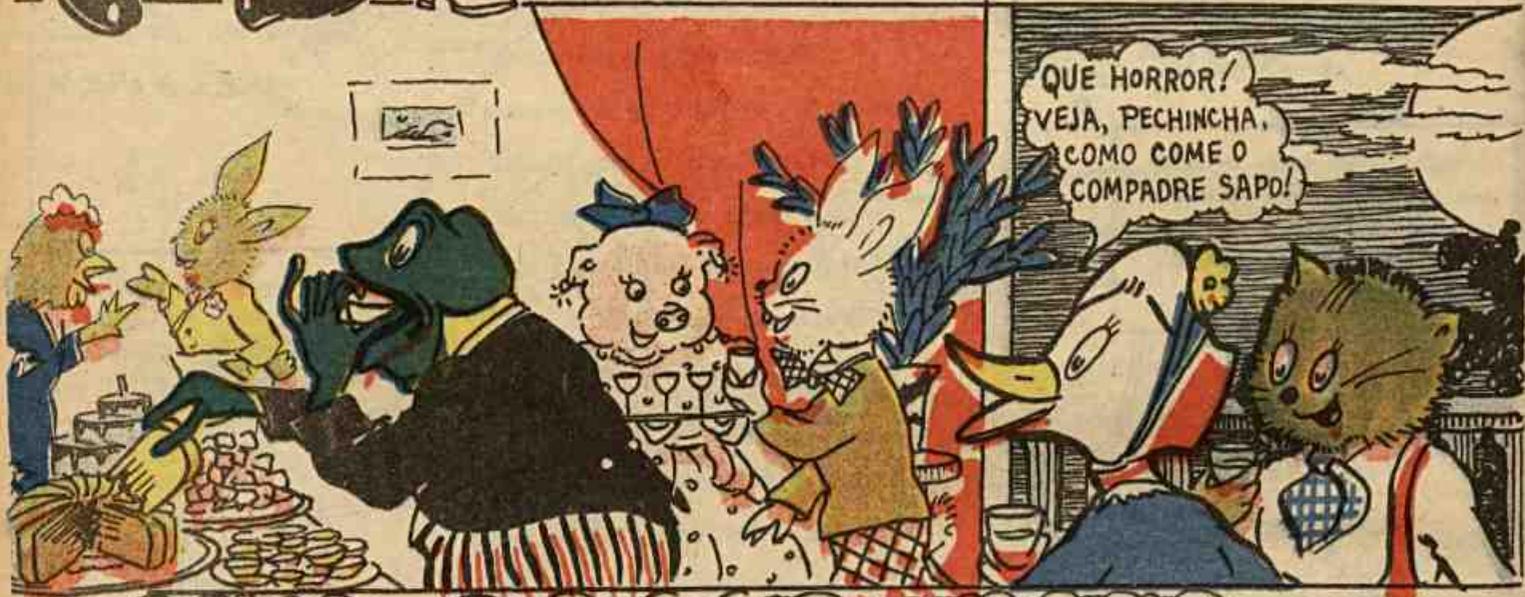
CARLINHOS era guloso,
E há muito estava a espreitar
Um pudim apetitoso
Que a mamãe pusera a assar.

●

Pronto o pudim, à cozinha
Ela o chamou e à maninha,
E a cada um deu um pedaço
P'ra comerem no terraço.
Enquanto brincam lá fora,
A irmã prova, êle devora,
E, finda a sua fatia,

De novo à cozinha espia:
Mamãe já saiu de lá.
— "Êsse doce onde estará?
Ah! lá está, na prateleira!"
E subindo a uma cadeira
Carlinhos já quasi o corta
Com a faca, mas pela porta
Percebe a sombra de alguém.
—"Será que é mamãe que vem?"
Pensa logo, e logo salta
Para o chão, pilhado em falta.
Quem chegou não foi, no entanto
Quem êle temia tanto;
Não é o olhar da mãezinha
Que o fita, mas da irmãzinha,
A qual murmura assustada,
Sisuda e compenetrada:
—"Psiu! que está você fazendo?
Em que é que estava mexendo?
No pudim? Se mamãe visse,
Carlinhos! Por que não disse
Que queria mais? Por que?
Tome o meu para você..:
Tenho inda mais de metade
E já não sinto vontade...
Estou com o estômago cheio...
E, depois, furtar é feio
A mamãe nos ensinou..."
Carlinhos, mudo, corou.
—Como? Então essa menina
Tão mimosa e pequenina
Se privava de seu doce
P'ra que êle, rapaz, não fôsse
Tentado a uma má ação?—
Foi trêmulo de emoção
Que, com os olhos rasos d'água,
Êle a viu, com sua mágua,
E recusou meigamente
O que ela tão nobremente
Lhe oferecia. Com pejo,
Dando-lhe um abraço e um beijo,
Afinal Carlinhos disse:
—"Maninha, por gulodice,
Por êsse feio defeito,
Agora eu teria feito
Um ato mais feio ainda.
Foi você, com sua vinda,
Que me impediu de roubar
E de a mamãe desgostar.
Nunca mais em minha vida
Serei guloso, querida!

MAURICIO B. GUIMARÃES

BONS CONSELHOS
Saiba ser delicado e atencioso para com seus colegas e para com todos e nunca fale mal de ninguém.
Saiba respeitar seus superiores e seus colegas e tôdas as demais pessoas, nunca as ridicularizando, despresando ou humilhando.
Saiba evitar todos os hábitos que possam ser nocivos e aprenda a fomentar os que lhe forem úteis. Os vicios degradam os homens.
Saiba ser, tanto nos esportes como no trabalho e na vida em geral, franco honesto e leal.
Saiba ser cuidadoso com os elementos necessários ao seu trabalho, limpando-os e guardando-os nos lugares adequados.
PAULO AFFONSO

Por Gisetta Melo
PECHINCHA
HUM! PELO JEITO PARECE QUE VAI HAVER COMIDA A´BESSA!
PARABENS, COMADRE!
MEUS CUMPRIMENTOS, DONA PORQUINHA, PELO SEU ANIVERSÁRIO!
OH! MUITO OBRIGADA, MEUS AMIGOS! ENTREM...
QUE HORROR! VEJA, PECHINCHA, COMO COME O COMPADRE SAPO!
POLÍCIA! CHAMEM A POLÍCIA! SUMIU MEU RELÓGIO!
CALMA, COMPADRE COELHO! ENCONTRAREMOS SEU RELÓGIO! NINGUEM PODERÁ SAIR DESTA SALA!...
ISSO É UM DESAFORO! ENTÃO VOCÊ TEM O TOPETE DE DESCONFIAR DE NÓS? SINTO-ME INSULTADO!
CHIiii!...

OH!
TRIM!
TRRRIM!
TRRIM!
TRRRIIIM!
SOCORRO! ACUDAM-ME!
TRIM!
TIC-TAC!
TRIM!
TIC!
TRIM!
TIC-TAC!
ORA VEJAM!
E ENTÃO? ESTÁ MELHOR AGORA, DEPOIS DESTAS SACUDIDELAS, COMPADRE?
AI! ESTOU!...
CREDO! ESTAVA NA BARRIGA DELE!
TIC TAC
TRIM!
TIC TAC
EU TINHA BOTADO O RELÓGIO EM CIMA DA MESA...
AQUI ESTÁ ÊLE DE VOLTA, COMPADRE COELHO!
E EU QUE ENGOLI O RELÓGIO, PENSANDO QUE ERA UMA EMPADA! CRUZES!
DE OUTRA VEZ NÃO SEJA TÃO GULOSO, SEU SAPO!

As 99 desgraças de PI-POCA
EM LUGAR DE FICAR VADIANDO TODO ESSE TEMPO EU PODERIA IR À ESCOLA PARA APRENDER A LER E ESCREVER

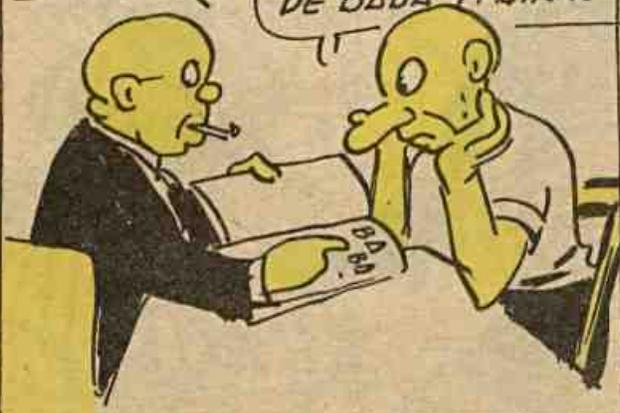
VOU PEDIR DINHEIRO AO PATRÃO PARA ME MATRICULAR NA ESCOLA DE TICO-TICO

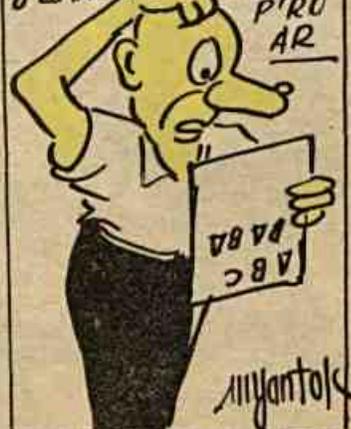
PATRÃO, EU QUERO IR A UMA ESCOLA PARA ANALFREDO ALBERTO ADULTO
DEIXE-SE DISSO, EU VOU ENSINAR.

OFERECI-ME PARA ENSINAR AO PIPOCA PARA POUPAR DINHEIRO, MAS NÃO TENHO LIVROS

ARRANJE-ME UM LIVRO DE A-B-C.
UÊ, O SNR E' ANALFABETO?

A VERDADE E' QUE EU TAMBEM PRECISO APRENDER

VAMOS. PIPOCA, MUITA ATENÇÃO! B A BA
NÃO PRECISO MAIS DE BABA', PATRÃO

COMO E', SEU PIPOCA, O SR. ESCREVE COM TODAS AS LETRAS DE CABEÇA P'RA BAIXO?!

AGORA COMPREENDO! O PATRÃO, QUANDO ME ENSINAVA MOSTRAVA O LIVRO DE PERNAS P'RO AR

Nossa terra batizada
Terra foi da Véra Cruz,
Sendo, assim, predestinada
Para o culto de Jesús.

Brasileiros bons e puros,
Para os céus erguei as mãos;
Mais e mais em Deus seguros,
Tende fé, sêde christãos,

No horizonte brasileiro
Quando reina a escuridão
Há de estrelas um cruzeiro
Celebrando a Redenção.

O Brasil, se às leis da Igreja,
Leis de amor, obedecer,
Vencerá qualquer peleja,
Gloria eterna há de colher.

Quem à luz do catecismo
Retempera a alma feliz,
Com virtude, com civismo,
Servir sabe ao seu país.

Deus de modo tão sublime
Pôs aqui os brilhos seus,
Que seria horrivel crime
Não se amar, aqui, a Deus.

AFONSO CELSO

# "CAA"

FOI no tempo da colonização. Homens audaciosos invadiam terras inhóspitas e desconhecidas, em busca de riquezas sonhadas com delírio e de aventuras que não sabiam quais poderiam ser... Uma tempestade desabára sôbre o grupo pertencente à "Bandeira" chefiada por D. Martim Calvedas, e dois moços, com graduação na tropa, perderam-se na mata. Eram D. Antonio da Silva e D. Fernando Monte. Um deles estava ferido e ambos famintos e cansados de procurar, na mata virgem, os rastros do grupo a que pertenciam.

Súbito, viram parar a poucos passos do local em que se achavam um jovem índio, vigoroso e belo na sua atitude de chefe acostumado a ser obedecido. Depois de os observar, o indígena fez um gesto e apareceram vários outros, que cercaram os dois homens brancos.

Os bandeirantes imaginaram que chegára o seu último instante de vida. Num gesto inspirado, porém, D. Antonio, para ver se impressionava o chefe-índio, tirou do cinto sua espada, fez o mesmo com a do amigo e, numa curvatura, entregou as duas armas ao selvícola.

Aquilo pareceu agradar ao indígena, pois deu ordem aos seus homens e eles carregaram o ferido, levando-o, e mais D. Antonio, para a aldeia onde estavam acampados. Lá chegando, deram-lhes de comer e de beber, trataram-lhes os ferimentos e deixaram-nos a sós.

Os dias se passaram. D. Fernando continuava muito fraco, e notando isso, uma indiazinha, que lhe servia de guardiã e enfermeira, um dia lhe trouxe uma infusão, muito cheirosa, feita com folhas, e aconselhou-o a beber, dizendo-lhe, por meio de gestos, que êle ficaria bom.

D. Fernando, que simpatizara com a moça desde o primeiro dia, não se fez de rogado. Passou a beber com regularidade o chá que a índia lhe trazia, e notou que ela chamava a saborosa bebida "caa", simplesmente "caa", bebendo também ela, com prazer, grandes porções. O mesmo...

...passou a fazer D. Antonio da Silva, a convite do amigo. E ambos verificaram que aquela bebida, além de ser saborosa, lhes renovava as forças, operando-se verdadeiro milagre.

O tempo passou. Os colonizadores conseguiram afinal retornar ao seio da Bandeira...

...e serviram de intermediários para as boas relações com a tribu que os salvara. E foi assim que aqueles bravos tiveram o primeiro encontro com a hoje festejada bebida que é o Mate, o "caa" dos selvícolas, desde aqueles tempos usado como revigorante...

...capaz de soerguer as forças das pessoas debilitadas. Depois, com o tempo, foram-se descobrindo novas qualidades e virtudes do Mate, que é hoje universalmente conhecido e gabado, como estimulante dos nervos, do cérebro, dos músculos, além de ser deliciosa bebida, quente ou gelada.

## UM PENSAMENTO DE D. SEBASTIÃO LEME

Se nossa fé e práticas eucarísticas forem fervorosas, para logo alcançaremos os seguintes frutos, que S. Boaventura assegurava aos homens de oração: suportar com paciência as adversidades, vencer as tentações e os afetos desregrados, conhecer e evitar os laços do demônio, extirpar os defeitos e ornamo-nos de todas as virtudes.

# O ÉCO

NA cidadezinha, centro de uma piedosa romaria, o "Hotel dos Peregrinos" tinha a preferência dos devotos, graças ao asseio, à bôa cozinha e ao seu éco incomparável.

Visitar o santuário e não ouvir o éco era ir a Roma e não vêr o Papa.

O éco era a principal atração do lugar.

Há lugares célebres pelas aguas como Caxambú; ou pela estupidez dos habitantes como Abdera na antiga Grecia; ou pelas goiabas, como S. Gonçalo; ou pelo assaí como o Pará: a cidadezinha tinha no éco a mais lídima de suas glorias e a melhor fonte das receitas.

Nas tardes, quando o ar era mais sêco, a viração mais quieta e a resonância mais cristalina, o hoteleiro chefiava os fregueses, através das macegas da vasta chácara, até o local do curioso fenômeno. Cada romeiro aplicava, por seu turno, a bôca a uma frincha do rochedo, e confiava à rosa dos ventos uma palavra. As ondas acústicas veiculavam o nome emitido que repercutia, vales em fóra, sete ou oito vezes, num decrescendo sàbiamente graduado.

— Bonito! — gritava, por exemplo, o cristão.

E, por cima das planícies, cascateavam, musicais e claras, as sílabas, até morrerem:

— Bonito... bonito... nito... nito... to... ôôô!...

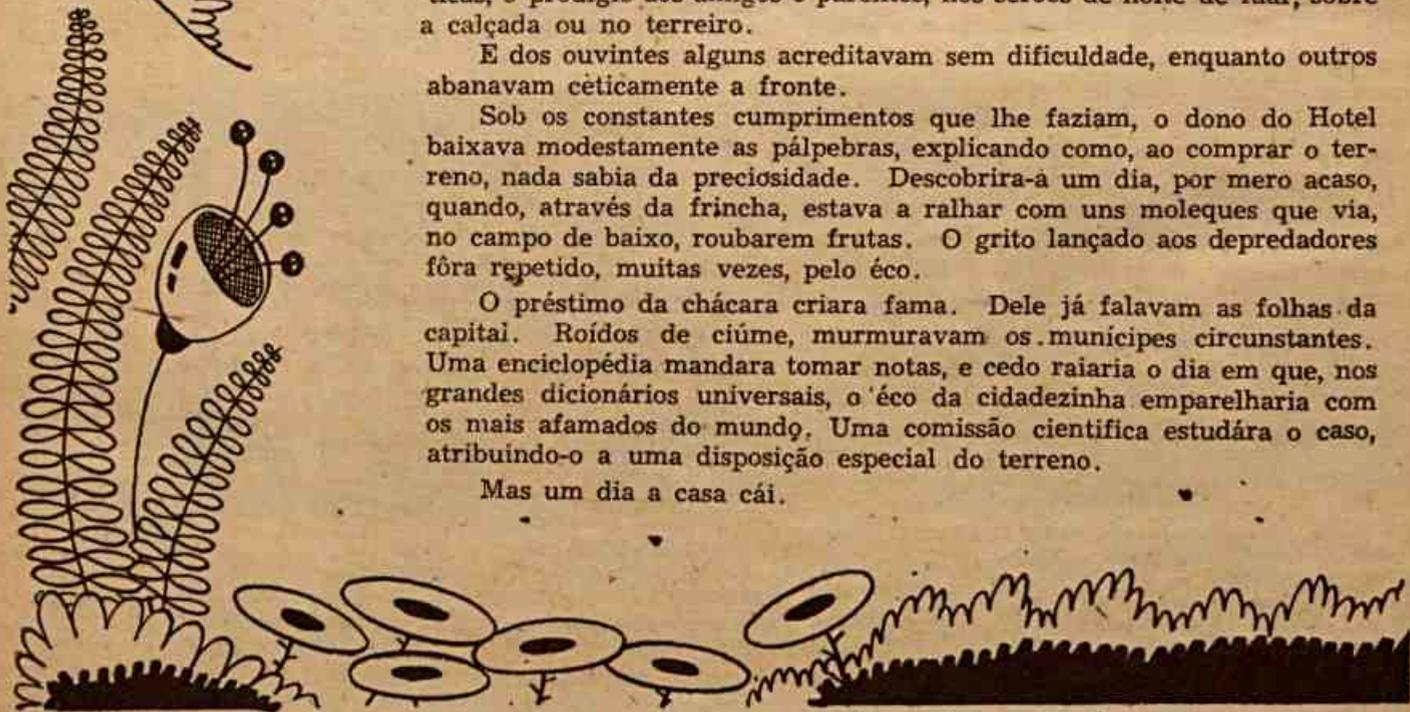
E sempre a assistência pasmava de espanto.

De volta à paróquia os romeiros descreviam, com frases encomiásticas, o prodígio aos amigos e parentes, nos serões de noite de luar, sôbre a calçada ou no terreiro.

E dos ouvintes alguns acreditavam sem dificuldade, enquanto outros abanavam cèticamente a fronte.

Sob os constantes cumprimentos que lhe faziam, o dono do Hotel baixava modestamente as pálpebras, explicando como, ao comprar o terreno, nada sabia da preciosidade. Descobrira-a um dia, por mero acaso, quando, através da frincha, estava a ralhar com uns moleques que via, no campo de baixo, roubarem frutas. O grito lançado aos depredadores fôra repetido, muitas vezes, pelo éco.

O préstimo da chácara criara fama. Dele já falavam as folhas da capital. Roídos de ciúme, murmuravam os munícipes circunstantes. Uma enciclopédia mandara tomar notas, e cedo raiaria o dia em que, nos grandes dicionários universais, o éco da cidadezinha emparelharia com os mais afamados do mundo. Uma comissão cientifica estudára o caso, atribuindo-o a uma disposição especial do terreno.

Mas um dia a casa cái.

O acaso, êste poderoso auxiliar da ciência, ia revelar o que escapara ao grupelho acadêmico.

Havia no lugar um pai de familia, dotado de uns oito filhos. Para dar de comer à ninhada o pobre homem, que era tambem um pobre, suava o topete na cavação da vida.

Cantava no côro da igreja. Tinha uma bela voz de tenor, formada à lei da natureza, mas bastante expressiva, graças ao talento musical, inato em muitos populares brasileiros. O canto-chão não tinha mais segredos para o bom do homem que até, como os galos, por saber tudo de cór, poderia cantar de olhos fechados.

Entretanto, os proventos da liturgia não davam bem para a roupa e a comida da prole devorante. Era preciso procurar, fora do santuário, algum biscate. Favorecido pelos seus dons vocais, o amigo sempre ia, com efeito, arranjando alguma achega.

Quando os romeiros rumavam ao local do éco, esgueirava-se, mui cosido às sebes, um homem que parava ao sopé do oiteiro, onde se ocultava entre dois rochedos, bem na raiz da caverna misteriosa.

De orelha em pé, aparava na concha dos ouvidos os gritos vindos de cima, e com arte consumada, arremedando as vozes, confiava ao espaço, num trinar diabòlicamente decrescente, as palavras dos peregrinos.

De tal modo se houve o artista que nunca, jamais, em tempo algum, uma pessôa qualquer suspeitou o ardil.

Dizer que o éco provinha da garganta do cantor sacro seria revelar um segredo de polichinelo, que o leitor inteligente já adivinhou.

Quando, na hora do portento, o homem, retido no santuário, não podia vir à chacara o hoteleiro, mui entendido em meteorologia, explicava que a umidade prejudicava o éco, e que o melhor era esperar que o vento mudasse. Tivessem uma ou duas horas de paciencia, que nada perderiam por ter esperado.

Favoravel se tornava a atmosfera logo que o cantor deixava a igreja, mas não houve quem desse pela coincidência dos dois fenômenos.

Em certas épocas, e o éco enfraquecia ou enrouquecia, e tinha uma sonancia quasi que velada, quando uma epidemia de constipações grassava na região. Nestes dias, o artista jazia na rêde, prostrado por alguma gripe ou febre.

O hoteleiro, muito hábil, tinha que se apartar dos romeiros na gruta, e, correndo a todo pano, ia ocupar, entre os dois rochedos, o lugar de cantor. Quem não tem cachorro caça com o gato.

Um dia veio, à testa de alguns paroquianos, um bom vigário, amigo da risada. Anseiava por apreciar o prodígio da acústica, e fizera aos seus fieis uma preleção sôbre o caso.

Contara como o som, topando num obstáculo, volta para traz, e como, encontrando três, ou cinco, ou sete, ou mais empecilhos, a voz esbarra infalivelmente, e o retorno acústico se realisa três, cinco, sete ou mais vezes. Cada qual podia gritar um nome pois esse mesmo nome regressaria ao ponto de partida, numa toada sempre mais fraca.

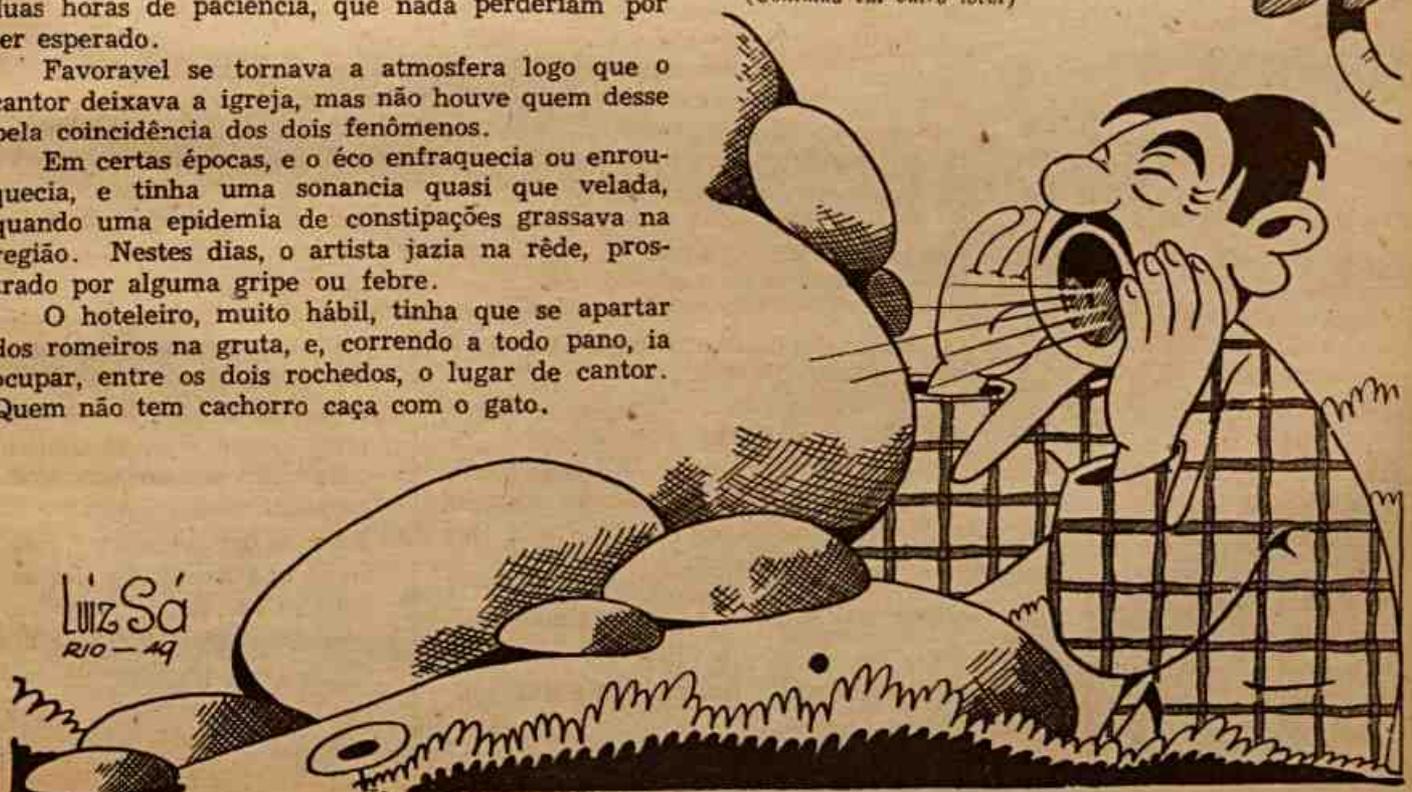
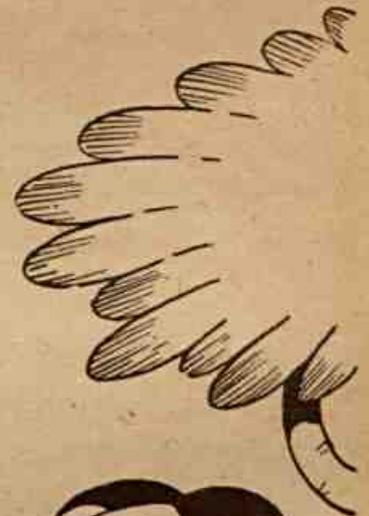
Na hora do costume, os romeiros foram à famosa pedra, precedidos pelo dono da chacara, a quem ladeava o padre, a contar anedotas e soltar risadas.

O vigario aproximou-se da frincha, onde apoiou os lábios. Alí, pondo as mãos em forma de porta-voz, inchou as bochechas e, com voz estentórica, como se estivera numa basílica espaçosa a cantar missa, modulou um tonitroante: *dominus vobiscum!*

A repercussão pelos vales não se fez esperar. Levantou-se um gorgeiar, mas... ó estupor! ó milagre! ó violação das leis eternas!... Em vez de devolver, multiplicando-as, as sílabas confiadas ao espaço, o éco atirou aos quatro pontos cardiais um formidoloso:

— Et cum spiritu tuo... spiritu tuo... rito tuo... tuo...ôôô!...

Completamente desnorteado nas suas modestas noções cientificas, o padre virou-se para o hoteleiro, deitanlhe olhares interrogadores. Passando em breve por tôdas as côres do arco-iris, o dono

(*Continúa em outro local*)

# OS OBELISCOS

PODE-SE afirmar que os menhires — pedra larga, fincada verticalmente no chão — das primeiras civilizações, foram a origem dos obeliscos.

Aos antigos egipcios se deve a forma singular e os adornos — pinturas ou relevos — ostentados nesses curiosos monumentos.

Todos os obeliscos prcedentes do Egito são feitos de granito rosa, o qual era extraido das pedreiras de Assuan e constam de uma só peça, constituindo esta qualidade o seu principal mérito.

Tinham muitos metros de altura e o formato piramidal. Nas quatro faces eram gravados ieroglifos, que indicavam geralmente o nome do faraó que o tinha feito erigir. O obelisco era colocado á frente dos grandes templos ou nos grandes palácios. Alguns chegavam a ter cerca de 60 metros de altura, sendo devéras penosa a tarefa de elevar tão grande peça de granito sem os materiais e máquinas de que hoje dispomos. Verdade é que este trabalho custava a vida de muitos homens.

Os obeliscos foram sempre elevados sôbre pedestais que tinham mais largura do que a base e muitos eram de bronze dourado, na parte superior, e brilhavam com os raios de sol. Na epoca da V dinastia dos faraós ou reis egipcios, foram erigidos muitos obeliscos em honra a mortos ilustres. O mais antigo que se conhece é o de Heliopolis e outro não menos famoso é o chamado Agulha de Cleopatra, elevado em Heliópolis por Tutmosis III, transportado para Alexandria na época de Tibério e muitos séculos depois para New York, sendo trasladado para a Inglaterra em 1877 num barco especial e colocado em Londres, nas proximidades da ponte de Waterloo.

O obelisco de Luxor, na praça da Concórdia, em Paris, também não é menos notável do que os acima mencionados; foi ofertado por Mehemed Ali à França e data da época de Ramsés II.

Os antigos gregos e romanos também tiveram obeliscos, porém não tão belos como os dos egipcios. Em muitas cidades modernas existem obeliscos erigidos para comemorar algum acontecimento importante ou simplesmente como adorno.

## ÓCULOS NOVOS

—Agora, sim, doutor. Estou enxergando que é uma beleza !! Até logo...

— Venha tambem !

JEAN-LOUP

# Aventuras de Zé Macaco

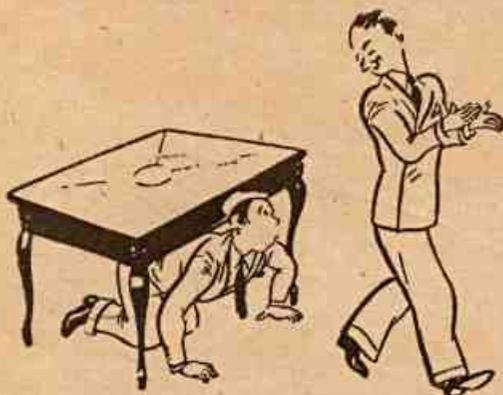
Foi oferecido um grande e lucrativo negocio ao Zé Macaco. Tratava-se de um aparelho formidavel que em cinco minutos produzia 50 duzias de pãezinhos diminutos! Zé Macaco achou o negocio maravilhoso e comprou o aparelho por bom dinheiro. — Logo na

priemeira experiencia Faustina achou que o pãosinho era durissimo. Não havia dentadura que resistisse!

Mas Zé Macaco não é homem que se entregue à adversidade. Visto o fracasso do pão aproveitou os mesmos e tratou logo de construir uma vivenda.

Fez uma casa de pão duro, isto é, com os pães intragáveis da celebre máquina.

Faustina ficou encantada, e prometeu mudar-se para ela logo no dia seguinte.

Mas, o porco, ou melhor o espirito do porco estragou tudo, pois o bicho, que tem bons dentes comeu a casa de pão duro, numa noite.

# Um "trote" interessante

M trote interessante para ser passado em um colega no colégio ou em alguma festa em sua casa.

Você chama um colega qualquer e convida-o a fazer uma aposta.

— Quer apostar comigo ? Eu garanto que, se você entrar para baixo desta mesa, e eu der dois murros em cima dela, antes que eu dê o terceiro murro você sairá de lá !

A "vitima" cairá infalivelmente na rede, teimando que não sairá, desde que seus sôcos não sejam tão fortes que desmantelem a mesa.

Aceitas as condições, êle entra para baixo do movel. Você, aí, dará o primeiro sôco — que não precisa ser exageradamente forte — dá o segundo e lhe pergunta.

— Que dia é hoje ?

O colega responderá a data em que se estiver e você então, responde, ganhando a aposta:

— Pois daqui a um ano eu voltarei aqui, para dar o terceiro sôco na mesa...

E, tranquilamente, se afasta. E' claro que êle terá que sair de onde está, antes de um ano, e com isso perderá a aposta...

## Pérolas da América

PODE-SE dizer que a história da pescaria de pérolas, na América, começou em 1499, quando Cristovão Colombo descobriu o golfo de Pasia, cujos indios se enfeitavam com colares de pérolas, um dos quais Colombo enviou à rainha Isabel. Essas pérolas de magnífico oriente pesavam mais de trezentas gramas.

Quando Vasco Nunez de Balboa cruzou o istmo de Panamá, em 1513, viu indios do golfo de S. Miguel extraindo pérolas de ostras encontradas na praia durante fortes temporais.

Hernan Cortés ao descobrir a Baixa California, em 1526, viu que os indígenas usavam lindas pérolas pescadas no golfo. Montezuma tinha entre suas joias pérolas de grande valor. Também Hernando de Soto, ao internar-se na Florida ficou admirado ao ver os formosos colares de pérolas que ostentava a rainha de uma tribu.



## GASES ASFIXIANTES

OS gases asfixiantes eram conhecidos como arma de combate muito antes da polvora. Os peloponeses, no ano de 424 Antes de Cristo, conquistaram a cidade de Delos atirando sôbre esta gases sulfúricos.

Também na idade média esta arma foi empregada com o nome de "fogo grego" apesar desta invenção pertencer aos chineses, os quais a utilisaram muito antes dos gregos, infestando os campos inimigos com "recipientes fétidos".

Sabemos já que os indios se defendiam dos conquistadores hespanhóis usando emanações mortíferas. Ovideo de Valdés conta que, em uma batalha, em 1532, os indios levavam em uma das mãos uma pá cheia de brasas e na outra uma vasilha contendo pimenta moida a qual jogavam sôbre as brasas, quando o vento era favorável, para que as rajadas atirassem ao campo inimigo os seus vapores venenosos e dificultassem a tarefa dos hespanhóis.

Os efeitos destes vapores de pimenta eram terriveis nas vias respiratórias.

# CONCLUSÕES
## DOS CONTOS DESTE ALMANAQUE

### O SINO DE JOKJAKARTA

*(Conclusão da pg. 23)*

Logo depois foi o moço introduzido no salão pelo grão-vizir.

Êste último, após a reverência de praxe, apontou para Medang, dizendo solenemente:

"Ei-lo, ó Princesa; o teu futuro esposo."

O Sultão levantou-se e ordenou a Medang, estonteado com a beleza da princesa, que mostrasse o sino a sua filha.

— "É verdade, meu pai e senhor," — disse Alilah, — êste é o menor sino da mais alta torre do mais belo templo da nossa maravilhosa cidade. E, conforme meu voto, casarei com êste homem.

— "Teu desejo será cumprido, minha filha", disse o Sultão. Mas, antes de fazer dêste rapaz o meu sucessor, quero saber como chegou a apoderar-se do sino quando tantos outros falharam".

Medang, obedecendo à ordem do Sultão, contou tudo: falou da profissão do pai e como êle mesmo sempre tinha pena das salanganas, como tinha ajudado a salanganas, e como a salangana provára sua gratidão, trazendo-lhe o sino de ouro, causando assim a morte do dragão.

Quando Medang terminou a narrativa, o Grão-Vizir levantou a voz:

— "Senhor, meu Sultão, protesto! Esse rapaz não preencheu a condição exigida pela Princesa, pois não foi êle pessoalmente que derrubou o dragão e que retirou o famoso sino de Jokjakarta."

Mas o Sultão, com o seu sorriso de sábio, respondeu:

— "Tens razão, meu fiel ministro — mas apenas parcialmente, que o sino está aqui aos pés da minha filha e a nossa cidade está para sempre livre do dragão negro. O que importa mais, porém, é que o futuro Sultão de Jokjakarta tenha dado provas da sua bondade para com os seres vivos — ajudando um simples pássaro — e da sua sinceridade — contando-nos tôda a verdade, sem vangloriar-se falsamente. Não são estas as duas qualidades mais necessárias para quem queira reinar?"

E assim aconteceu que o casamento de Medang foi celebrado com brilho jamais visto na maravilhosa cidade de Jokjakarta, no belo templo em cuja torre mais alta faltava um sino pequenino. Mas no lugar do sino encontrava-se, naquela ocasião, um pássaro escuro. Cheio de alegria contemplava o povo reunido para ver o cortejo nupcial, o Sultão, os oficiais da Côrte e os noivos felizes. E tão contente estava a salangana — pois vocês já adivinharam que era ela, que piscou os olhinhos para o pai e os irmãos de Medang. Êsses, trajando vestes ricamente ornamentadas com pedras preciosas, iriam viver de agora em diante na Côrte de Jokjakarta e nunca mais perseguiriam as salanganas de Karang-Kallong.

— Se sua mãe compra dois quilos de uva, a vinte cruzeiros o quilo, quanto pagará?

— Não sei... Mamãe é pechincheira que a senhora não imagina!

### O Leão e a Raposa

*(Conclusão da pg. 121)*

*a Raposa. Esta, mais que depressa, ia fugir, quando êle falou: — Dona Raposa, desate-me as patas. Tire-me desta situação. Todos os outros animais se rirão de mim quando me virem assim. Dou-lhe a minha palavra de rei que nada lhe acontecerá e hei de deixá-la beber água à vontade se cortar êstes cipós.*

*A Raposa ficou indecisa e depois de pensar um pouco falou consigo mesma. — Se não o solto, outro animal o fará e êle me castigará. É melhor confiar na sua palavra.*

*Chegou-se então ao rei dos animais e desatou-lhe os cipós. Êste, mal se viu livre, com uma violenta patada matou-a e ali mesmo devorou-a todinha.*

*E assim foi duramente castigada a astuciosa Raposa, por querer abusar da fôrça do Leão.*

# A formiga carregadeira

(Conclusão da página 34)

— Como é, formiga, encontrou o ouro ?

A formiga ficou com mêdo de dizer que tinha encontrado e para não mostrar o caminho, correu para o buraco e se escondeu.

Ninguém sabia porque, a formiga tinha entrado para a terra, não aparecia. Ela havia encontrado o ouro e começou a jutar só para si. Mas, depressa viu que só do o ouro e começou a juntar só com ouro ninguem come nem bebe.

Então ela apareceu para arranjar comida.

De novo o lavrador perguntou:

— Formiguinha você encontrou ouro ?

Ela ficou com mêdo que soubessem do seu tesouro escondido. Mas já estava ficando magrinha, porque não tinha o que comer.

Os homens, que tinham revolvido toda a terra a enxada, já estavam desistindo de encontrar o ouro; estavam, porém contentes porque o milho, o feijão e a batata tinham florido e agora estavam dando frutos.

Então a formiguinha, quase sem forças para andar, chegou à beira do buraco, pedindo um pedacinho de pão.

— Formiguinha você encontrou o ouro ?

A formiguinha, muito egoista, ficou mais nervosa e, temendo sempre que o homem de enxada cavasse até o seu tesouro e levasse a sua riqueza, arrastou-se até o fundo do buraco. Contudo não aguentava mais de fome. Esperou caír a noite e quando os homens cansados do trabalho, foram dormir, saiu das profundezas onde tinha sua riqueza, para destruir o celeiro do trabalhador. Com mêdo do frio começou a arrancar das árvores tôdas as folhas, carregando-as para fazer o seu cobertor e veio até a cozinha da casa do lavrador para furtar o milho e o feijão. Por isso ficou sendo a formiga carregadeira.

Eis também porque ela fez sua moradia no fundo da terra e só de noite póde vir roubar e destruir o que o homem planta e colhe, mas não conta a ninguem o segredo do seu tesouro.

# AS ESTRELAS DO POÇO

(Conclusão da página 49)

entre o raio de luar, ainda a tempo de ouvir a menina dizer:

— Tinham me prometido, um presente...

— E não o esquecemos — responderam as duas estrelas ao mesmo tempo. — Espera um pouco e o ganharás.

Momentos depois desapareciam completamente.

Durante tôda a noite Angela quase não dormiu; só pensava no presente que as estrelinhas lhe haviam prometido.

Que seria ?

Alguma boneca com sapatinhos de verniz e vestido de sêda que dizia: — Mamãe ? Igual à que ela vira nos braços de uma menina rica ?

Iria ganhar alguma bateria de cosinha ? Ou uma mobilia para bonecas ? Também podia ser que ganhasse um estojo de costura, com dedal, tesoura, linhas de diversas côres e um pano para bordar ou cozer... Seria algum livro de historias? Ou algum bichinho peludo, dos que têm movimento e que sáem correndo ou dançando quando se dá corda ?

Uma afinidade de brinquedos povoava a cabecinha de menina e lhe tirava o sono.

No dia seguinte, ao se mirar no espelho, Angela viu qual fôra o presente das estrelinhas. Seus olhos que eram tristes e sem luz, estavam lindos e brilhantes. Seu fulgor lembrava duas estrellas, eram mesmo a imagem das duas estrelinhas fugitivas. Estavam encantadores.

E mais tarde suas filhas, e as filhas de suas filhas tiveram também olhos brilhantes e lindos, com um raro e estranho fulgor que as fez famosas em todo o país..

— Aqui está a conta, doutor. Deseja mais alguma coisa ?
— Homem... eu desejaria... que aparecesse alguem que a pagasse por mim...

# O ÉCO

(Conclusão da página 133)

do éco rodopiou sôbre os calcanhares, soltou um ai, e caiu redondamente morto..

Como se dera o desastre ?

Dominado pela fôrça do hábito, o sacristão julgara-se na igreja, a responder ao celebrante.

Os sons perpetuamente unidos chamam-se reciprocamente. A mesma pergunta provoca irresistivelmente as mesmas respostas. O principio de uma frase arrasta, atraz de si, instintivamente, a cauda desta frase. O *dominus vobiscum* do vigário suscitara o *cum spiritu tuo* do cantor. Este, quando reparou na imensa rata, quís emendar-se, mas não havia mais tempo! Palavra saída da bôca é como pedra saída da mão. Ninguem as alcança mais.

Foi assim que se apagou, no ridiculo e na galhofa, a fama do éco, que tirava o sono aos municipes visinhos.

# SOLUÇÕES
## DOS PROBLEMAS DESTE ALMANAQUE

### dAivinhe, adivinhador

(Pag. 4)

(SOLUÇÃO DOS PROVÉRBIOS)

*1.° Provérbio*: "Depois da tempestade vem a bonança".

*2.° Provérbio*: "Cada qual com seu igual".

---

### "Você é esperto?"

(Pag. 111)

I — Molhar-se, é claro.

II — Se êles foram presos juntos na mesma cela, não havia "detenção solitária".

III — Antes de se casar a noiva ainda não tem esposo.

IV — Se êle é *o único* barbeiro, não há outro que lhe faça a barba, logo êle mesmo se barbeia. Portanto, *faz* a barba a um dos moradores que se barbeia a si mesmo, e que é êle próprio.

V — De dez pessoas. O irmãozinho é sempre o mesmo, para cada irmã.

VI — As partes são 8 — 12 — e 20.

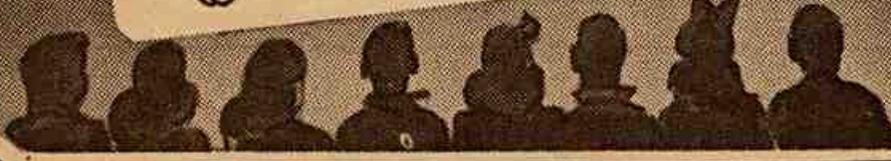
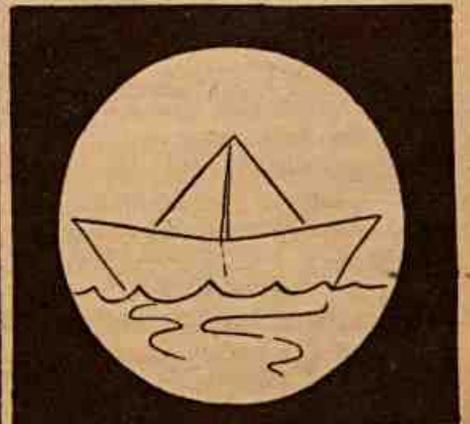
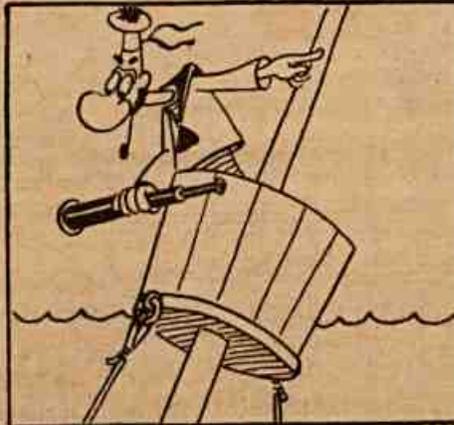
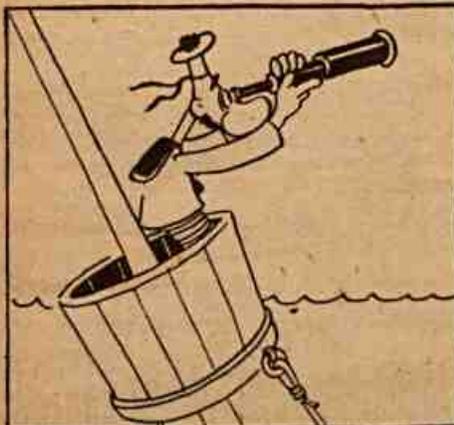


# Dia das Mães

O segundo domingo de maio é mundialmente conhecido como o Dia das Mães.

Teve a sua origem no afeto sincero de Miss Annie Jarvis, de Filadélfia, América do Norte, por sua extremosa mãe. Ela perdera sua mãe, o que lhe causou profundo abalo.

Um grupo de amigas procurou abrandar-lhe a dôr com uma comemoração especial. A srta. Jarvis preferiu, entretanto, que a homenagem fôsse prestada a tôdas as mães, vivas e mortas. E assim teve início o Dia das Mães, que rapidamente se propagou pelo mundo inteiro.

O primeiro govêrno a consagrar oficialmente a data, foi o norte-americano. A 9 de maio de 1914, o Presidente Woodrow Wilson decretou oficialmente a observancia do Dia das Mães, de acôrdo com resolução do Congresso. Outros govêrnos tiveram gesto semelhante. No Brasil, a data foi oficializada por decreto baixado em 5 de maio de 1932, que estabelece: "O segundo domingo de maio é consagrado às mães, em comemorações aos sentimentos e virtudes que o amor materno concorre para despertar e desenvolver no coração humano, contribuindo para o seu aperfeiçoamento no sentido da bondade e da solidariedade humana".

## BARCO À VISTA!!!

A rena, utilíssimo animal, é justamente chamada "o camelo do deserto ártico". Pouco sensível ao frio, movimenta-se rapidamente no gêlo e nos pântanos. Alimenta-se de musgo. Mesmo no inverno a rena procura o musgo, debaixo da camada de gêlo.

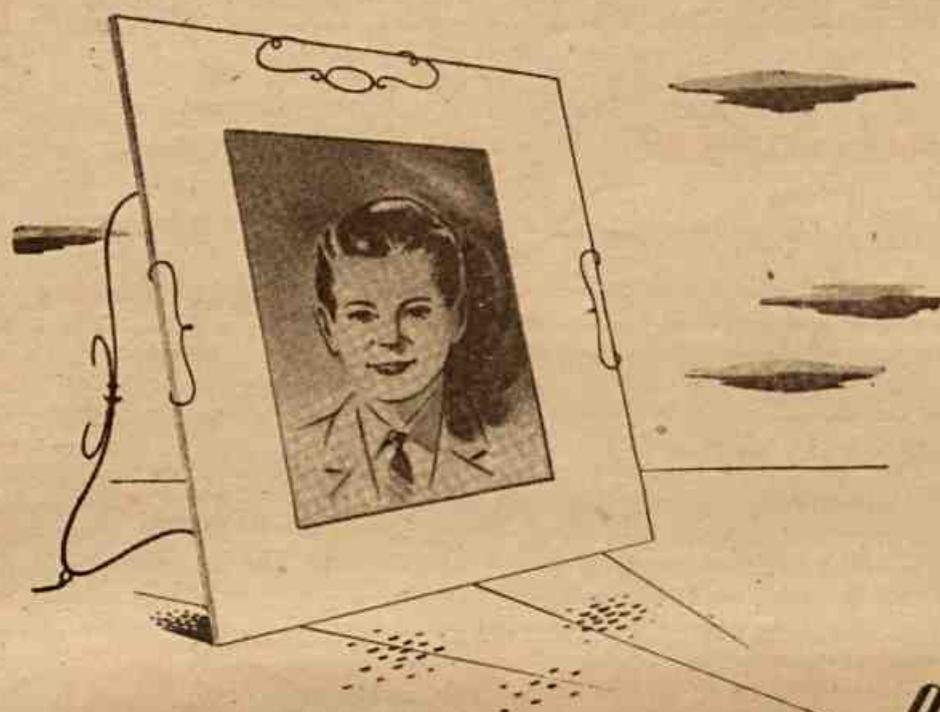
●

E' bom lembrar, aos estudantes brasileiros, que em nosso país não se admite o plural bolsos (com o primeiro O aberto, bólsos). Nossos amigos e irmãos portuguêses, entretanto, segundo alguns autores, é que às vezes usam bólsos. Continuemos a preferir bôlsos.

●

Conta-se, que, certa vez, o imperador Pedro II teria dito, em Canes, a um grupo de brasileiros:— Si eu não fôsse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre, que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro!

●

Um terço da superfície do deserto do Saara é coberto de areia. Encontram-se, nêle, enormes extensões pedregosas, e grandes cordilheiras, que vão além de dois mil metros.

●



# O improviso

EDUARDO Ferravilla, morto em 1915, era um ator cômico de grande popularidade. Mas certa ocasião, deram-lhe um papel dramático, no qual devia representar um traidor que, sendo preso, tenta desesperadamente fugir, encontrando desgraçadamente todas as portas trancadas.

Assim que se viu só em cena, pôs-se a representar maravilhosamente o seu papel, batendo em tôdas as portas que davam para o fundo e gemendo de encontro a cada uma delas:

— Está fechada!...

Quando se atirava de encontro à quarta porta, esta, que estava mal pregada, cedeu completamente e escancarou-se.

Ferravilla imediatamente puxou-a para dentro, consertou-a, e, depois de se ter assegurado de que estava completamente restaurada, murmurou:

— Até que enfim, esta também está fechada!...

O público fartou-se de rir e o ator teve uma das maiores ovações da sua vida.

# Gente Palavrosa

Há gente que fala sem necessidade, apenas por falar, como se não pudesse manter a bôca fechada.

Vamos contar a vocês dois casos de gente assim.

Um, ocorreu com um homenzinho que tinha por emprêgo receber as passagens dos passageiros nos trens. Gostava, como só êle, de um discursinho. Para êle, até parecia que todos os dias eram dias aniversário de alguém.

Quando entrava de serviço, logo ia preparando o discurso que haveria de dizer aos passageiros. E quando um passageiro custava a lhe entregar a passagem, falava assim (não se assustem...):

— Meu carissimo amigo, não desejo molestá-lo, absolutamente, com uma frase que seja um lugar-comum sôbre as condições atmosféricas destes momentos aflitivos. Não desejo, tão pouco, referir-me à tragica situação atual que enluta e desespera o mundo assoberbado e inquieto. Desejo apenas fazer constar ao ilustrado amigo que, (pausa) na minha humilde condição de empregado assalariado desta emprêsa de transporte coletivo, autárquica, sou forçado, premido pela necessidade de fazer cumprir o nosso bem elaborado, embora um tanto rigoroso regulamento, a solicitar-lhe que me faça entrega imediata do papelucho que representa a sua passagem, de acôrdo com a Lei e a Constituição em vigôr . . .

OUTRO caso parecido era o daquele advogado que, por certos motivos, teve de abandonar a carreira. Tratou de arranjar emprego, e como era homem decidido, não escolhia qualidade de trabalho. Queria era ganhar o seu dinheiro sem prejudicar ninguém, trabalhando honestamente, como devem fazer todas as pessôas direitas.

Dessa forma, o nosso amigo foi acabar sendo vendedor de frutas. Arrumou sua quitanda, e esperou os freguezes.

O primeiro comprador que apareceu foi uma velhinha. Veio, examinou as frutas, pegou numa porção delas, cheirou, e acabou escolhendo uma laranja.

O novo quitandeiro, que ainda estava com os hábitos da antiga profissão de advogado, viu chegar a freguesa com alegria e a ela se dirigiu.

— Em que posso servi-la ?

— Quero esta laranja. Quanto custa ?

— Minha senhora — respondeu o causídico, completamente esquecido de que agora era quitandeiro — cedo-lhe no todo e em parte os meus direitos e titulos de propriedade e usufruto de e sobre essa laranja com sua casca, polpa e semente, assim como todos os direitos a ações relativas à ampla capacidade de morder, cortar, chupar ou comer de outro modo a supra-dita-laranja; e, para cedê-la com ou sem casca, sumo, polpa e semente, sem me reservar nenhuma das ações legais que, em virtude desse ato, lhe outorgo sôbre a mesma, custa cinquenta centavos.



— Só temos queijo, apenas queijo para jantar ? — perguntou o marido, quando se sentou à mesa.

— Só. — respondeu a esposa. E explicou:

— Quando os bifes pegaram fogo e cairam dentro da panela do doce, eu tive que usar a sopa, para apagar o incêndio . . .

DOIS "camaradas" russos, Mischa Petroff e Ivan Poplianovitch, gostavam de discutir. Estavam em pé numa rua de Moscou, assistindo a uma parada militar. Atraz dos cossacos a cavalo, passou um regimento de Infantaria, que despertou a atenção deles.

— Olha só — disse Mischa. — Bonito ! Mas, dize-me uma coisa: os homens crescem para cima ou para baixo ?

— Para baixo — respondeu Ivan.

— Como sabes ?

— Porque quando eu cresci, meu capote ficou curto em baixo.

— Estás enganado ! Crescem para cima !

— Ih ! Por que ? Por que ?

— Olha êsses soldados. Em baixo, todos têm a mesma altura . . . Em cima, não ! . . . Logo . . .

(Os russos são muito inteligentes.)

OLHEM ESTE:

— Como é seu sobrenome ?

— Raichilonsparnlockosovitch

— Como é que se soletra ?

— Sem pronunciar o "t" entre o "i" e o "c".

## Aniversários de Casamento

1.º aniversário — Bodas de algodão
2.º aniversário — Bodas de papel
3.º aniversário — Bodas de couro
4.º aniversário — Bodas de madeira
5.º aniversário — Bodas de ferro
6.º aniversário — Bodas de chumbo
7.º aniversário — Bodas le lã
10.º aniversário — Bodas de estanho
12.º aniversário — Bodas de seda ou linno
15.º aniversário — Bodas de cristal
20.º aniversário — Bodas de porcelana
25.º aniversário — Bodas de prata
30.º aniversário — Bodas de pérola
40.º aniversário — Bodas de rubí
50.º aniversário — Bodas de ouro
60.º aniversário — Bodas de diamante.





### PIADA

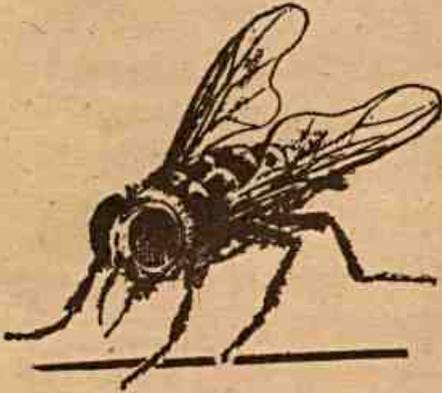
Certa vez um rapaz da capital foi excursionar pelo interior do país e, numa caçada, acabou perdo-se dos companheiros. Era noite quando foi bater na casa de um sertanejo pobre e pediu-lhe pousada.

O matuto perguntou-lhe:

— Vancê trouxe rede ?
— Não.
— Corchoado ?
— Também não.
— Cobertô ?
—Não trouxe.
— Ué .. intão vancê p'ra drumi só trouxe os óio ?

### Roberval... sempre sái mal!

# A MOSCA,

## INIMIGO TERRIVEL

A vida humana está sob ameaça constante de inimigos encarniçados e um desses inimigos mais terriveis é a mosca, aparentemente inofensiva e até engraçadinha.

Há 2400 anos, Hipócrates chamou a atenção sôbre os perigos do tifo, doença que tem causado mais vitimas do que qualquer guerra.

Atacados desse mal, morreram 15.000 soldados de Isabel, a Católica, quando do assédio de Granada, e 25.000 franceses no sitio de Napoles, no século XVI.

Em 1813 foram aniquilados 250.000 alemães e entre 1919 e 1922, sucubiram 3.000.000 de russos e outros 7.000.000 foram hospitalizados, todos vitimados pelo tifo.

Ora, em 1895 um cientista, Dr. R. Kobert demonstrou que é a mosca que propaga, ou leva de um enfermo à pessoa sã, a terrivel febre tífica.

A mosca deposita nos alimentos e nos objetos de uso pessoal os micróbios do tifo, que vai recolhendo nas suas patinhas, quando pousa e passeia nas cousas pertencentes aos doentes. A mesma cousa se dá com os micróbios de outras enfermidades, como a tuberculose, por exemplo.

Por isso devemos combater as moscas, e ter cuidado evitando que elas pousem nos alimentos, doces, copos, etc.

Nos dois circulos que você está vendo aqui, aparecem, à esquerda, os micróbios causadores do tifo, e a direita, a extremidade, olhada ao microscópio, da patinha de uma dessas perigosas moscas. Cada mosca carrega até 5.000.000 de germes de perigosas enfermidades.

Guerra, pois, às moscas, e tôda a limpeza possivel!



# A PÓLVORA

A pólvora é uma simples mistura de enxofre, carvão e salitre, que explóde com facilidade.

Era já empregada na China no ano de 1232, para lançar projéteis e acender fógos de artificio. Provavelmente foi introduzido na Europa e aperfeiçoada pelo monje Berthold Schwarz.

Com ela, nasceram as armas de fogo. Ao aparecer, a pólvora mudou totalmente o aspecto da guerra entre os homens. A arma branca, que era com o que se combatia até então, corpo a corpo, passou a segundo plano e os combates começaram a ser travados a distancias cada vez maiores. Além de seu emprego mortífero, a pólvora é utilizada industrialmente e é um auxiliar precioso dos mineiros, dos engenheiros e, particularmente, para abrir caminhos através das montanhas.

*— O mês passado perdi um tio. Ontem perdi um primo. Hoje perdi um sobrinho...*

*— Papagaio! Isso não é mais distração! Já é relaxamento!*

*— Em geral; todas as pessoas têm um pé maior que o outro.*

*— Eu, não. Eu tenho um menor que o outro...*

**DO DIARIO DE UM HOMEM ROUBADO**

**"Estou agradecido. Primeiro: porque nunca me haviam roubado antes. Segundo: porque embora me levassem a carteira, não me tiraram a vida. Terceiro: porque o dinheiro que estava dentro da carteira não era muito, e era meu mesmo, e não de outra pessoa. Quarto: porque foi a mim que roubaram, em vez de ser eu quem roubasse alguém. Obrigado, meu Deus!"**

# O CALIFA

No outro tempo em Bagdad, Almanzor, o Califa
Um palácio construiu todo de ouro: a alcatifa
De jaspe, a colunata em pórfiro e o frontal
De tôda a pedraria asiatica, oriental.

E em frente dêsse asílo em piscinas de luxo
Chovia áurea poeira ás fontes em repuxo.
Ora, ali perto havia em frente ao monumento
Uma choça mesquinha, esfarrapada ao vento,
Quasi a cair, humilde e tristonha mansão
De um velho pobre, velho e simples tecelão.
Essa mísera casa, ao certo transtornava
A suntuosa impressão do Palácio. Causava
Não sei que dôr, talvez asco. Desagradavel,
Tanta riqueza ao pé de choça miseravel!
Convinha, pois, destruil-a. E ao velho tecelão
Oferecem dinheiro, e o velho disse
"—Não.

Guardai vosso ouro todo; esta casa que habito,
Nunca será vendida, antes seja eu maldito,
Arrasai-a, porquanto é-vos facil poder.
Nela morreu meu pai e nela hei de eu morrer."
E à resposta do velho o califa Almansor
Esteve a meditar. Um dos servos: — "Senhor!
Sois poderoso e rei, vós podeis sem vexame
Essa casa arrazar, já e já, sem exame.
Pois vós! retroceder diante de um tecelão!"
Almansor, o Califa, ergueu-se e disse:
" — Não!

Eu não quero destruir a mesquinha choupana.
Quero de pé, bem junto a mim, essa cabana,
Porquanto a geração dos meus filhos se expande.
E quero que cada um a refletir, sem custo,
Vendo o palácio diga: — "Ave! Almansor foi grande!"
E vendo a pobre choça: — "Ele foi mais: — foi justo!"

JOÃO RIBEIRO

ALBUM N.º 5

Afinal... Noiva! Para aquelas que em breve concretizarão seus ideais de amôr, apresentamos êste album que é um completo manual de sugestões e conselhos, um verdadeiro colaborador das noivas na confecção das peças de um enxoval prático, elegante e encantador!

São 44 paginas contendo os mais originais desenhos e sugestões, com explicações minuciosas e completas para a execução dos trabalhos.

Gentil noiva, com êste album o problema do seu enxoval estará resolvido!

PREÇO: Cr$ 20,00

## Figurino Infantil

ALBUM N.º 1

Êste album foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentaria das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modelos de vestidos e roupinhas.

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modelos, todos graciosos e artísticos, em virtude das explicações claras que o album oferece.

Um album-figurino de grande utilidade nos Lares!

PREÇO: Cr$ 25,00

## Lençóis artísticos

ALBUM N.º 3

Verdadeira maravilha em desenhos magníficos! Os trabalhos que as 44 páginas dêste album apresentam, satisfazem o mais apurado gôsto em beleza e distinção!

Os desenhos dos riscos, de grande originalidade, são apresentados em grande formato, com minunciosas explicações, tornando a execução do trabalho muito fácil!

Êste album é o mais perfeito que existe no gênero!

PREÇO: Cr$ 25,00

## Cama e meza

ALBUM N.º 5

O encanto e o conforto do Lar dependem muito do bom-gosto feminino. Êste album coloca à disposição das mãos femininas, modelos insuperaveis em aplicações de ponto cheio, ponto sombra e crivo. Guarnições de impecavel beleza, em desenhos de riscos originais, na medida da execução.

Êste album é de real utilidade ao Lar!

PREÇO: Cr$ 20,00

## COPA E COSINHA

**Album Nº 3**

O nome revela bem o valor dêste album: muitos e muitos desenhos, modernos e originais, para o bom aspecto das copas e cozinhas. Com capa a côres, dois esplêndidos suplementos em grande formato.

PREÇO: CR$ 25,00

## Enxoval do Bebê

ALBUM N.º 7

O enxoval do recem-nascido merece das mãis um cuidado todo especial! "O Enxoval do Bebê" resolve magistralmente o problema!

Êste album contem interessantissimas sugestões, que orientam facilmente a confecção de um enxoval bastante prático e, além do mais, algo gracioso, tão encantadores são os motivos de desenhos de riscos que suas páginas apresentam.

PREÇO: Cr$ 25,00

EDIÇÕES DA BIBLIOTÉCA "ARTE DE BORDAR"

ESTES albuns estão à venda em toda a parte. Não os encontrando na sua livraria ou agencia de revistas, peça-os — fazendo a encomenda com a respectiva importancia, ou pelo Reembolso — à S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — RIO DE JANEIRO

Uma compra feliz!
"TOUTE MODE"
MÉTODO DE CORTE E ALTA COSTURA
O "Método Toutemode" do prof. J. Dias Portugal está consagrado pelas próprias alunas como o mais fácil, mais simples, racional e compreensivel de quantos têm sido idealizados, visando ministrar o conhecimento dos segredos da arte de cortar e costurar.
Em um volume ricamente encadernado, que se presta à maravilha para um presente, estão contidos ensinamentos preciosos, acompanhados de cêrca de 400 figuras elucidativas, que esclarecem a execução de qualquer figurino ou modelo, por mais difícil que pareça.
O texto é claro, facílimo de compreender. Lições completas sôbre vestidos, blusas, saias godê, golas, mangas, pijamas, roupas de criança, roupa branca de senhoras, roupas brancas para homem, pontos de adorno, etc.
Preço do exemplar, ricamente encadernado, Cr$ 120,00
Em tôdas as livrarias.
PEDIDOS aos editores: S. A. "O MALHO" - R. Senador Dantas, 15 - 5. - Rio
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL
O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra,
ntem Cursos por Correspondência e nas Academias "Tou
node", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ra
lho Ortigão, 6, 1.º and. Tel. 22-8635 - RIO DE JANEIRO

Gráfica Pimenta de Mello — Rio.